φ

HISTÓRIAS DE MULHERES:

O ENVELHECIMENTO SOB A PERSPECTIVA

DE DIFERENTES CURSOS DE VIDA

ANA ZAHIRA BASSIT

Tese apresentada ao Departamento
de Prática de Saúde Pública da
Faculdade de Saúde Pública da
Universidade de São Paulo para
obtenção do Grau de Doutor.

Área de Concentração:
Serviços de Saúde Pública

ORIENTADOR: PROF. DR. ARNALDO
AUGUSTO FRANCO DE SIQUEIRA

SÃO PAULO

1999

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, por processos fotocopidores.

Assinatura:

Data:

38919/99 (doc)

Para Carmen Sylvia e Amim

(minha mãe e meu pai)

Pela jovialidade, sabedoria e alegria
com que vivem a vida em toda a sua
potencialidade.

ENVELHECER SORRINDO

BENEDICE¹

*Quando Alguém estando com a existência em meio,
Vendo aos poucos que a mocidade se afasta,
Sente-se confragir de mágoa e atroz receio
Da velhice, porque a supõe, má e nefasta.*

*Igual temor quase toda gente arrasta;
No entanto, a velhice claridade encerra,
Porque quase sempre, traz compreensão exata,
Discernida, da nossa missão na terra.*

*Afastando-nos da ambição, da vaidade
E paixões, que mais não são que inúteis troféus,
E nos ilumina de tranqüilidade,
Que nos dispõe ao Bem que nos eleva aos Céus.*

*Quanto ao Amor, que na matéria não se baseia,
Passando os anos será maior, será infinito.
É bem por isso, que minha alma não receia
A Velhice: EU QUERO ENVELHECER SORRINDO!*

¹ Benedice e Carmen Lúcia eram os pseudônimos que minha avó materna, Benedita Parreira Girio, costumava usar em seus trabalhos de pintura e poesia. Esta poesia foi publicada pela primeira vez no jornal *O Democrata* de Jaboticabal, em 6/3/58, sob o pseudônimo de Carmen Lúcia. Em 12/5/90, sob o pseudônimo de Benedice, foi publicada no *Jornal da Federação de Itú*, com ilustração de seu filho Carlos Rubens Girio.

AGRADECIMENTOS

Às MULHERES que, anonimamente, colaboraram para a realização deste trabalho com suas experiências de vida.

A CARLOS RUBENS GIRIO, meu tio, pelo trabalho que teve para recuperar, em meio a tantos papéis, a poesia que abre este trabalho.

Ao CNPq (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO), pela bolsa de estudo concedida.

À Prof.^a Dr.^a. AUGUSTA THEREZA ALVARENGA, pelo apoio e valiosas sugestões.

Ao Prof. Dr ARNALDO AUGUSTO FRANCO DE SIQUEIRA que, junto comigo, assumiu o desafio de terminar este trabalho, minha admiração e gratidão pelo apoio e orientação.

Ao Prof. Dr MIKE FEATHERSTONE, pela orientação e sugestões que viabilizaram a realização deste trabalho, minha admiração e gratidão pelo apoio e incentivo.

RESUMO

Bassit A Z. **Histórias de Mulheres: O Envelhecimento sob a Perspectiva de Diferentes Cursos de Vida.** São Paulo; 1999. [Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública da USP].

O campo do Envelhecimento foi caracterizado como sendo de investigação interdisciplinar, em função da diversidade de tendências teóricas e metodológicas existentes nos estudos que compõem esta área; como também quanto às naturezas biológica, social e psicológica de seu objeto de estudo. O conceito de curso de vida, proposto como conceito heurístico, nos permitiu verificar em que medida este permite ampliar nosso potencial de análise tanto dos problemas existentes em determinadas áreas do conhecimento, como também na delimitação e análise de novos problemas, especialmente na Saúde Pública; sendo que uma destas possibilidades parece ser a inclusão de novas histórias de vida.

Objetivos: Apresentar um balanço teórico-metodológico da produção científica no campo do envelhecimento, especialmente em relação às perspectivas teóricas e metodológicas que empregam o conceito de curso de vida como recurso de análise. Caracterizar os eventos e processos relacionados às formas pelas quais as mulheres, nascidas entre os anos de 1926 e 1936, compreendem e vivenciam o seu próprio envelhecimento. Verificar em que termos os depoimentos dessas mulheres sugerem novas reflexões teóricas e metodológicas que, virtualmente, possam ampliar este campo do conhecimento. **Metodologia:** Entrevistamos 12 mulheres com idades entre 62 e 72 anos, que foram convidadas apresentar o desenrolar de suas vidas no período determinado, bem como as formas pelas quais concebem e vivenciam o seu próprio envelhecimento. Os

depoimentos de vida foram analisadas a partir dos temas relacionados ao envelhecimento, como também de outros que emergiram do próprio texto. **Resultados:** O balanço teórico-metodológico apresentado nos permitiu verificar como o estudo do curso de vida se desenvolveu como campo de investigação interdisciplinar. Nos depoimentos foi possível reconhecer os eventos que contribuíram para configurar o desenrolar da vida destas mulheres, bem como os que influenciaram a sua concepção e vivência do envelhecimento. **Conclusões:** O desenrolar da vida adulta destas mulheres foi pautado em valores como a sua família de origem, o trabalho, a constituição de suas próprias famílias, e filhos. Fato que contribuiu para que caracterizassem o envelhecimento como exclusão da vida normal, ou seja, exclusão dos valores que caracterizam a sua vida. No entanto, algumas destas mulheres, ao apresentarem uma visão mais positiva do envelhecimento, revelam os ganhos e as perdas deste processo como também, que se sentem felizes e satisfeitas com a velhice, entendida como um momento de suas vidas em que podem se dedicar mais a si mesmas. Nossos resultados apontam a compreensão do envelhecimento como um processo que faz parte de nossas existências, constituindo-se a velhice em um período que dá continuidade à nossa vida adulta e que pode ser vivenciada de uma forma satisfatória e prazerosa. Os depoimentos de vida desta pesquisa indicaram que a inclusão de novos depoimentos pode favorecer a emergência de novos problemas neste campo de investigação.

Descritores: Envelhecimento, Curso de Vida, História de Vida, Depoimentos de Vida, Mulheres.

SUMMARY

Bassit A Z. **Histórias de Mulheres: O Envelhecimento sob a Perspectiva de Diferentes Cursos de Vida.** [Woman's Life Histories: The Ageing Process Viewed from the Perspective of Women's Life Courses]. São Paulo; 1999. [Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública da USP].

The aging process field has been characterized as an interdisciplinary investigation, due to the diverse theoretical and methodological currents of thought in this field, as well as the biological, social and psychological natures of its object of study. The concept of life course an heuristic concept-enabled the verification to what extent and allows the enhancement of the analyses' potentiality both concerning the existing problems in certain fields of knowledge and the detection and analyses of new problems, mainly in Public Health. And one of those possibilities seems to be the inclusion of new life histories. **Objectives:** To present a theoretical-methodological balance of the scientific production in the field of aging research, mainly concerning the theoretical and methodological perspectives which make use of the life course concept as an analyses resource. To characterize the various processes and events related to the various ways through which the selected women, born between 1926 and 1936, understand and live their process of aging. To verify in what terms the statements of those women suggest new theoretical and methodological reflections which virtually may extend this field of knowledge. **Methodology:** The twelve women, who were between 62 and 72 years old, were interviewed with the intention of inviting them to freely recount their adult life histories along a certain period, as well as to reveal the ways in which they

conceived and lived their own aging process. Their statements were analyzed in terms of the themes related to the aging process, along with other themes which emerged from the text itself. **Results:** The presented theoretical-methodological balance enabled the verification on how the life course study has been developed as a interdisciplinary investigation field. The life stories revealed that the events which contributed to depict the unfolding of those women's life histories as well as those which influenced their concepts and ways of living their aging process. **Conclusions:** The unfolding of the adult life of those women was configured in values based on their family of origin, their working lives, and the formation of their own families and children. That factor contributed to characterize the aging process as the exclusion of regular life, that is, the exclusion of the values which characterize their lives. Nevertheless, in terms of living the aging process, some of those women presented a more positive view of aging, through which they recognized the gains and losses of this process. They also felt comfortable and happy about their old age, which was seen as a positive moment in their lives when they can have more time for themselves. The results indicate the understanding of the aging process as an integral part of our existence. Old age should be seen as the continuity of the rest of our adult lives and as something which we have no reason to believe cannot be lived out in a satisfactory manner. The life statements presented on this research indicated that the inclusion of new statements may enable the rising of new problems in this investigation field.

Descriptors: Aging, Life Course, Life Stories, Life Statements, Women

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. Envelhecimento: Um Novo Desafio à Saúde Pública	10
2.1 Saúde Pública e Envelhecimento: Outras Possibilidades de Análise	21
3. O Envelhecimento e os Diferentes Cursos de Vida: Referencial Teórico-Metodológico	27
3.1 Os Processos de Envelhecimento	28
3.2 O Envelhecimento e o Curso de Vida	41
3.3 Diferentes Perspectivas de Análise	44
4. O Envelhecimento como Campo de Investigação Interdisciplinar e o Curso de Vida como Perspectiva de Análise na Pós-Modernidade	57
4.1 A construção de um Campo de Investigação	57
4.2 O curso de vida e a Pós-Modernidade	69
5. O Curso de Vida e Diferentes Histórias De Vida: Referencial Metodológico	102
5.1 As Histórias e os Depoimentos de Vida	107
5.2 As Mulheres desta Pesquisa	122
5.3 Análise dos Depoimentos de Vida	130
6. Mulheres, Histórias e Depoimentos de Vida	137
6.1 As Mulheres e seus Depoimentos	138
6.2 Diferentes Concepções sobre o Envelhecimento	152
6.3 A Vivência do Envelhecimento	156
6.4 Outros Resultados	164
7. O Envelhecimento sob a Perspectiva de Diferentes Cursos de Vida: Discussão	167
8. Considerações Finais	194
9. Referências	203
 ANEXO 1: Os Depoimentos de Marcia, Ana e Georgina	 A1

1. INTRODUÇÃO

Estudar o processo de envelhecimento sob a perspectiva de diferentes cursos de vida, nos encaminha à análise de alguns desafios que estão presentes tanto na área do envelhecimento, como no âmbito das teorias¹ sobre o **curso de vida**. Estes desafios podem ser caracterizados através de questões quanto à natureza do objeto de estudo e de diferentes posturas epistemológicas, como também quanto à adequação e a coerência da linguagem científica (WARTOFSKY, 1976) utilizada nos estudos destas áreas.

Observamos que os estudos inscritos sob a égide do **envelhecimento** apresentam diferentes concepções ontológicas sobre a natureza de seu objeto de estudo que, em decorrência, resultam em diferentes posturas epistemológicas *"tanto em nível do instrumental teórico de análise (novos conceitos, hipóteses e teorias), quanto do instrumental tecnológico (novos métodos e técnicas de investigação)"* (ALVARENGA 1994, p. 32).

Por sua vez, o conceito sobre **curso de vida** parece se configurar como um conceito heurístico à medida em que vem sendo aplicado a vários contextos, desde o biológico, ao psicológico, ao histórico e ao social; nos quais, trata de diferentes ordens de fenômenos. Esta qualidade, no entanto, permite que os estudos realizados a partir deste conceito possam ser virtualmente ampliados em termos de seu potencial de análise, tanto dos

¹ "Teorias sobre o curso de vida" aqui utilizada como sinônimo para denominar o conjunto de esquemas teóricos, metodológicos e tecnológicos através dos quais este conceito vem sendo empregado, tanto nos estudos sobre envelhecimento como também na Psicologia, na Sociologia, entre outras disciplinas.

problemas existentes em determinadas áreas do conhecimento, como também na delimitação e análise de novos problemas.

ALVARENGA (1984, p.73) considera que "um conceito *"não opera, em nível do conhecimento, de maneira isolada, mas sempre inserido num contexto teórico determinado"*, o que significa dizer que ao utilizarmos um conceito sempre estaremos nos reportando ao esquema conceitual do qual este faz parte. No caso do conceito de **curso de vida**, a sua análise nos conduzirá às diferentes maneiras pelas quais este conceito vem sendo empregado nos estudos sobre envelhecimento, com também aos seus respectivos esquemas teóricos e metodológicos.

O resultado desta análise nos permitirá apresentar um balanço teórico-metodológico da produção científica no campo do envelhecimento, especialmente quanto ao envelhecimento a partir das perspectivas teóricas e metodológicas que empregam o curso de vida como recurso de análise. A partir deste balanço, será possível vislumbrar as possibilidades virtuais de como este conceito pode operar a fim de ampliar a nossa análise sobre o processo de envelhecimento nas sociedades contemporâneas.

Uma destas possibilidades parece ser a inclusão de novas histórias de vida (MEIHY, 1998), depoimentos pessoais (QUEIROZ, 1988) entre outras formas de apreender a maneira pela qual as pessoas vivem o seu próprio envelhecimento em diferentes contextos sociais, culturais e históricos. A inclusão destas histórias e depoimentos poderá favorecer novas reflexões teóricas e metodológicas sobre o envelhecimento, à medida em que contribuem para a emergência de novos problemas de investigação que poderão enriquecer este campo de conhecimento.

A contribuição que diferentes **histórias de vida**² podem apresentar aos estudos sobre envelhecimento está pautada no pressuposto segundo o qual o envelhecimento é uma experiência diversificada³ e sujeita às influências de diferentes contextos sociais, históricos e culturais. Dessa forma, as histórias de vida podem ser caracterizadas como um recurso metodológico importante, pois permitem apreender tanto a forma pela qual diferentes pessoas e grupos sociais envelhecem, como também a forma pela qual estes relatam suas experiências de vida em diferentes contextos sociais, culturais e históricos.

No entanto, a inclusão de diferentes histórias⁴ nestes estudos também irá nos encaminhar para novos desafios, que podem ser caracterizados através da diversidade de métodos e técnicas disponíveis para apreender a maneira pela qual as pessoas e grupos sociais vivem suas vidas e envelhecem, como também para coletar e registrar depoimentos pessoais sobre diferentes experiências de vida.

A análise de diferentes histórias de vida, em termos de seu potencial para ampliar os estudos sobre envelhecimento, nos permitirá apresentar algumas das formas pelas quais este recurso metodológico vem sendo utilizado, bem como para esboçar o que

² História de vida aqui utilizada como sinônimo para designar o conjunto de recursos metodológicos, que tem a finalidade de apreender e registrar as experiências das pessoas durante a trajetória de suas vidas. Neste sentido, trajetória de vida pode ser entendida como o percurso percorrido por uma pessoa durante a sua vida, ou seja, de seu nascimento até a morte, ou até um período estabelecido anteriormente. Este percurso pode ser caracterizado através de eventos e outros episódios que singularizam tanto a experiência de vida das pessoas, como também a de determinados grupos sociais.

³ Experiência diversificada porque o envelhecimento envolve questões de natureza biológica, psicológica e social.

⁴ Histórias de vida, histórias orais, depoimentos pessoais entre outros recursos metodológicos que possam apresentar diferentes experiências de vida.

estaremos denominando de um exercício de aproximação teórica e metodológica entre os conceitos de histórias de vida, trajetórias de vida e cursos de vida. Este exercício de aproximação, face à variedade de métodos e técnicas de investigação, será fundamental à medida em que permitirá delimitar o nosso campo de investigação e também os recursos metodológicos, que utilizaremos na análise das experiências de vida que serão apresentadas neste trabalho.

Todos os desafios que foram mencionados parecem sugerir que o envelhecimento pode ser caracterizado como um campo de investigação interdisciplinar, que *"em função de sua diversidade, abre amplas perspectivas para a presença de várias disciplinas e tendências na análise dos problemas que apresenta"* (ALVARENGA 1994, p. 33). Isto significa que o estudo do envelhecimento, nestes termos, não está circunscrito a nenhuma disciplina em especial, mas sim a várias disciplinas à medida em que a sua *"área empírica é passível de ser explorada pelos dois grupos de ciências, as naturais e as sociais atuando, as formais, como apoio"* (ALVARENGA 1994, p. 38).

Conceber o envelhecimento como um campo de investigação interdisciplinar implica em ampliar consideravelmente os problemas e desafios que podem ser inscritos nesta área do conhecimento, como também em torná-los mais complexos em função das relações que se estabelecem entre a especificidade destes novos problemas e a interdisciplinaridade que caracteriza este campo (ALVARENGA, 1994).

A Saúde Pública, de acordo com ALVARENGA (1994), também pode ser caracterizada como um campo de investigação

interdisciplinar, que além das características apresentadas anteriormente, *"enfrenta a questão das naturezas biológica, social e psicológica de seu objeto, os processos de saúde-doença coletivos, que desafia seu tratamento"* (ALVARENGA 1994, p. 24).

O campo do envelhecimento, em princípio, parece enfrentar as mesmas questões, haja visto que os processos de envelhecimento também envolvem questões relacionadas as naturezas biológica, social e psicológica de seu objeto de estudo, bem como que os processos de saúde-doença estão implícitos na maioria de seus estudos. Dessa forma, parece que podemos pressupor a existência de uma relação de correspondência entre estes dois campos o que, de certa forma, também irá ampliar potencialmente os problemas e desafios que podem emergir a partir desta relação, principalmente se estamos considerando o estudo do envelhecimento como mais um desafio à Saúde Pública.

ALVARENGA (1994) observa que o campo da Saúde Pública, em termos de tradição teórica⁵, apresenta uma tendência teórico-metodológica dominante e paradigmática na abordagem do processo saúde-doença-morte⁶, com exceção das abordagens sobre as Políticas de Saúde e da Reforma Sanitária Brasileira, nas quais observamos a predominância de outras modalidades de enfoques, como também nas análises sobre os serviços que são oferecidos nesta área.

⁵ ALVARENGA (1994, p.29) considera que, diferentemente das Ciências Sociais e Biológicas, a Saúde pública não apresenta uma tradição teórica fundamentada em diferentes tendências teórico-metodológicas.

⁶ ALVARENGA (1994, p. 29) considera que, mesmo na análise da Organização e Administração de Serviços e processos de intervenção, a abordagem funcionalista, centrada na análise de sistemas, ainda é a que predomina nos trabalhos desta área.

No entanto, parece que todas estas iniciativas ainda não foram suficientes para *"marcar uma tradição teórico-metodológica diferenciada em termos de tendências de análise do processo saúde-doença-morte, área na qual a questão da interdisciplinariedade ganha relevo mas enfrenta grandes obstáculos, notadamente de natureza epistemológica"* (ALVARENGA 1994, p. 30).

Uma das possíveis explicações para este fato, pode residir na constatação de que os paradigmas⁷ vigentes não são suficientes para dar conta dos problemas emergentes neste campo. Consequentemente, o grande desafio metodológico que se apresenta ao campo *"é a necessidade de adoção ou criação de novos esquemas teórico-metodológicos de explicação, ao lado de novo arsenal tecnológico"* (ALVARENGA 1994, p. 39) para o qual, o concurso de diferentes disciplinas e o trabalho interdisciplinar podem oferecer valiosas sugestões à superação deste e de outros desafios, que os campos de investigação interdisciplinar apresentam.

Pensar o campo do envelhecimento, em termos de sua tradição teórico-metodológica, pode nos levar à considerações semelhantes as apresentadas por ALVARENGA (1994). Em princípio, podemos dizer que no campo do envelhecimento há a confluência de diferentes tendências teórico-metodológicas que, a partir de seus respectivos referenciais teóricos e metodológicos, procuram dar conta dos problemas desta área.

No entanto, observamos que este campo também apresenta uma tendência predominante quanto à abordagem do envelhecimento, a

⁷ Paradigma como sinônimo de teoria ou esquema conceitual.

qual o coloca em estreita relação com os processos de doença e a morte. Esta tendência, por ter predominância em relação às outras, parece estar dificultando a análise do envelhecimento de maneiras diferenciadas, que possam também favorecer a sua associação com a saúde, a qualidade de vida e a promoção de saúde.

Por outro lado, ponderamos até que ponto a existência de diferentes tendências teórico-metodológicas realmente está contribuindo à configuração de uma tradição teórica neste campo, ou apenas sinalizando iniciativas particulares que ainda não foram suficientes para marcar uma tradição teórica capaz de superar a tendência predominante (ALVARENGA, 1994).

Se considerarmos que estas tendências representam apenas diferentes iniciativas particulares, podemos pressupor que ainda há muitos desafios a serem superados neste campo, que podem ser caracterizados tanto através da necessidade de criar novos esquemas de explicação (teóricos e metodológicos) como também a de elaborar um novo arsenal tecnológico.

Entretanto, se considerarmos também que o envelhecimento é uma experiência diversificada e sujeita às influências de diferentes contextos sociais, históricas e culturais, podemos vislumbrar a magnitude dos problemas e desafios que poderão emergir neste campo do conhecimento, se o analisarmos no contexto de transformações das sociedades contemporâneas e sob a ótica da pós-modernidade.

A conjunção dos campos da Saúde Pública e do Envelhecimento também poderá propiciar a emergência de novos problemas que, dada as características interdisciplinares destes dois campos,

poderá exigir um esforço adicional dos pesquisadores para responder pela diversidade de seu objeto, como também para contemplar os diferentes níveis de análise que a complexidade dos problemas emergentes requer.

A Saúde Pública, no entanto, parece apresentar dificuldade complementar se considerarmos que uma de suas características é a de ser um campo voltado para o conhecimento dos processos de saúde-doença-morte e os de intervenção (ALVARENGA, 1994). Esta dificuldade complementar ressalta a necessidade de analisarmos as questões que emergem da confluência de diferentes tendências teórico-metodológicas, no sentido de que esta análise poderá nos sugerir pistas à superação dos desafios que se apresentam neste campo.

Dessa forma, estamos considerando que os desafios emergentes no campo do Envelhecimento, especialmente quando associado ao conceito de curso de vida, também podem indicar quais são as novas questões nesta área do conhecimento, bem como sugerir possibilidades virtuais para a superação de tendências teórico-metodológicas predominantes. Consequentemente, se tomarmos estas novas questões como objeto de estudo, podemos pressupor que a sua análise nos encaminhará ao avanço do conhecimento neste campo de investigação, à medida em que requer o concurso de novos paradigmas.

Neste sentido, os objetivos gerais deste trabalho são: apresentar um balanço teórico-metodológico da produção científica no campo do envelhecimento, especialmente em relação às perspectivas teóricas e metodológicas que empregam o conceito de curso de vida como recurso de análise; caracterizar os eventos e processos relacionados às formas pelas quais as

mulheres, nascidas entre os anos de 1926 e 1936, compreendem e vivenciam o seu processo de envelhecimento; verificar em que termos os depoimentos dessas mulheres sugerem novas reflexões teóricas e metodológicas que, virtualmente, possam ampliar este campo do conhecimento.

2. ENVELHECIMENTO: UM NOVO DESAFIO À SAÚDE PÚBLICA

O processo de envelhecimento vem sendo amplamente tratado, por especialistas de diferentes disciplinas, especialmente após a divulgação de pesquisas demográficas, que indicavam o aumento do número de idosos no mundo em função da diminuição dos índices de natalidade e de mortalidade, de melhores condições materiais de sobrevivência da população mundial, do progresso da saúde pública e dos avanços da medicina.

De certa forma, podemos dizer que a população brasileira vem acompanhando a tendência mundial, se não considerarmos as peculiaridades do processo de envelhecimento neste país quanto à heterogeneidade dos estados brasileiros, à distribuição de idosos nos diferentes estados, ao padrão de migração, à ocupação das grandes capitais, entre outras. E, ***"se não vivêssemos num país que, culturalmente, se auto-define como um país de jovens"*** (o destaque é nosso) (DEBERT 1993, p.2⁸).

O envelhecimento da população brasileira deve ser analisado a partir das desigualdades (DUCHIADE, 1995) existentes entre os estados brasileiros, em relação às condições materiais de sobrevivência da população, às diferentes culturas e estilos de vida; porque estas conferem padrões de sociedade distintos quanto à distribuição de renda, educação, habitação, transporte e acesso aos serviços de saúde (VERAS, 1995a).

⁸ Debert G. G. **O Discurso Gerontológico e as Novas Imagens do Envelhecimento.** Campinas: IFCH/UNICAMP; 1993. [Manuscrito não publicado].

A relevância desta afirmação pode ser constatada quando observamos que as maiores proporções de idosos⁹ são encontradas em estados com características sociais, econômicas e culturais distintas¹⁰ (VERAS, 1995a). Por outro lado, identificamos uma maior proporção de emigração de jovens em alguns estados brasileiros¹¹, o que provoca um envelhecimento precoce da população como aponta VERAS (1995a), mesmo no Nordeste onde as taxas de fecundidade são relativamente altas.

O padrão de migração e o de ocupação das grandes capitais brasileiras também devem ser inseridos nesta análise, à medida em que interferem na distribuição da população idosa nas áreas rurais e urbanas, bem como na concentração de idosos em bairros mais antigos e centrais das grandes capitais, como por exemplo Rio de Janeiro (VERAS, 1994) e São Paulo (RAMOS e col., 1987; PEREIRA, 1989); sendo que VERAS (1995a) indica a predominância de idosos vivendo nas áreas rurais dos estados do Nordeste e do Sul, enquanto que o Sudeste tem o maior número de idosos vivendo nas áreas urbanas.

Estas informações sugerem que a distribuição de idosos no Brasil pode estar acompanhando a própria história da migração brasileira e a de ocupação das grandes cidades, apontando as condições materiais de sobrevivência dos idosos brasileiros nos diferentes estados e capitais. Neste sentido, podem estar

⁹ Neste capítulo, estaremos utilizando a palavra " idoso" para designar as pessoas com 65 anos ou mais.

¹⁰ Como é o caso do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (região Sudeste), do Rio Grande do Sul (Sul), da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará (Nordeste) (VERAS, 1995a).

¹¹ Estados do Nordeste em geral, no Sul e em Minas Gerais (VERAS, 1995a).

indicando que o processo de envelhecimento também está sujeito a condições sociais e de meio ambiente, à medida em que este parece acompanhar as próprias transformações sociais, culturais e econômicas das sociedades modernas¹². Dessa forma, é possível aventar o tipo de dificuldade que encontraremos ao tentar propor políticas e serviços específicos para este grupo social dada a diversidade de condições existentes presentes na análise dos idosos brasileiros.

A análise do envelhecimento da população brasileira também deve considerar as mudanças em outros grupos sociais que esta transição demográfica está proporcionando; porque, apesar da relativa diminuição do número de crianças e do aumento do número de pessoas idosas, a proporção da população mais jovem ainda é maior do que a encontrada nos países desenvolvidos (VERAS, 1994).

Nos próximos anos, o grupo de idosos, que representará aproximadamente 10% da população brasileira, será composto por pessoas entre 60 e 69 anos, as quais poderíamos denominar de jovens idosos. Este fato diferencia o processo de envelhecimento brasileiro em relação ao de outros países, que apresentam concentração de idosos nas idades acima de 70 anos. Principalmente, se também analisarmos as características deste grupo social face aos serviços e as políticas públicas, tendo em vista que os idosos do século 21 já nasceram e atualmente têm condições de se preparar e reivindicar melhores condições de vida para a sua velhice.

¹² Neste capítulo estaremos utilizando a expressão "sociedades modernas" como sinônimo para designar as sociedades contemporâneas.

A distribuição da população brasileira, em diferentes grupos sociais, introduz novas questões à Saúde Pública porque nos remete, necessariamente, à transição epidemiológica que acompanha a transição demográfica, ao índice de dependência presente na definição dos custos de serviços públicos; bem como aos conceitos de autonomia e de dependência, quando estudamos as características dos idosos que serão alvo destes serviços.

DUCHIADE (1995) argumenta que as modificações na estrutura etária brasileira não deverão ocorrer de modo simultâneo em todos os segmentos sociais e faixas etárias, em função dos diferenciais existentes nas taxas de fecundidade por estrato de renda. Afirma que as projeções para o ano de 2020 apontam que a população entre 15 e 60 anos crescerá de modo acentuado com tendências à diminuição, à medida em que os nascidos após a queda da fecundidade passarem a integrar este grupo; por outro lado, a população acima de 65 anos será o grupo social com maior tendência ao crescimento (DUCHIADE, 1995).

Este fato nos leva a ponderar sobre uma possível concentração temporária da população brasileira entre as idades de 15 e 60 anos, a qual será concomitante com a concentração dos idosos acima de 65 anos. Estas concentrações podem contribuir para a expansão dos parâmetros etários que atualmente são utilizados nos estudos sobre o envelhecimento na Saúde Pública, em função do volume de pessoas e grupos sociais que estarão envelhecendo e de suas características e necessidades.

Estas informações confirmam as projeções do SEADE (1990), que indicavam que a transição demográfica brasileira iria acarretar a formação de dois novos grupos sociais, um que aglutinaria os jovens entre 15 e 24 anos e o outro, com adultos

acima de 40 anos. O estudo destes dois grupos também é importante, à medida em que permite avaliar os custos que os grupos dos aposentados representam para a sociedade em termos da manutenção dos serviços existentes e da proposição de novos para atingir as demandas emergentes.

Na Saúde Pública, estas novas demandas estarão relacionadas prioritariamente à transição epidemiológica que vem acompanhando o processo de envelhecimento da população brasileira, na qual observam-se mudanças nos padrões de saúde e de doença da população em função da interação desses padrões com as transformações demográficas, econômicas e sociais (VERAS, 1994).

No caso do Brasil, a transição epidemiológica é apontada pelas mudanças no padrão de mortalidade da população brasileira que possibilita a coexistência de diferentes quadros de doenças infecto-contagiosas com os de doenças crônico-degenerativas, o que irá exigir um esforço maior dos profissionais de saúde para atender a estas situações diferenciadas, como também para propor medidas para a promoção de saúde dos diferentes grupos sociais, em função das particularidades de cada região brasileira.

Por outro lado, se considerarmos que é possível estudar determinadas idades a partir da compreensão das idades que as antecedem, retendo especialmente o estudo da idade adulta (KIMMEL, 1990), em função do caráter cumulativo da experiência humana, tanto para os aspectos biológicos, quanto para os sociais, culturais e psicológico. Poderemos pressupor que o estudo do envelhecimento, em função desta expansão dos parâmetros de análise, também poderá ser realizado a partir da idade adulta e, desta forma, apresentar novos desafios a esta área do conhecimento.

No campo da Saúde Pública, no entanto, as considerações sobre a transição demográfica e a epidemiológica parecem atuar como um redutor das possibilidades virtuais de expansão deste campo de investigação, à medida em que consideram o efeito como causa e descaracterizam totalmente o caráter social implícito nos processos de saúde-doença (LAURELL, 1983). Observamos que a Política de Saúde tem enfatizado o atendimento aos idosos com mais de 65 anos em função do padrão de doença deste grupo social que, quando adoece, apresenta mais de uma doença crônica; sendo que a morbidade múltipla entre os idosos geralmente está associada a doenças crônicas que demandam pessoal qualificado, equipamentos e exames complementares de alto custo (VERAS, 1995a).

A análise de um único indicador de saúde, no caso as doenças crônicas, não é suficiente para abarcar a especificidade e as necessidades destes idosos, porque a identificação de um problema de saúde tem grau de importância distinto entre diferentes idades e grupos sociais (VERAS, 1995a). Considerando que é alta a probabilidade de encontrarmos idosos com algum problema de saúde, um dos aspectos relevantes é verificar em que medida estes problemas estão impedindo os idosos de desempenharem suas atividades diárias com autonomia.

Estudos realizados na cidade do Rio de Janeiro (VERAS 1994, 1995a, 1995b) indicam que, dos idosos entrevistados, 82,5% consideravam ter boa saúde e não relataram nenhum problema de saúde física, enquanto que os demais recorreram a diferentes serviços de saúde e por um período de tempo maior¹³. Estas

¹³ Estas informações foram obtidas a partir do próprio relato dos idosos e não indicam, necessariamente, as reais condições de saúde destes idosos.

informações traduzem a percepção que os idosos têm sobre a sua própria saúde, sinalizando que o processo de envelhecimento deve ser analisado tanto do ponto de vista daqueles que por necessidade recorrem aos serviços de saúde, como dos outros que precisam manter sua saúde e autonomia.

Este fato reforça a necessidade de abordarmos o envelhecimento a partir de outros indicadores que não sejam exclusivamente os relacionados às doenças ou às perdas que a velhice proporciona. Porque, desta maneira, estaríamos excluindo de nossa análise grande percentagem de idosos, como os 82,5% identificados pela pesquisa de VERAS (1994, 1995a, 1995b), como os outros que poderiam não ser incluídos em nossas categorias de análise.

As pesquisas sobre o envelhecimento da população brasileira (RAMOS e col., 1987; SEADE, 1990; VERAS, 1994) apresentam os tipos de problemas que iremos enfrentar nos próximos anos para atender à demanda de um grupo social que rapidamente se configura e, para o qual, não existe tradição brasileira em colocá-lo como foco de atenção de diferentes especialistas, fato que nos coloca na posição de **"um jovem país de cabelos brancos" (o destaque é nosso)** (VERAS 1995b, p. 9). Estas pesquisas também são importantes porque indicam que as demandas desse novo grupo social irão se sobrepor às de outros, principalmente o de jovens adultos como aponta VERAS (1994), o que poderá sobrecarregar a sociedade brasileira quanto aos custos com saúde, educação, previdência entre outros.

Neste sentido, este tema é de fundamental importância para a área de Saúde Pública, tanto pela configuração de um novo

grupo social que necessita ser atendido, seja em nível de atenção primária, secundária e terciária, como também para a elaboração de estratégias que possam melhorar as condições de vida e promover a saúde daqueles que estão envelhecendo, mas que ainda não têm idade suficiente para participar dos serviços públicos destinados aos idosos.

O envelhecimento da população brasileira também introduz mudanças significativas nas relações de gênero, se considerarmos que a maioria da população de idosos é constituída por mulheres com 65 anos ou mais (BERQUÓ, 1996). Estes dados contribuem para que alguns autores descrevam o envelhecimento como um processo feminino, ou, melhor dizendo, como a **"feminilização do envelhecimento"** (o destaque é nosso) (BERQUÓ 1996, p.22; DEBERT 1996, p. 40), em função das características e necessidades específicas dessas mulheres, idosas e cuidadoras de outros idosos; na maioria dos casos, que envelhecem sozinhas, sem a companhia do parceiro e, muitas vezes, ainda com a responsabilidade de cuidar de outros idosos.

VERAS (1995b) observa que as mulheres idosas utilizam os serviços de saúde com maior frequência do que os homens idosos; também, que entre os idosos que têm algum problema de saúde, as mulheres são a maioria. No caso destas mulheres, ainda devemos considerar que a maioria das idosas de hoje têm uma posição econômica precária, tanto em função de rendimentos médios insuficientes, provenientes de trabalhos de baixa remuneração, como também pela dependência da renda e/ou da pensão do marido.

Dessa forma, este fato contribui para a identificação de uma estreita relação entre os problemas de pobreza na velhice

com o gênero feminino, ou seja, **"os problemas de pobreza, na velhice, são e continuarão sendo, em grande parte, um problema das mulheres"** (o destaque é nosso) (VERAS 1995b, p. 19). Se considerarmos o aumento da expectativa de vida da população, sobretudo para as mulheres, face à carência de serviços destinados aos idosos, podemos dizer que não só a vida é prolongada, mas também o período de incapacidade e dependência, principalmente para as mulheres (VERAS, 1995b).

O envelhecimento da população brasileira modifica as relações entre diferentes gerações, porque possibilita o convívio de novos grupos sociais, que aglutinam cidadãos com diferentes culturas, reivindicações, histórias de vida e expectativas de direito. Neste sentido, favorece a constituição de questões sobre as condições de vida de diferentes grupos sociais, que poderiam contribuir para o entendimento deste processo face às transformações culturais das sociedades contemporâneas, bem como quanto ao conhecimento e a valorização das experiências daqueles que envelhecem.

VERAS (1995b, p. 15) considera que o convívio entre pessoas de diferentes gerações pode ser uma estratégia importante para reduzir a discrepância de valores e idéias que causam tensão entre diferentes gerações. Em sua opinião, este convívio poderia reverter, a médio e longo prazo, o processo de desvalorização social do idoso em nossa cultura, tanto em relação ao seu saber, como também à diversidade e a variedade de suas experiências. As sociedades ocidentais contemporâneas, em função da rapidez de suas transformações, cultuam o **jovem**, como valor de produção e de consumo, em detrimento do culto ao **velho**, como sendo, necessariamente, obsoleto e ultrapassado.

Neste sentido, observamos que alguns dos estudos em geriatria e gerontologia constróem seus argumentos a partir dos problemas que serão ocasionados pelo envelhecimento da população mundial, tendo como pressuposto único o de que o aumento de idosos no mundo, é, por si só um problema (COLEMAN e col., 1994), em função da ausência de serviços de saúde que possam atender às necessidades dos idosos.

Dessa forma, a maioria dos discursos de especialistas nesta área analisa o envelhecimento da população brasileira somente pela ótica dos Serviços e Políticas Públicas de Saúde destinados aos idosos, sempre enfatizando a necessidade de atender às conseqüências negativas deste processo. Neste contexto, o idoso brasileiro é apresentado como **"vítima privilegiada do sofrimento"** (o destaque é nosso), ou por sua exclusão do mundo do trabalho, ou ainda, pela ênfase nas perdas que a velhice acarreta ou, ainda, pela incapacidade do Estado e das famílias de assumirem seus idosos (DEBERT 1996, p. 39).

Nestes termos, a análise do envelhecimento é sempre direcionada para a notificação da ausência de serviços específicos para esse grupo social, ou também para a necessidade de agilizar sua implantação. Porque a lógica de organização dos serviços parece acompanhar o delineamento de grupos sociais bem delimitados tais como as crianças, os adolescentes, as mulheres e os idosos.

Em outras ocasiões, processos biológicos e quadros degenerativos específicos também são utilizados para definir o grupo que será foco de atenção destes serviços como, por

exemplo, as gestantes, as mães que amamentam, as mulheres na menopausa, os portadores de Alzheimer e os idosos com outros tipos de demência. Embora consideremos que estas demandas devam ser atendidas, vale considerar também que o fato dos indivíduos pertencerem ao mesmo grupo social nem sempre é suficiente para compreender todas as suas características e necessidades, a partir das quais será possível organizar os serviços que serão oferecidos.

Por sua vez, os quadros degenerativos e as perdas que a velhice pode proporcionar também não são suficientes para explicar todo o processo de envelhecimento, porque *"não é obrigatório que todos os idosos alcancem um estado de doença e incapacidade severas"* (NERI 1999, p. 14)¹⁴. Nestes termos, essa perspectiva reduz a questão do envelhecimento tanto ao processo de doença, através de sua medicalização, como também à morte.

Analisar o envelhecimento sob esta perspectiva, que parece ser a predominante na Saúde Pública, reduz a possibilidade de considerá-lo como uma experiência que está presente em nossas vidas e que pode ser vivenciada em situações diferentes das descritas pelos especialistas deste campo. Esta perspectiva também dificulta a concepção de estratégias para melhorar a saúde daqueles que estão envelhecendo com qualidade de vida, porque descaracteriza a preocupação com a saúde, ou seja, a prevenção das doenças dos idosos, ao enfatizar somente o tratamento às doenças instaladas.

¹⁴ Neri A L. **Qualidade de Vida na Velhice e Atendimento Domiciliário**. Campinas: UNICAMP; 1999a. Texto no prelo. Editora Atheneu. [Cópia de circulação restrita ao Curso de Pós Graduação em Gerontologia da UNICAMP].

2.1 SAÚDE PÚBLICA E ENVELHECIMENTO: OUTRAS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

O uso da idade cronológica, enquanto critério único de análise nos estudos sobre envelhecimento, pode apresentar riscos para a generalização de seus resultados; porque é difícil precisar quando uma pessoa começa a envelhecer ou quando poderemos considerá-la como uma pessoa idosa. A idade cronológica por si só também não é suficiente para explicar o envelhecimento, principalmente para as idades superiores a 65 anos, porque a passagem dos anos não produz por si só todas as mudanças associadas ao processo de envelhecimento (BERGEMAN 1997, p. 2).

Observamos que os grupos sociais que incluem as idades entre 20 e 65 anos, os jovens adultos e os adultos, pouco são citados por especialistas. Talvez em função da dificuldade para enquadrá-los em processos biológicos claros ou grupos sociais bem delimitados, que poderiam defini-los como sujeitos com necessidades passíveis de serem atendidas através dos serviços públicos.

Por outro lado, se os especialistas não demonstram interesse específico nesses grupos, especialmente o com mais de 40 anos, a literatura de auto-ajuda prospera com livros como *"Mulher: 40 Graus à Sombra"* (PEREIRA e col., 1994), *"Quarenta: A Idade da Loba"* (LEMOS, 1995), *"Nova Idade - 50 anos é o máximo"* (CHATAIGNIER e REIS, 1996), *"Fear of Fifty"* [Medo dos Cinquenta] (JONG, 1995), entre outros.

Estes livros arrolam as características desse grupo social e, de certa forma, sugerem aos leitores alternativas para manter a saúde física e mental. A sua aceitação pelos leitores pode estar indicando um interesse e/ou uma necessidade desse grupo social, que parece não estar sendo contemplada pelos especialistas nas áreas do envelhecimento e Saúde Pública. O que nos leva a ponderar que a ausência de análise deste segmento populacional introduz um intervalo de tempo muito longo entre a adolescência e a velhice, se pensarmos nas necessidades daqueles que ainda precisam esperar muito tempo para serem alvos dos serviços públicos, especialmente os de saúde.

Este intervalo de tempo reforça a idéia da velhice como fatalidade, como algo que não precisa ser compreendido, porque não há nada que possa ser realizado no sentido de evitá-la, onde só cabe a aceitação pacífica dos eventos que a antecedem. Nestes termos, a questão da velhice fica reduzida a uma variável demográfica e deixa de ser uma categoria bio-psico-social que tanto representa um dos momentos do processo de envelhecimento, como também uma das características de diferentes grupos sociais.

Consequentemente, se considerarmos que o envelhecimento faz parte do processo de desenvolvimento humano (BOSI, 1983) e, como tal, é passível de análise e compreensão, podemos considerá-lo a partir de diferentes perspectivas, tanto através das experiências daqueles que já atingiram a velhice como também as dos que estão envelhecendo, incluindo em nossa análise a variabilidade histórica e a complexidade cultural presentes nos diferentes grupos e contextos sociais.

FEATHERSTONE (1991, 1992, 1993), ao enfatizar a variabilidade histórica e a complexidade cultural dos diferentes cursos e histórias de vida, aponta os riscos de considerarmos um único curso de vida para diferentes grupos sociais, postura que o autor denomina de a **"colonização do curso da vida" (o destaque é nosso)**, à medida em que grupos sociais diferenciados são configurados e apresentados como problema social, a partir de certas determinações sociais.

Podemos pensar até que ponto a ênfase só nas perdas e limitações que a velhice pode proporcionar não é um exemplo de como um determinado curso de vida é configurado e imposto às outras pessoas que têm a mesma idade. Neste caso, a concepção de um curso de vida, no qual a velhice é vivenciada apenas como perdas e limitações, pode comprometer o entendimento de outros cursos e histórias de vida, nos quais a velhice pode ser vivenciada de formas distintas das que foram configuradas.

A transformação da velhice em problema social pode ser entendida a partir destes parâmetros (DEBERT, 1994a), como um grupo social que é configurado através de determinadas condições sociais que, provavelmente, devem ultrapassar as explicações fundamentadas nas pesquisas demográficas. Para o qual, são apresentadas algumas características que, posteriormente, ao serem organizadas por especialistas, induzem a sua generalização para outros indivíduos que têm a mesma idade cronológica.

No entanto, nem sempre as expectativas dos especialistas correspondem às demandas dos idosos ou ao próprio entendimento que estes têm de seu processo de envelhecimento. Nessa linha de percepção, BARROS (1991) observa que a representação que os

idosos fazem de sua situação é muito melhor do que a de alguns gerontólogos e geriatras, sendo que MATTOS (1990) aponta diferenças na forma de relatar experiências cotidianas em grupos de idosos de classe média e popular, em função de diferentes valores e padrões culturais.

DEBERT (1993¹⁵), ao comentar sobre os programas direcionados a estes grupos sociais, menciona que nem sempre estes conseguem atingir a população alvo ou, em algumas situações, suas características não se enquadram àquelas traçadas originalmente em seus planos de trabalho. Dessa forma, estes estudos sugerem a importância de se conhecer as necessidades e as experiências de vida dos idosos a partir de seus próprios relatos.

Consequentemente, entender as determinações sociais que colocam a velhice como problema social é fundamental para verificar se existem pontos de convergência ou discrepância entre os discursos dos idosos, sujeitos desse processo, e os dos especialistas, autores da descrição do processo de envelhecimento.

Nesta perspectiva, o processo de envelhecimento deve ser analisado a partir das trajetórias de vida dos seres humanos, porque diferentes cursos de vida estão sendo remapeados através das transformações das sociedades contemporâneas; e estas com certeza irão introduzir novos sujeitos sociais, que reivindicarão a autoria de seus próprios processos de envelhecimento.

¹⁵ Debert G. G. **O Discurso Gerontológico e as Novas Imagens do Envelhecimento.** Campinas: IFCH/UNICAMP; 1993. [manuscrito não publicado].

O estudo do envelhecimento, proposto nestes termos, implica discuti-lo como um processo que é contínuo, progressivo e presente no desenvolvimento de todos os seres humanos. O que nos leva a delimitar um caminho a ser seguido pelo ser humano ao longo da vida, que pode ser traçado do nascimento até a morte, com eventos e mudanças previsíveis e imprevisíveis ao longo deste percurso que, a priori, podemos denominar como **o curso de vida**¹⁶, o qual também nos permite melhor explorar as diferentes identidades e vivências, que a experiência de vida em contextos sociais, culturais e históricos pode propiciar.

Nestes termos, o **curso de vida**¹⁷ está pautado no pressuposto, segundo o qual, o processo de envelhecimento é determinado por diferentes condições biológicas, sociais, psicológicas e de meio ambiente que, apesar de trabalharem de forma integrada, têm um certo grau de independência entre si (BERGEMAN, 1997).

Esta múltipla determinação indica também que o processo de envelhecimento é intrínseco tanto aos seres humanos, como aos seres vivos, mas que as pessoas não envelhecem exatamente da mesma forma em função de contextos históricos, sociais e culturais distintos que determinam diferentes experiências de vida.

O processo de envelhecimento deve ser analisado a partir das experiências daqueles que envelhecem em uma mesma época, a fim de caracterizar e preservar as variações históricas,

¹⁶ Curso de vida aqui utilizado como sinônimo de trajetória de vida.

¹⁷ Considerando que a expressão **curso de vida** é utilizada tanto como sinônimo para trajetória de vida, como também para designar tendências teóricas e metodológicas específicas, estaremos reservando esta expressão para denominar estas tendências.

culturais e sociais destas experiências. Consequentemente, esta asserção nos leva a ressaltar a necessidade de considerar o envelhecimento como processo presente na trajetória da vida humana e, dessa forma, passível de análise e compreensão em todos os seus aspectos, tanto os biológicos e psicológicos, como os sociais e culturais.

3. O ENVELHECIMENTO E OS DIFERENTES CURSOS DE VIDA: REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Analisar o processo de envelhecimento sob a perspectiva de diferentes cursos de vida, nos remete a algumas questões que indicam o grau de dificuldade existente quando associamos, em um único estudo, os conceitos sobre curso de vida, história de vida¹⁸ e processos de envelhecimento.

O grau de dificuldade existente nesta relação está diretamente associado com a forma pela qual concebemos e utilizamos cada um destes conceitos, como também com o sentido pelo qual os relacionamos. As questões que poderão emergir desta discussão irão apenas nos indicar as formas pelas quais poderemos articulá-los e em que sentido.

Tendo em vista que o nosso campo de trabalho será configurado a partir da associação destes conceitos, esclarecer quais são as questões decorrentes da mesma é imprescindível, à medida em que esta discussão nos permitirá apresentar o referencial teórico que fundamenta a nossa análise sobre o processo de envelhecimento e a forma pela qual os dados desta pesquisa serão analisados.

Entretanto, antes de iniciarmos nossa análise, torna-se importante especificar a forma pela qual estaremos considerando cada um destes conceitos isoladamente para, posteriormente,

¹⁸ História de vida aqui como sinônimo para designar o conjunto de recursos metodológicos, que tem a finalidade de apreender e registrar as experiências das pessoas durante a trajetória de suas vidas, ver nota 2.

atribuir o sentido que estaremos associando a cada um deles, quer explícita ou contextualmente.

Inicialmente, estamos considerando que das possíveis articulações entre estes conceitos, duas emergem como prioritárias para as finalidades deste trabalho. Trata-se das associações entre **"os processos de envelhecimento e curso de vida"** e **"envelhecimento e curso de vida e história de vida"**. Cabe ressaltar que a análise destas associações poderá nos conduzir a outros conceitos, que também são pertinentes a esta área de conhecimento como, por exemplo, o conceito sobre desenvolvimento humano, mas que estes serão discutidos de acordo com os objetivos deste trabalho. Isto porque, no processo de análise, um conceito não opera sozinho, mas sempre inscrito numa rede que denominamos esquema conceitual ou quadro de referência (ALVARENGA, 1984; WARTOFSKY, 1976).

A partir dos argumentos apresentados na discussão destas questões, será possível articular o referencial metodológico teórico e técnico (ALVARENGA, 1994) que irá nortear a coleta, a produção e análise dos dados desta pesquisa, como também introduzir quem serão as mulheres que irão apresentar os seus depoimentos de vida neste trabalho.

3.1 OS PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO:

A análise dos estudos sobre envelhecimento indica a existência de problemas quanto à construção de seu objeto de estudo, como também a ausência de terminologia adequada para diferenciar o processo de envelhecimento de alguns de seus episódios. Observamos, com frequência, que o entendimento do

envelhecimento é direcionado apenas à compreensão de determinados períodos etários, ou para grupos sociais específicos. Em outras situações, a compreensão do processo é reduzida à análise de algumas de suas características, principalmente aquelas relacionadas com as perdas e as limitações que o envelhecimento pode proporcionar.

Estas considerações parecem sugerir que algumas das características acessórias¹⁹ do envelhecimento²⁰ estão sendo tomadas como sendo as características definidoras²¹ deste processo, talvez porque o termo envelhecimento "não revela de imediato suas características intrínsecas e, portanto, definidoras, mas sim suas características acessórias, ou seja, aquelas características que este termo assume com relação aos diferentes problemas com que trabalha" (ALVARENGA 1984, p. 3-4). Isto equívale a dizer que a ausência das características acessórias do envelhecimento, no caso tomadas como sendo as suas definidoras, implica necessariamente em descaracterizar o nosso objeto de estudo quando este está associado à características distintas destas.

¹⁹ "Enunciar uma característica acessória é estabelecer um fato não sobre o próprio termo (no caso o envelhecimento), uma vez que essa característica não é parte do significado do mesmo. Trata-se, assim, de estabelecer um fato sobre o objeto nomeado pelo termo" (ALVARENGA 1984, p. 3), ver também HOSPERS (1976, p 39-53).

²⁰ Como por exemplo, as doenças associadas aos padrões de envelhecimento secundário ou patológico.

²¹ "Estabelecer uma característica definidora é enunciar uma parte do significado (definição) de um termo. A isto equívale dizer que a ausência (ou perda) de uma dessas características implica necessariamente na descaracterização do objeto enquanto tal" (ALVARENGA 1984, p. 3), ver também HOSPERS (1976, p 39-53).

A construção do objeto de estudo nesta área não é tarefa fácil, se considerarmos que o período a ser estudado compreende desde o nascimento até a morte. O que implicaria estudar toda a trajetória da vida humana, nas diferentes idades, e sob os mais diversos aspectos e circunstâncias. No entanto, apesar desta dificuldade, observamos que esta questão não é discutida com frequência por especialistas em envelhecimento. Fato que poderia ser justificado em função do **sentimento de urgência**, que parece caracterizar os estudos em geriatria e gerontologia que, em sua maioria, apresentam **resultados mais práticos do que teóricos (o destaque é nosso)** (GUIMARÃES, 1996).

Este sentimento de urgência parece estar fundamentado no próprio contexto social, cultural e histórico que propiciou a evolução dessas disciplinas, **"sob uma ótica predominantemente ateórica"**²² **(o destaque é nosso)** (NERI 1996; apud GUIMARÃES 1996, p. 73), porque a maioria de seus estudos foi desenvolvida sob forte influência de pesquisas demográficas que, ao indicarem o envelhecimento da população mundial, enfatizavam a necessidade de implementar medidas urgentes para atender a essa demanda emergente (BOND e col., 1994). ACHENBAUM (1996, p. 20) considera que tanto a influência médica e a biológica, como também o ímpeto de implantar políticas públicas para atender aos idosos, contribuíram para que a sociologia do envelhecimento e a gerontologia se transformassem em uma **"área rica em informações**

²² Neri, AL. **Tendências da Pesquisa Gerontológica nas Áreas da Psicologia e das Ciências Sociais no Brasil Identificadas no período 1975-1996**; 1996. [Manuscrito, circulação restrita].

mas pobre em teoria" (o destaque é nosso) [data rich and theory poor]²³.

Consequentemente, todos os esforços foram direcionados para a análise das patologias do envelhecimento e das situações que poderiam apresentar riscos aos idosos, ou seja, para as pessoas com 65 anos ou mais, com a finalidade precípua de elaborar estratégias de atendimento, tanto na área da saúde como na previdência social. O estudo sobre o envelhecimento humano, sob estas condições, continua prosperando com técnicas e propostas, que indicam como atender aos idosos da melhor forma possível.

Todos os estudos que foram realizados, com a finalidade de atender a esta demanda emergente, contribuíram para dar maior visibilidade social aos problemas dos idosos, como também proporcionaram a consolidação de um novo campo de investigação, ao introduzirem questões que anteriormente não se constituíam como problema de pesquisa, principalmente nas sociedades ocidentais contemporâneas, se considerarmos que só recentemente a longevidade da população mundial ultrapassou a marca dos 65 anos²⁴.

Entretanto, muitas das pesquisas nesta área ainda estão fundamentadas em **"conceitos deficitários e universais sobre a velhice"** (o destaque é nosso) (GUIMARÃES 1996, p. 73), no

²³ O que não significa a inexistência de diferentes esquemas de explicação teórico-metodológicos, mas sim a ausência de uma tradição teórico-metodológica neste campo de conhecimento, conforme o indicado no capítulo 1, ver ALVARENGA (!994).

²⁴ No Brasil, a expectativa média de vida, por ocasião do nascimento, aumentou de 33,7 anos em 1900 para 38,5 anos em 1940, e de 55,9 anos em 1960 para 66,4 anos em 1994 (Hama, 1998).

sentido de que seus resultados se restringem à confirmação da existência dos idosos e de seus problemas que, na maioria das vezes, estão relacionados com as perdas e as limitações que a velhice pode proporcionar.

O processo de envelhecimento humano realmente está associado a uma série de perdas, limitações e dificuldades mas, mesmo assim, não podemos considerar a velhice só como uma doença ou só como um problema. Porque, dessa forma, estaríamos reduzindo o entendimento de todo um processo a somente um determinado grupo social ou só para algumas de suas características acessórias, fato que poderia comprometer a nossa análise, especialmente se nossa intenção é analisá-lo de uma forma distinta das que são apontadas em algumas das pesquisas em geriatria e gerontologia.

Consideramos que é importante analisar as perdas e as limitações que o processo de envelhecimento pode proporcionar, porque estas informações favorecem a implantação de serviços de saúde que possam atender a esta nova demanda, mas, também é necessário considerar **as condições de saúde e a interação social daqueles que, com qualidade de vida, sobrevivem à passagem dos anos (o destaque é nosso)** (BERGEMAN, 1997). No sentido que serão estas informações que irão nos auxiliar a compreender a forma pela qual as pessoas envelhecem nas sociedades contemporâneas, bem como nos auxiliar na elaboração de serviços e estratégias que possam manter e desenvolver a qualidade de vida daqueles que estão envelhecendo com saúde, autonomia e independência.

Dessa forma, torna-se necessário investir no desenvolvimento de estudos que possam explicitar como as pessoas

envelhecem durante as suas vidas, a fim de identificar quais são os eventos, tanto biológicos, psicológicos como sociais e culturais, que podem contribuir para um envelhecimento saudável, bem como enunciar os fatores de risco que possam interferir na qualidade de vida daqueles que estão envelhecendo.

Consequentemente, a elaboração destes estudos pressupõe analisar o envelhecimento a partir de paradigmas²⁵ distintos, que permitam a inclusão de outros indicadores e variáveis que favoreçam a sua compreensão como processo que está presente em toda trajetória da vida humana e, desta forma, nos possibilite ultrapassar as barreiras que o atrelam às doenças e às perdas que a velhice pode proporcionar.

Para tanto, iniciamos nossa análise a partir do pressuposto de que o envelhecimento é um processo que está presente em nossas vidas, o que significa que o seu início é demarcado pelo nosso nascimento (ou através da concepção) e o seu término pela nossa morte (RILEY, 1979). Neste sentido, podemos dizer que o processo de envelhecimento está relacionado com a nossa vida inteira, porque reflete o nosso nascimento, crescimento, amadurecimento, as formas pelas quais vivemos a nossa vida e os eventos que configuraram e influenciaram a nossa existência.

Nestes termos, podemos dizer que o envelhecimento é um processo complexo²⁶ que, em função de sua própria complexidade, possibilita a delimitação de diferentes questões de estudo sob uma mesma denominação, o **processo de envelhecimento**, e dentro de um único campo de investigação, **Envelhecimento**. O que permite

²⁵ Paradigma como sinônimo de teoria ou esquema conceitual.

²⁶ Processo complexo porque envolve questões de natureza biológica, social e psicológica de seu objeto de estudo.

que o processo de envelhecimento possa ser estudado a partir de diferentes períodos etários, grupos sociais e também através de diferentes disciplinas como, por exemplo, a Psicologia, a Sociologia, a Medicina, entre outras.

No entanto, a maioria dos estudos sobre o envelhecimento está fundamentada em conceitos, que não são suficientes para abarcar a sua complexidade, como também apresentam indícios da existência de problemas epistemológicos, principalmente quanto à construção de seu objeto de estudo. Para exemplificar nossa afirmação, será necessário rever alguns dos argumentos utilizados tanto para definir este processo, como para delimitar o seu objeto de estudo, a fim de identificar alguns dos problemas mais freqüentemente encontradas na construção do objeto de estudo desta área.

Observamos que estes problemas são decorrentes dos próprios argumentos utilizados nas definições sobre o envelhecimento que, de acordo com o referencial teórico adotado, reforçam e/ou negligenciam algumas de suas características. Estes problemas, apesar de comprometerem o nosso entendimento sobre o tema, podem nos auxiliar na identificação dos argumentos que devem ser ressaltados em nossa definição sobre o processo de envelhecimento.

O envelhecimento pode ser definido como um processo biológico que é degenerativo, progressivo e intrínseco a todos os seres humanos (BOND e col., 1994). Esta definição, apesar de apresentar as características do envelhecimento de forma indistinta, contribui para minimizar as influências sociais, culturais e psicológicas que também interferem na forma pela qual as pessoas envelhecem. Porque, dizer que o envelhecimento é

degenerativo e irreversível, vem positivamente ao encontro do preconceito existente sobre as perdas da velhice e a incapacidade dos idosos de decidirem por si mesmos sobre as suas vidas (BYTHEWAY, 1995). Dessa forma, esta definição pode contribuir para reforçar uma relação direta entre o processo de envelhecimento com as doenças e as perdas que a velhice pode proporcionar.

O envelhecimento humano é um processo complexo, que engloba tanto aspectos biológicos como psicológicos e sociais, sendo que, para o seu melhor entendimento, é necessário requerer o concurso de disciplinas complementares que possam analisá-lo em todas as suas dimensões (BOND e col., 1994). No entanto, se considerarmos que o envelhecimento é também um processo contínuo e progressivo, podemos aventar a possibilidade de que estas perdas e/ou processo de degeneração não irão afetar todas as pessoas de uma determinada idade ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, bem como nem todas as pessoas de um mesmo grupo social experienciam o envelhecimento de uma única forma.

Pesquisas em Psicologia (BALTES e col., 1977; BALTES e col. 1980a, 1980b), corroboram os nossos argumentos ao indicarem que o envelhecimento está associado tanto às perdas, como aos ganhos, sendo possível obter um **desenvolvimento positivo durante o curso de vida (o destaque é nosso)**. Estes resultados também nos levam a ponderar sobre as limitações existentes quando utilizamos somente o conceito de idade cronológica para a análise do envelhecimento, ou quando o analisamos apenas como processo degenerativo.

BERGEMAN (1997) indica que o processo de envelhecimento está sujeito a diferentes condições que interferem conjuntamente na qualidade de vida daqueles que envelhecem, o que nos permite dizer que envelhecer é uma experiência única para cada indivíduo, diversificada entre idosos de um mesmo grupo social e heterogênea entre diferentes grupos sociais. O que significa que o envelhecimento, em função de sua múltipla determinação, confere diversidade, individualidade e variabilidade entre os indivíduos.

Nestes termos, podemos pensar na existência de padrões de envelhecimento e de velhice que traduzem diferentes maneiras de envelhecer e de ser velho, como também em diversas experiências de velhice. Por outro lado, *"Falar em padrões de envelhecimento significa admitir que existem conjuntos de mudanças observáveis associadas à idade"* (NERI 1999a, p. 3)²⁷, que conceitualmente podem ser descritas em termos de padrões de envelhecimento primário, secundário e terciário²⁸ (NERI, 1999a).

²⁷ NERI, A L. **Qualidade de Vida na Velhice e Atendimento Domiciliário**. Campinas: UNICAMP; 1999a. Texto no prelo. Editora Atheneu. [Cópia de circulação restrita ao Curso de Pós Graduação em Gerontologia da UNICAMP].

²⁸ Envelhecimento primário: "diz respeito às mudanças que são intrínsecas, progressivas e universais, como por exemplo o embranquecimento dos cabelos, o aparecimento de rugas, (...)" (NERI 1999a, p. 3). Envelhecimento secundário: "diz respeito às mudanças causadas por doenças que são dependentes da idade, na medida em que tempo vivido significa aumento da probabilidade de exposição a fatores de risco". "Outra possibilidade do envelhecimento secundário ou patológico diz respeito às doenças que são relacionadas à idade, ou seja, são devidas a fatores intrínsecos de degeneração" (NERI 1999a, p.4). Envelhecimento terciário: "diz respeito ao declínio terminal, caracterizado por um grande aumento das perdas num período relativamente curto, ao cabo do qual sobrevem a morte" (NERI 1999a, p.4).

Entretanto, muitos dos estudos sobre o envelhecimento focalizam apenas os idosos em determinadas idades ou aqueles que apresentam padrões de envelhecimento patológico ou terciário, a partir dos quais generalizam seus resultados para outros grupos de idosos. A utilização indiscriminada destes resultados pode apresentar riscos, à medida em que podem dificultar a apreensão de características particulares do envelhecimento em diferentes grupos sociais, como também podem direcionar o seu entendimento a específicas condições de saúde, encontradas em determinados padrões de envelhecimento.

Os idosos constituem o grupo social mais heterogêneo e diversificado se compararmos a sua condição de saúde (física e psicológica) e a sua interação social com a de outros grupos etários (BERGEMAN 1997, p.6). Esta diversidade está diretamente relacionada com o aumento de idosos no mundo, que proporciona uma maior diversidade de pessoas que envelhecem ao mesmo tempo, mas em diferentes grupos com condições psicológicas, sociais e de saúde distintas. O aumento da expectativa de vida também imprime heterogeneidade entre aqueles que estão envelhecendo, ao possibilitar a coexistência de diferentes idades cronológicas em um único grupo social, **os idosos**, como também permite a inclusão de outras idades que também merecem ser analisadas, principalmente aquelas superiores a 65 anos.

Neste sentido, consideramos que o uso da palavra **idoso** não é suficiente para indicar de que período etário estamos tratando quando estudamos o envelhecimento, como também para identificar quem são os idosos dos quais estamos falando. Apesar da

convenção existente²⁹, que estabelece a idade de 65 anos como marco para início do envelhecimento e também para designar uma pessoa como idosa³⁰, questionamos até que ponto é possível considerar que as condições de saúde e a interação social de uma pessoa com 65 anos, possam ser adotadas integralmente para uma outra com 80 anos ou vice e versa e, desta forma, incluí-las em um mesmo grupo de referência apenas em função de sua idade cronológica.

Esta associação direta, entre a idade cronológica de 65 anos ou mais com o grupo dos idosos³¹, parece ser decorrente da ausência de terminologia adequada para distinguir os processos de envelhecimento de algumas das características específicas de grupos sociais distintos. O que indica que o processo de envelhecimento vem sendo utilizado como sinônimo tanto para designar os estudos sobre determinados grupos sociais, como também para aqueles que discutem as características específicas deste processo (HAREVEN 1995a, 1995b). Consequentemente, esta ausência de precisão pode contribuir para considerarmos o envelhecimento como um processo inerente só a determinados grupos, que vivenciam situações sociais específicas, o que pode

²⁹ National Library of Medicine Medline, Thesaurus: term information. Washington (DC); 1998.

³⁰ No entanto, A Política Nacional do Idoso considera como idoso, a pessoa que é maior de 60 anos, para todos os efeitos da Lei no. 8.842, de 4 de janeiro de 1994.

³¹ "Existem numerosas evidências práticas e de pesquisa de que a maioria das pessoas acreditam que a velhice começa aos 60 ou 65 anos, devido a associação entre essas idades e a aposentadoria por idade, os marcadores do envelhecimento biológico e outras transformações nos papéis sociais e familiares vividas pelos idosos". NERI, A L. **O Fruto das Sementes: Processos de Amadurecimento e Envelhecimento**. Campinas: UNICAMP; 1999b, p.29. [Texto provisório, circulação restrita].

implicar na exclusão dos idosos que não pertencem a estes grupos sociais, ou daqueles que vivenciam estas situações de forma diferenciada.

Para melhor exemplificar nossa afirmação, podemos pensar sobre a forma pela qual alguns dos estudos sobre a aposentadoria contribuíram para associá-la com as características intrínsecas do processo de envelhecimento, bem como a utilizaram para identificar determinadas idades e condições sociais específicas (DEBERT, 1994a). Porque, se em um primeiro momento, a aposentadoria estava associada a **"velhice" (o destaque é nosso)**, como marco para início da última etapa da vida³², em um momento posterior, a aposentadoria é identificada como a **"Terceira Idade" (o destaque é nosso)**, como período privilegiado de lazer e de novos aprendizados³³ (DEBERT e SIMÕES, 1994b). No entanto, a aposentadoria também pode ser classificada como um **"evento normativo" (o destaque é nosso)**, ou seja, um evento cuja ocorrência é esperada em uma certa idade que é determinada por lei (NERI, 1995), o que pressupõe a necessidade de estudá-la de acordo com a especificidade de cada contexto social³⁴.

O uso indiscriminado de termos vagos e ambíguos como aposentadoria, idosos e envelhecimento, entre outros, nesta área do conhecimento, compromete o entendimento de que estas

³² Sinalizando uma das características intrínsecas do processo de envelhecimento, ou seja, a da finitude da vida humana.

³³ Sinalizando a existência de determinados grupos sociais, que vivenciam a aposentadoria como período privilegiado de lazer.

³⁴ NERI (1995), menciona como as novas leis sobre a aposentadoria no Brasil modificaram a vivência, dos professores das universidades federais, em relação a este evento esperado, citando como exemplo o trabalho de DEPS (1994).

experiências estão subordinadas à variabilidade histórica e social de cada contexto social, a qual atribui significados distintos na maneira pela qual as pessoas envelhecem e experienciam o término de sua vida ativa³⁵ (DEBERT e SIMÕES, 1994b). Este fato sinaliza a necessidade de maior rigor teórico-metodológico nos estudos sobre o envelhecimento, principalmente, na hora de definirmos o nosso problema de investigação.

Diante da diversidade de argumentos utilizados para definir o envelhecimento, poderíamos pensar na dificuldade para eleger os que irão fundamentar este trabalho, sem comprometer o entendimento da complexidade deste processo, como também definir os que possam contribuir na delimitação de nosso campo de trabalho. Para tanto, será necessário recorrer aos próprios argumentos apresentados anteriormente, a fim de preservar algumas de suas características essenciais.

Conceber o envelhecimento como processo que é contínuo, progressivo e está presente no desenvolvimento de todos os seres humanos, significa assumir a postura teórico-metodológica que indica que o envelhecimento é contínuo porque pressupõe um caminho a ser seguido, do nascimento até a morte; é progressivo ao indicar mudanças ao longo deste percurso, através de eventos previsíveis e imprevisíveis no desenrolar da vida da maioria das pessoas, como por exemplo a puberdade, menopausa entre outros (KIMMEL, 1990).

³⁵ DEBERT e SIMÕES (1994b), utilizaram a expressão "vida ativa" para designar atividade de trabalho remunerado.

Ao adotarmos estes pressupostos, estaremos delimitando, como campo de trabalho para as nossas investigações, o próprio curso de vida dos seres humanos, no sentido de que estaremos estudando o envelhecimento dentro do contexto da trajetória da vida humana. O que pressupõe a necessidade de estudar todos os processos que podem causar crescimento e mudança ao longo da vida, incluindo tanto os aspectos biológicos e psicológicos como os sociais e culturais (KIMMEL, 1990). Como decorrência, esta definição pode nos encaminhar ao estudo dos diferentes períodos etárias que compõem a vida humana, sob uma perspectiva psicológica, biológica, social e cultural.

3.2 O ENVELHECIMENTO E O CURSO DE VIDA

O processo de envelhecimento, definido nestes termos, nos encaminha à nossa primeira questão, decorrente da associação entre envelhecimento e curso de vida, porque se o nosso campo de investigação é constituído a partir do curso de vida dos seres humanos, estaremos pressupondo a necessidade de estudá-lo a partir de todas os períodos etários que compõem a vida humana. O que poderia nos encaminhar ao que RILEY (1998, p. 43) considera como a **"falácia do curso de vida"** (o destaque é nosso) [life course fallacy], ou seja, definir o processo de envelhecimento apenas como o conjunto de todas as idades que compõem a vida humana.

Consideramos que o processo de envelhecimento é muito mais complexo do que a mera superposição dos períodos etários que delineiam a vida humana, mas a observação de RILEY (1998) é pertinente porque a definição sobre o processo de envelhecimento, nos termos em foi apresentada, dificulta tanto a

compilação de informações sobre a vida das pessoas que poderiam participar desta pesquisa, como também a definição de um referencial teórico para a análise destes dados, em função da abrangência do período de tempo escolhido. Neste sentido, ainda será necessário trabalhar nesta associação a fim de especificar a forma pela qual estaremos trabalhando com estes conceitos e, a partir dessas definições, evitar que nosso trabalho incorra nesta falácia.

Para tanto, podemos incorporar em nossa análise duas asserções que nos permitem avançar em nossa discussão. A primeira delas diz respeito à representação da vida humana através de períodos de desenvolvimento distintos, em função das semelhanças que as pessoas apresentam em determinadas idades e em determinados grupos sociais. A segunda afirmação nos apresenta a possibilidade de compreender as diferentes idades que delimitam a vida humana através do entendimento de idades anteriores, porque a forma pela qual um período etário se desenvolve e é vivenciado pela pessoa irá influenciar o desenvolvimento e a vivência do período seguinte. O que significa que nenhum período da vida de uma pessoa (infância, adolescência ou velhice) pode ser compreendido sozinho ou à parte dos períodos que o antecedem ou o sucedem (BRIM, 1966; CLAUSEM, 1972; RILEY 1971 e 1979). Neste sentido, podemos pressupor que o entendimento do processo de envelhecimento também possa ser realizado através da compreensão dos períodos etários anteriores que, neste caso, poderiam ser representados pela idade adulta.

Dessa forma, estaremos diante de nossa segunda questão, que está relacionada ao sentido pelo qual iremos associar os conceitos de **envelhecimento e curso de vida**, porque será

necessário estabelecer um parâmetro para a nossa análise, a fim de balizar quais são os marcos etários anteriores quando estamos falando sobre o envelhecimento, como também para estabelecer qual será o nosso ponto de referência neste percurso que é a vida humana. No entanto, para a definição destes parâmetros, devemos eleger um referencial teórico, que possa nos auxiliar a ultrapassar as dificuldades que se apresentam, quando analisamos o envelhecimento através do curso de vida das pessoas.

Algumas destas dificuldades podem ser enunciadas através das seguintes questões: *Se estamos considerando que o processo de envelhecimento é um caminho a ser seguido, do nascimento até a morte, como será possível estabelecer marcos para sinalizar as mudanças que precedem a velhice? Será que é possível estabelecer estes marcos, sem desconsiderar a complexidade e a variabilidade histórica e cultural deste processo? Como poderemos identificar qual é o período do desenvolvimento que melhor representa a velhice? Será que o desenvolvimento da vida humana realmente pode ser representado através de períodos distintos? Como estabelecer quais são as características da velhice, quando não consideramos seus aspectos degenerativos? Se considerarmos a idade adulta como marco que precede a velhice, quais serão as idades que compõem este período? Considerando a idade adulta como tal, será que existem idades que estariam mais próximas do limite ou da transição entre os idosos e os adultos como, por exemplo, a meia idade? Ao estudar a idade adulta, será que é possível identificar os eventos biológicos, psicológicos, sociais e culturais que podem influenciar a qualidade de vida na velhice? Por último, será que realmente existe um limite ou transição, que separe os idosos dos adultos?*

Todas estas questões são pertinentes, quando estamos analisando o processo de envelhecimento através da trajetória da vida humana, principalmente quando estamos enfatizando o estudo da idade adulta e o da velhice; neste sentido, podemos recorrer aos **estudos sobre o curso da vida humana** [life course], a fim de procurar subsídios teórico-metodológicos que possam melhor contribuir à especificação de nosso campo de trabalho.

3.3 DIFERENTES PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Nos últimos cinquenta anos, a trajetória da vida humana vem sendo estudada com a finalidade de compreender como as pessoas vivem e envelhecem em determinados contextos sociais, culturais e históricos. Observamos que a literatura sobre o **curso de vida** é composta por estudos em diferentes disciplinas ³⁶ que, a partir de referenciais teóricos distintos, estudam um problema comum, ou seja, "**o envelhecimento no tempo e no espaço**" (o destaque é **nosso**) [aging in time and place] (O'RAND 1998, p. 66-67).

O curso de vida humana, tomado como eixo de análise, pode ser caracterizado por um pluralismo teórico (MERTON, 1981), em função da convergência de múltiplas tradições em pesquisa que, ao analisarem como as pessoas vivem a trajetória de suas vidas, utilizam diferentes conceitos teóricos, procedimentos metodológicos e dados empíricos; sendo que esta diversidade teórica acaba produzindo o que O'RAND (1998) considera como um

³⁶ O'RAND (1998, p. 66-67) cita exemplos de alguns dos estudos em história [social history] (por exemplo o de Tamara Hareven), demografia (p. ex. Norman Ryder), gerontologia (p. ex. Bernice Neugarten), sociologia (p. ex. Matilda Riley, Glen Elder), economia (p. ex. Richard Easterlin) e psicologia (p. ex. Paul Baltes), entre outros.

pluralismo metodológico. Consequentemente, este pluralismo teórico e metodológico possibilita que a análise do envelhecimento, sob a perspectiva teórica-metodológica do **curso de vida**, possa ser realizada tanto a partir de diferentes disciplinas, como também utilizando conceitos e metodologias distintos. O que nos permite caracterizar o curso de vida como conceito heurístico porque abre portas para a ampliação da análise do envelhecimento como campo e objeto de investigação.

No entanto, este pluralismo não nos exime da necessidade de observar alguns dos pressupostos que esta perspectiva de análise requer, principalmente se nossa intenção é inscrever nosso trabalho nesta área do conhecimento; bem como da necessidade de mencionar o que consideramos como problemas teóricos subjacentes a esta pluralidade. Inicialmente iremos apresentar algumas das perspectivas de análise sobre "curso de vida" e alguns de seus problemas quanto à terminologia utilizada e aos referenciais teóricos adotados; sendo que, a partir destas informações, será possível introduzir os pressupostos que estaremos utilizando para configurar o nosso campo de trabalho.

JAMIESON e col. (1997) consideram o **curso de vida como uma perspectiva de análise**, como um mapa de orientação, que deve permitir a coleta de informações sobre três aspectos importantes: o movimento dos indivíduos através dos diferentes estágios da vida; possibilitar a ligação entre os diferentes estágios da vida, os iniciais e os tardios [earlier and later] como, por exemplo, infância e velhice; e indicar a ligação dos indivíduos com a sua história social e cultural.

Para CAVANAUGH (1993), o envelhecimento e o desenvolvimento dos adultos são fenômenos complexos, que não podem ser compreendidos a partir de uma única disciplina, sendo necessário recorrer a diferentes disciplinas para entender como os adultos se modificam ao longo de suas vidas. Na opinião deste autor, **a perspectiva do desenvolvimento do curso de vida** [life-span perspective] divide o desenvolvimento humano em duas fases, as iniciais e as tardias [earlier and later]. A fase inicial, composta pela infância e a adolescência, é caracterizada através da rapidez das mudanças e pela aprendizagem de novas habilidades; enquanto que na fase tardia, representada pelos adultos jovens, a meia idade e os idosos, as mudanças são mais lentas mas as habilidades continuam a se desenvolver, como também as pessoas continuam a se adaptar ao meio ambiente.

BALTES e WILLIS (1979) consideram que os indivíduos continuam a se desenvolver e apresentam mudanças durante toda a trajetória de suas vidas, sendo que o envelhecimento deve ser concebido como um processo que dura a vida toda [life-long process], ou seja, como produto de todas as experiências de uma vida inteira. Dessa forma, a análise do processo de envelhecimento deve envolver tanto o estudo das relações entre o desenvolvimento individual e ontogenético, como também as mudanças sociais que ocorrem durante toda a trajetória de vida. Para esses autores, **a psicologia do desenvolvimento do curso de vida** [life-span developmental psychology] é mais uma perspectiva de orientação do que uma teoria, a qual sugere um nível de abstração satisfatório, que permite construir um espaço peculiar para paradigmas teóricos e metodológicos (BALTES e WILLIS, 1979).

RILEY (1979) considera que a trajetória de vida de qualquer pessoa (ou coorte de pessoas nascidas num mesmo tempo) é afetada pelas mudanças sociais, de meio ambiente e da história. Porque, enquanto as pessoas crescem e amadurecem, tendências históricas e eventos vão acontecendo e podem influenciar o padrão de suas vidas (ELDER, 1974). Consequentemente, novos padrões de envelhecimento também podem provocar mudança social, à medida em que pessoas em uma mesma coorte são afetadas de maneiras similares pelas mudanças sociais, sendo que esta mudança coletiva nas formas de envelhecer também provoca outras mudanças sociais (WARING, 1975); o que parece indicar uma interdependência contínua entre envelhecimento e mudança social (RILEY, 1979). RILEY (1998, p. 28-51), recentemente, em suas notas autobiográficas, afirma que o ponto crucial da **perspectiva de análise sobre o curso de vida** é o que segue: *"as mudanças nas vidas das pessoas, o envelhecimento e a sucessão de coortes que envelhecem de diferentes maneiras, estão em contínua interação com as mudanças na sociedade e em suas estruturas, sendo que uma não pode ser entendida sem a outra"*.

De acordo com KIMMEL (1990), **as teorias sobre o desenvolvimento do ciclo de vida** [developmental theories of the life cycle] têm como finalidade explicar o crescimento e os padrões de mudanças dos indivíduos desde o nascimento até a morte. Neste sentido, consideram que os adultos continuam a se desenvolver depois da adolescência, bem como que estes têm histórias pessoais com eventos e marcas que são peculiares.

KIMMEL (1990) considera que estas teorias podem ser classificadas de acordo com os diferentes parâmetros, modelos e perspectivas que utilizam a fim de explicar como as pessoas se

desenvolvem ao longo da vida adulta. Para exemplificar sua afirmação, KIMMEL (1990, p. 9-23) cita alguns dos parâmetros, perspectivas e modelos utilizados para explicar estas mudanças; bem como os autores que os utilizam como, por exemplo, a ênfase na estabilidade e continuidade da vida através do tempo (COSTA e McCRAE, 1980); a sequência de estágios de desenvolvimento (BÜHLER 1935, 1968; JUNG, 1933; ERIKSON 1950, 1968, 1976; LEVISON 1976, 1978); a perspectiva dialética com ênfase no processo de mudança através da vida (RIEGEL, 1976) e a perspectiva pluralista com ênfase na pluralidade do desenvolvimento, como produto da interação de diferentes eventos normativos e não-normativos (BALTES e WILLIS, 1979; BALTES e col. 1980a, 1980b).

Estas teorias também podem ser organizadas a partir da concepção que assumem em relação à *"natureza da progressão das mudanças evolutivas"* (NERI 1995, p. 25). Para ilustrar sua afirmação, NERI (1995, p. 25-26) cita a organização proposta por BALTES, REESE, LIPSITT (1980b) e a de LERNER (1983) que indicam quatro concepções correntes, a saber: estabilidade, mudança ordenada, contextualista e flexível ou dialética.

De acordo com NERI (1995, p.25), a **"concepção de estabilidade"** (o destaque é nosso) está vinculada à teoria de traços, que considera que os padrões de diferenças individuais mantêm-se constantes ao longo do tempo. Na de **"mudança ordenada"** (o destaque é nosso) , o desenvolvimento acontece a partir de padrões ordenados de mudança ao longo do tempo, sendo que estes padrões são universais, ou seja, podem ser adotados para todos os seres humanos, independentemente de processos histórico-sociais. Esta concepção é exemplificada pelas teorias de Piaget,

Freud, Bühler, Kühlen, Jung, Erikson, Levison e Gould; sendo que NERI (1995), ressalta que a teoria de Erikson considera as influências culturais na resolução da crises psicossociais do desenvolvimento da personalidade, bem como indica que esta teoria é a precursora tanto do estudo dos adultos através da perspectiva do curso de vida, como da concepção dialética; porque analisa o desenvolvimento do nascimento até à morte e considera as influências culturais no desenvolvimento.

De acordo com NERI (1995), a **"concepção contextualista"** (o destaque é nosso) considera que o indivíduo e o ambiente social estão em constante interação e são mutuamente influentes, sendo que o desenvolvimento é definido como um processo contínuo ao longo da vida, que está relacionado a processos internos em interação com as atividades externas e aos processos sócio-históricos. Esta concepção pode ser exemplificada pelos trabalhos de Pierce, James, Dewey, Mead, Havighurst e Neugarten (NERI 1995, p.25).

Na **"concepção flexível ou dialética"** (o destaque é nosso), o desenvolvimento é analisado como produto da interação entre eventos normativos e não-normativos, sendo que os primeiros são de natureza ontogenética, ou seja, podem ser caracterizados pela idade (influência biológica) e pela história (influências sociais); enquanto os eventos não-normativos são aqueles cuja ocorrência não pode ser prevista para uma mesma época da vida da maioria dos indivíduos de um determinado grupo etário³⁷. Para NERI (1995), esta concepção é a que fundamenta a perspectiva

³⁷ NERI (1995, p. 26) menciona que estes eventos podem ser biológicos (por exemplo doenças), ecológicos (p. ex. acidentes naturais), histórico-sociais (p. ex. guerras, migração em massa), sociais (p. ex. alteração no sistema escolar), familiares (p. ex. divórcio dos pais) entre outros.

life-span ou de curso de vida em psicologia do envelhecimento, e está associada ao trabalho de Baltes.

Consideramos que estas diferentes perspectivas de análise não são suficientes para abarcar todo o conjunto de perspectivas que é possível identificar na literatura sobre o curso de vida; bem como que as que foram apresentadas deixam lacunas em aberto quanto à compreensão da evolução histórica deste conceito em diferentes Disciplinas. No entanto, são suficientes para os

propósitos deste trabalho porque exemplificam tanto a diversidade de conceitos e teorias existente nesta área do conhecimento, como também sugerem algumas possibilidades metodológicas que podem ser adotadas em outros estudos sobre a trajetória de vida das pessoas.

A análise destas perspectivas, face aos nossos objetivos, nos conduz à nossa terceira questão, que se refere à necessidade de indicarmos, ou não, a perspectiva e/ou teoria que estaremos utilizando para analisar os depoimentos de vida que serão apresentadas neste trabalho. Entretanto, antes de iniciarmos esta discussão, gostaríamos de apresentar algumas considerações quanto ao referencial teórico adotado nas perspectivas que foram apresentadas, como também em relação à terminologia utilizada.

Observamos que as perspectivas mencionadas, embora distintas quanto ao referencial teórico adotado, apresentam pontos de convergência em relação aos seguintes aspectos: que os adultos continuam a se desenvolver e a apresentar mudanças ao longo de suas vidas; analisam o envelhecimento a partir da trajetória de vida das pessoas; sendo que no caso de BALTES e WILLIS (1979), consideram que o envelhecimento é produto das

experiências de uma vida inteira; utilizam a trajetória de vida das pessoas como fonte de informações sobre as mudanças em suas vidas; e, de alguma forma, estabelecem relações entre os diferentes episódios ou momentos da vida das pessoas, quer através de estágios de desenvolvimento ou através da interação entre eventos normativos e não-normativos entre outros.

No entanto, estas perspectivas apresentam níveis de análise distintos quanto ao objeto de estudo e aos referenciais teóricos e metodológicos que são adotados, que podem ser resumidos da seguinte maneira: em relação à definição e a classificação do que seriam as mudanças ao longo da vida, principalmente se não estamos considerando só os aspectos biológicos; na forma de explicar como as pessoas mudam e se desenvolvem; e na força de determinação que atribuem aos processos sociais, culturais e históricos na configuração destas mudanças.

Estes diferentes níveis de análise acabam proporcionando distinções tanto na forma pela qual estas perspectivas apresentam o seu "modelo" de análise, como também nos termos utilizados como, por exemplo, curso de vida como perspectiva de análise (RILEY, 1979; JAMIESON e col., 1997), perspectiva do desenvolvimento do curso de vida [life-span perspective] (CAVANAUGH, 1993), teorias do desenvolvimento do ciclo de vida [developmental theories of the life cycle] (KIMMEL, 1990) e psicologia do desenvolvimento do curso de vida [life-span developmental psychology] (BALTES, 1979; NERI, 1995), entre outros.

A noção sobre o **ciclo de vida** [life cycle] está diretamente relacionada aos aspectos biológicos da vida das pessoas como, por exemplo, puberdade, idade reprodutiva, gravidez, menopausa

entre outros, sendo que RILEY (1979, 1998) considera que este termo, assim como o de life-span, apresentam especial conotação com as disciplinas de biologia e demografia, bem como com o de outras que enfatizam a análise da vida humana a partir dos aspectos biológicos ou demográficos.

NERI (1995) considera que a noção de **life-span** indica extensão de vida em toda a sua duração, como de algum período particular; sendo que a sua utilização não requer, a priori, o concurso de alguma teoria para qualquer forma de periodização. Observa também que a noção de life-span vem sendo utilizada como sinônimo para curso de vida tanto na literatura internacional, como na brasileira, tendo em vista que não possuímos um correspondente exato para a sua tradução. NERI (1999b, p. 14) considera que *"como este significado tem relações mais próximas com os conceitos bio demográficos de duração da vida, longevidade e expectativa de vida, e como a expressão life span tem um sentido metateórico específico em Psicologia, propomos que ela seja conservada em inglês"*.

Em relação à noção de **curso de vida**, NERI (1995, p.30) cita a definição de HAGESTAD (1990), na qual o curso de vida está *"relacionado com as formas pelas quais as diferentes sociedades atribuem significados sociais e pessoais à passagem do tempo biográfico, permitindo a construção de trajetórias de vida marcadas por sequência de transições demarcadas socialmente e diferenciadas por idade"*.

Para GIELE e ELDER (1998b), o **curso de vida** [life course] está relacionado à sequência de normas e eventos socialmente definidos, os quais são observados e vivenciados pelos

indivíduos ao longo da vida; sendo que esta idéia difere da noção de **ciclo de vida** [life cycle] porque muitos dos eventos e das normas, não ocorrem, necessariamente, a partir de uma ordem preestabelecida, mas que a soma total destes é que constitui a experiência atual das pessoas durante a vida.

Na opinião destes autores, a idéia sobre o **curso de vida** [life course] é caracterizada através da flexibilidade e da capacidade de cercar e de acessar diferentes tipos de cultura, grupos sociais e variações individuais. Neste sentido, esta idéia consegue libertar os pesquisadores da influência de um fator isolado para explicar as mudanças ao longo da vida, porque introduz um modelo que combina diferentes variáveis, que permite tanto a codificação de eventos históricos e a interação social, como também das idades biológicas e o desenvolvimento psicológico das pessoas (GIELE e ELDER, 1998b).

É certo que estas distinções quanto à terminologia utilizada nesta área do conhecimento, refletem diferentes concepções teóricas sobre a trajetória de vida das pessoas. Observamos que as explicações mais relacionadas com a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia Social entre outras, consideram que o curso de vida é uma perspectiva de análise; enquanto que a psicologia do desenvolvimento, a psicanálise entre outras, remetem o estudo sobre o curso de vida às teorias do desenvolvimento humano.

Um mapa de orientação (JAMIESON e col., 1997) não precede a existência de um referencial teórico subjacente ou de alguns pressupostos que fundamentem as análises que serão elaboradas. Consequentemente, a adoção deste conceito é decorrente de uma postura epistemológica, a qual considera que as informações

necessárias à compreensão de nosso objeto de estudo serão obtidas a partir da análise da relação dinâmica e contínua entre as pessoas e o seu meio ambiente; sendo que tanto as mudanças na vida das pessoas como no meio ambiente interferem simultânea e dinamicamente nesta relação, como se fosse possível existir neutralidade na ciência.

Nesta perspectiva de análise podemos incluir os trabalhos de RILEY (1979, 1998) e ELDER (1974), entre outros, porque consideram que a vida das pessoas é alterada em função das mudanças estruturais da sociedade e vice-versa, ou seja, a análise aqui é colocada em termos de um nível individual (micro), relacionado com a vida das pessoas, e um nível societal (macro), relacionado à estrutura das sociedades; no qual, a mudança parece ocorrer em blocos ou estruturas compactas³⁸, ou seja, a sociedade muda e os indivíduos também mudam e vice-versa.

É certo que as mudanças na sociedade podem contribuir para mudar o comportamento das pessoas, mas nem sempre uma mudança isolada no comportamento das pessoas consegue alterar, por si só, a sociedade. Outro aspecto, que não fica claro nesta perspectiva, é em relação ao tipo de mudança que estão considerando, bem como quanto à explicação sobre como estas mudanças ocorrem. Neste sentido, estas abordagens utilizam a expressão "perspectiva de análise sobre o curso de vida", porque aqui o curso de vida é mais um objeto de estudo, porque a

³⁸ De acordo com GIELE e ELDER (1998b, p.6), esta análise, centrada na relação entre um nível micro (relacionado à vida das pessoas e à de pequenos grupos) e um nível macro (representando a sociedade como um todo), está associada ao trabalho de funcionalistas como Durkheim e Parsons; como também ao de Mauss, Lévi-Strauss e Bronfenbrenner, entre outros.

explicação sobre estas mudanças será decorrente do referencial teórico que utilizam³⁹.

Entretanto, se estas abordagens privilegiam a relação uniforme, dinâmica e interdependente entre as pessoas e o seu meio ambiente, as "teorias do curso de vida" enfatizam o indivíduo e o seu potencial de crescimento, maturação e mudança ao longo da vida. Nestas teorias, as influências sociais, culturais e históricas são minimizadas⁴⁰ em função da ênfase nos aspectos biológicos e psicológicos. Se no primeiro caso a ênfase era no social e na relação entre indivíduo e sociedade, aqui a ênfase é no ser; o que poderíamos caracterizar como um **"reducionismo do curso de vida" (o destaque é nosso)** [life course reductionism] (RILEY 1998, p. 50) apenas aos aspectos ontogenéticos, em contraposição à ênfase nos aspectos sociogenéticos, descrita no primeiro caso.

Dessa forma, a literatura nesta área utiliza a expressão "teorias do curso de vida" porque as diferentes explicações sobre o desenvolvimento das pessoas ao longo da vida estão pautadas em diferentes referenciais teóricos como, por exemplo, as teorias de Freud, Piaget, Levison entre outros, que apresentam pressupostos distintos e articulações teóricas próprias.

³⁹ A análise da relação entre os indivíduos (nível micro) e a sociedade (nível macro) é uma questão presente em várias disciplinas; sendo que GIELE e ELDER (1998b, p. 6-12) identificam como as explicações para esta relação foram se modificando ao longo dos tempos, em função de diferentes eventos históricos. No entanto, parece que esta análise ainda continua centrada em dois pólos distintos, os indivíduos e a sociedade, no próximo capítulo iremos discutir mais esta questão.

⁴⁰ Com exceção das teorias de Erikson e a de Baltes (NERI, 1995).

NERI (1995) considera que tanto a perspectiva sobre o curso de vida na sociologia, como a de life span em psicologia⁴¹ são interligadas e influentes na gerontologia atual o que, de certa forma, reflete uma característica desta área do conhecimento que, em função de sua complexidade, requer o concurso de diferentes disciplinas para o seu melhor entendimento. Consequentemente, esta característica nos permite inscrever o tanto o Envelhecimento, como também o Curso de Vida como campos de investigação interdisciplinar, a exemplo da Saúde Pública e nos moldes apontados por ALVARENGA (1994, p. 22-41).

No entanto, podemos ponderar até que ponto esta diversidade e as possíveis associações entre diferentes disciplinas não irão nos conduzir também a análises equivocadas sobre o desenvolvimento da vida humana, principalmente se considerarmos a rapidez e agilidade das transformações das sociedades contemporâneas face a pós-modernidade⁴², quanto a diversidade de períodos etários existentes e a multiplicidade de grupos sociais.

Dessa forma, consideramos que o estudo sobre o curso de vida humana nestas sociedades ainda requer outras análises que possam melhor especificar os aspectos teóricos, metodológicos e epistemológicos que compõem este campo de conhecimento que, na opinião de GIELE e ELDER (1998b, p. 27), **"ainda é muito jovem"** (o destaque é nosso) ou também, como aponta BALTES (1995, p.12), que **"Paradoxalmente, a velhice é jovem"**. (o destaque é nosso), principalmente se a considerarmos sob uma perspectiva histórica e cultural.

⁴¹ Especificamente em relação ao trabalho de Baltes.

⁴² No próximo capítulo iremos discutir melhor esta questão.

4. O ENVELHECIMENTO COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO INTERDISCIPLINAR E O CURSO DE VIDA COMO PERSPECTIVA DE ANÁLISE NA PÓS-MODERNIDADE

4.1 A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

A composição do **curso de vida**, como um campo de investigação, pode ser caracterizada através de três aspectos fundamentais: a confluência de várias disciplinas, que têm como finalidade explicar como as pessoas vivem as vidas; influência de diferentes recursos metodológicos que, paulatinamente, modificaram e estão modificando as características iniciais desta área do conhecimento; e a configuração de um espaço ideal para a articulação de diferentes perspectivas e metodologias de análise sobre o curso de vida das pessoas.

GIELE e ELDER (1998b) ao analisarem diferentes estudos sobre o curso de vida, desde a Segunda Guerra Mundial, identificaram a convergência de quatro correntes importantes que contribuíram tanto para caracterizar este campo de investigação, como também permitiram a articulação do que estes autores denominam como o **paradigma⁴³ do curso de vida**. As quatro correntes identificadas são os estudos sobre a História, a Sociologia do Envelhecimento, a Psicologia do Desenvolvimento e a inclusão de diferentes recursos metodológicos como, por exemplo, as pesquisas longitudinais, as de coortes, as biografias, os depoimentos, as de histórias de vida, entre outras.

⁴³ Paradigma como sinônimo de teoria ou esquema conceitual.

De acordo com estes autores, estas correntes influenciaram este campo quando os estudos de História tanto na Europa, como nos Estados Unidos, tornaram-se mais demográficos e trocaram seu interesse por heróis para os eventos da vida cotidiana como, por exemplo, os nascimentos, as mortes, entre outros. GIELE e ELDER (1998b, p. 13-15) citam, para exemplificar esta influência, os estudos sobre a família realizados por ARIÈS (1962, 1981), WRIGLEY (1969), LASLETT (1972), HAREVEN (1982) entre outros, os quais indicam diferenças quanto à concepção sobre a família, a relação entre os seus integrantes e ao seu papel na sociedade; bem como, quanto ao caráter distintivo dos indivíduos e das comunidades.

Como decorrência, estes estudos contribuíram para a articulação de um dos quatro elementos que compõem o paradigma do curso de vida, ou seja, **"a situação no tempo e no espaço" (o destaque é nosso)** [location in time and place], que nos diz sobre a história, a estrutura social e a cultura. Neste sentido, tanto o comportamento individual, como o social estão assentados em diferentes níveis de contextos sociais e físicos, nos quais cada experiência individual em sua totalidade é particular em alguns aspectos; sendo que estes dois aspectos da situação dos indivíduos em seus grupos de referência, tanto geral como particular, afetam suas experiências pessoais e as maneiras pelas quais vivem suas vidas ao longo do tempo (GIELE e ELDER 1998a, p. 1-4).

As crianças que viveram na época da Depressão, por exemplo, experienciaram um período histórico distinto em relação ao de outras crianças que nasceram nos anos subsequentes, sendo que as primeiras, vivenciaram esta mesma situação histórica de uma

forma distinta entre elas, em função da severidade das condições nas quais cresceram (ELDER, 1974; GIELE e ELDER, 1998b). Outro exemplo, que poderia ser citado, são os primeiros estudos sobre as líderes feministas que, em função de seu histórico e de características pessoais e culturais, se distinguiram das outras mulheres de sua época, sendo que para criar uma nova ordem, estas mulheres tiveram que desenvolver um novo padrão cultural (GIELE, 1988; GIELE e ELDER, 1998a).

A Sociologia do Envelhecimento, por sua vez, deixou de lado os estudos sobre particulares períodos etários para considerar o processo de envelhecimento de uma forma mais contínua, muito em função do aumento do número de idosos no mundo. Consequentemente, a classificação dos diferentes períodos etários, em termos de expectativa de papéis socialmente definidos, ficou difícil de ser realizada e novos estudos empíricos contribuíram para a elaboração de um modelo multidimensional para entender o envelhecimento e o curso de vida.

Neste sentido, estudos sobre diferentes coortes⁴⁴ demonstraram conexões importantes entre o envelhecimento individual e o período histórico, porque os resultados encontrados indicaram que a configuração do curso de vida era diferente dependendo do ano de nascimento. Dessa forma, a interação entre a idade do indivíduo (anos vividos a partir do nascimento), o período histórico em que o indivíduo vive (por exemplo, os anos 60) e a sua coorte (conjunto de pessoas nascidas num mesmo ano) produzem diferentes padrões de vida

⁴⁴ GIELE e ELDER (1998b, p. 15) citam os estudos de GIELE (1982), FEATHERMAN e SØRENSEN (1983), BENNETT e ELDER (1979), UNLENBERG (1969) entre outros.

entre os indivíduos de um mesmo grupo social ou de uma mesma geração.

Os estudos sobre diferentes coortes também contribuíram para a configuração do segundo elemento do paradigma do curso de vida, ou seja, o de **"vidas interligadas"** (o destaque é nosso) [linked lives], que nos diz como os diferentes níveis de ação social (cultural, institucional, social, psicológico e biológico) estão interligados e em constante interação não só como partes de um todo, mas também como resultado dos contatos com outras pessoas que partilham experiências similares (GIELE e ELDER 1998a, p.2).

A ênfase nos estudos sobre coortes, no entanto, pode promover o que RILEY (1998, p. 43) considera como a **"falácia do coorte-centrismo"** (o destaque é nosso) [fallacy of cohort-centrism], ou seja, assumir erroneamente que todas as pessoas de uma mesma e de todas as coortes irão envelhecer da mesma forma que as pessoas de nossa própria coorte. RILEY (1998) pondera que muitos dos preceitos sobre o curso de vida foram abstraídos de estudos de uma única coorte como, por exemplo, composta só por homens, fato que pode ter comprometido os seus resultados, porque desconsideraram as diferenças entre gênero.

Em função deste fato, RILEY (1998) alerta que muitos dos estudos sobre o curso de vida ainda são realizados sob uma ótica predominantemente ahistórica [ahistorical] e coorte-centristas [cohort-centrism], nos quais a história e a antropologia parecem não ter um peso significativo na hora de analisar os diferentes cursos de vida. Para exemplificar sua afirmação, RILEY (1998, p. 43) cita TILLY (1992, p.1) que dramatizando esta observação diz

o seguinte *"a sociologia sem a história é como um cenário de Hollywood: grandes cenas, algumas vezes brilhantemente pintadas, mas com ninguém e nada por trás delas"*.

De acordo com GIELE e ELDER (1998b, p.10), o terceiro elemento do paradigma do curso de vida diz respeito a **"agência humana"** (o destaque é nosso) [human agency], que nos indica como os indivíduos se movimentam através de suas vidas para atingir as suas metas [individual goal orientation], fato que configura e direciona os caminhos pelos quais suas vidas são traçadas. Estes autores citam, como exemplo, o caso das mulheres provenientes de famílias pobres que, na época da Depressão, cresceram procurando cumprir os valores tradicionais da família; enquanto que as mulheres que não passaram pela mesma privação material daquela época, cresceram procurando conciliar família e trabalho, como também se empenharam para prosseguir com os seus estudos.

A identificação da **"agência humana"** (o destaque é nosso) [human agency], como elemento do paradigma do curso de vida, está fundamentada nos estudos sobre o curso de vida que, desenvolvidos através da Psicologia do Desenvolvimento, foram se modificando tanto a partir da compilação de diferentes histórias de vida (GIELE e ELDER, 1998a), como também da aproximação entre a Psicologia do Desenvolvimento, a Sociologia do Envelhecimento e a História.

Desde Freud e Erikson, diferentes psicólogos e pesquisadores vem tentando traçar o que consideram como o curso de vida típico, o qual explicaria o desenvolvimento de todas as pessoas através da vida, desde o nascimento até a morte; bem

como, indicaria diferentes fases de desenvolvimento como, por exemplo, a infância, a adolescência, a maturidade, a meia idade e a velhice. No entanto, esta idéia de estágios universais do desenvolvimento humano, aos poucos, foi sendo modificada em função da dificuldade de discernir as diferenças entre estes, como também a grande variação existente em sua vivência como, por exemplo, variação quanto a gênero, etnia, conhecimento e experiências individuais⁴⁵.

Dessa forma, o estudo do curso de vida, através da Psicologia do Desenvolvimento, começou a reconhecer que existem diferentes trajetórias de desenvolvimento, relacionadas ao gênero e a diferentes etnias, bem como que a "adaptação" dos indivíduos aos seus contextos sociais poderá ter diferentes formas, em função das diferenças entre contextos sociais e culturais diversos. Entretanto, o ponto principal desta mudança é o reconhecimento de que o estudo do envelhecimento, tanto de indivíduos como o de grupos, deve incluir as características do contexto social e cultural que circunda os indivíduos.

Desde então, observa-se que o estudo sobre o curso de vida vem se movimentando de uma tendência que divide o estudo do desenvolvimento humano em estágios contínuos, para um firme reconhecimento de que qualquer ponto do curso de vida precisa ser analisado dinamicamente, como consequência das experiências passadas e das expectativas futuras, bem como uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente (GIELE e ELDER, 1998b).

⁴⁵ ELDER e GIELE (1998, p. 18) citam como exemplo os trabalhos de KOHLBERG (1969), de GILLIGAN (1982) e o de THORNE (1994).

O trabalho de Paul Baltes⁴⁶ representa uma ruptura com esta idéia de estágios de desenvolvimento, quando introduz uma noção mais flexível e contínua sobre o curso de vida, no qual o foco de interesse é a adaptação dos indivíduos à dupla natureza do envelhecimento, na qual as pessoas experienciam perdas biológicas, mas têm ganhos culturais (GIELE e ELDER, 1998a). Neste sentido, outros trabalhos se seguiram indicando como as narrativas sobre diferentes histórias de vida se modificaram através do tempo (SHOTTER, 1993) como, por exemplo, o de BATESON (1990) que considera difícil seguir os parâmetros estabelecidos pelas gerações anteriores, em função da descontinuidade de nosso tempo, que transformou o nosso curso de vida na **"arte de improvisar"** (o destaque é nosso) [an improvisatory art].

Estas mudanças indicam a importância das histórias de vida que, de certa forma, contribuíram para que o termo ciclo de vida [life cycle] fosse substituído pelo o de curso de vida [life course], indicando uma maior flexibilidade na maneira de conceber e analisar como as pessoas vivem as suas vidas. DENZIN (1989) considera que o aumento dos estudos sobre o curso de vida também proporcionou a reunião de uma nova coletânea de histórias de vida que, combinadas com outros métodos de análise, possibilitaram capturar o significado subjetivo da experiência humana, o qual não poderia ser apreendido integralmente através de pesquisas quantitativas.

⁴⁶ Psicologia do Desenvolvimento do Curso de Vida.

Este fato nos leva a ponderar sobre o potencial de análise, que pode representar a inclusão de novas histórias de vida⁴⁷ neste referencial teórico, especialmente se analisarmos como as pessoas vivem as suas vidas, quando estão vivendo em sociedades modernas e contemporâneas. Principalmente, se considerarmos que, nestas sociedades, a noção de espaço [sense of space] como um espaço, onde cada um de nós está cercado pelos vestígios do passado e pelas expectativas do futuro, está sendo substituída pela noção de uma identidade própria [self-identity] que é construída a partir de nossa trajetória em diferentes cenários institucionais da modernidade (GIDDENS 1991, p. 14).

Assim como as histórias de vida contribuíram para a composição do curso de vida, como campo de investigação, as pesquisas longitudinais também possibilitaram a caracterização do quarto elemento do paradigma do curso de vida, o de **"sincronização da vida" (o destaque é nosso)** [timing of lives], que indica como as pessoas combinam simultaneamente os eventos cronológicos de sua vida pessoal, tanto com os eventos característicos de seu grupo de referência como com os que são peculiares ao momento histórico que estão vivenciando.

De acordo com GIELE e ELDER (1998b, p. 10), **"a sincronização dos eventos da vida" (o destaque é nosso)** [timing of life events] pode ser entendida como uma estratégia de adaptação das pessoas aos eventos concretos de sua vida, a qual permeia a vivência dos outros três elementos do paradigma do curso de vida, citados anteriormente. Neste sentido, os eventos da vida podem ser considerados como fundamentais porque permitem

⁴⁷ Histórias de vida, histórias orais, depoimentos pessoais entre outros recursos metodológicos que possam apresentar diferentes experiências de vida.

analisar conjuntamente as diferentes informações sobre a trajetória de vida das pessoas.

O'RAND (1998) considera que a ênfase no estudo do tempo e na organização temporal [time and temporal organization] pode ser considerada como um denominador comum entre diferentes disciplinas, porque permite a comunicação e a acumulação de diferentes informações e de dados de pesquisa, que podem contribuir para uma busca mais primorosa das interconexões entre as mudanças no curso de vida individual e as variações na dinâmica social.

Em sua opinião, o conceito sobre a "**sincronização da vida**" (o destaque é nosso) representa a maior ruptura [breakthroughs] com os parâmetros que eram utilizados anteriormente na análise das relações entre o curso de vida e a dinâmica social (O'RAND 1998, p.52-74). Dessa forma, os eventos combinados com eventos históricos, ou trajetórias, podem ser considerados como elementos essenciais à articulação do paradigma do curso de vida, desde que estes eventos possam ser comparados através de diferentes pessoas e grupos, bem como que as diferenças entre estes possam ser observadas quanto à sua sincronização [timing], duração e os padrões de mudança (GIELE e ELDER, 1998b).

O casamento e a constituição de uma família, por exemplo, aconteceram mais cedo na vida das mulheres provenientes de famílias pobres, na época da Depressão; sendo que estes eventos configuraram o curso de vida destas mulheres de uma forma particular, na qual a vivência dos eventos subsequentes em suas vidas foi permeada por estes e distinta em relação à de outras

mulheres, nascidas na mesma época, mas que se casaram mais tarde (GIELE e ELDER, 1998a).

As pesquisas longitudinais⁴⁸, ao introduzirem novas tecnologias⁴⁹, tanto para interpretar as várias interações entre os diferentes eventos da vida, como também para analisar os efeitos destas no curso de vida das pessoas, permitiram obter uma visão mais apurada sobre como a vida das pessoas é mutuamente configurada a partir de suas características pessoais e das condições de seu meio-ambiente. Dessa forma, estas pesquisas possibilitaram observar como esta mútua configuração contribui para a produção de histórias pessoais com considerável variação, mas também com algumas similaridades. No sentido de que as pessoas parecem se adaptar aos desafios da vida, confrontando as suas características pessoais com a sincronização dos eventos de sua vida, a fim de obter maiores possibilidades de sobrevivência com um menor sofrimento e baixa probabilidade de fracasso (GIELE e ELDER, 1998b).

Consequentemente, os resultados destas pesquisas também contribuíram para a caracterização do curso de vida como um processo bidirecional, ou seja, como um processo que a sua análise deve ser realizada a partir da contextualização das relações entre as características das pessoas e a dos seus grupos de referência. FEATHERMAN e LERNER (1985) indicam que o paradigma do curso de vida está caminhando em direção a uma perspectiva metateórica, que incorpora tanto idéias

⁴⁸ GIELE e ELDER (1998b, p. 20) citam as pesquisas de COLEMAN (1981), ALLISON (1984), KENDALL e LAZARSFELD (1950), JÖRESKOG e SÖRBOM (1979) entre outras.

⁴⁹ GIELE e ELDER (1998, p. 20 e 21) citam, como exemplo, a técnica de LISREL (Linear Structural Relations), os Surveys, regressões, hazard rates e o método panel, entre outras.

ontogenéticas como sociogenéticas, a qual modifica a concepção original sobre o curso de vida como sendo um processo predominantemente só individual ou só social, para uma perspectiva bidirecional, ou seja, o individual e o social estão intrinsecamente interrelacionados.

GIELE e ELDER (1998b) consideram que a análise do curso de vida, realizada através desta perspectiva, permite distinguir o impacto das mudanças biológicas relacionadas à idade cronológica [age graded], da socialização e da experiência relacionada aos eventos da vida [event graded] ou das mudanças culturais e institucionais relacionadas à história [history graded]. Para estes autores, as pesquisas longitudinais permitiram a operacionalização de um modelo teórico sobre o curso de vida, ao viabilizarem o quarto elemento do paradigma que, ao facilitar a análise da adaptação das pessoas através da sincronização dos eventos da vida [timing of life events], também possibilitaram a compreensão das relações entre o curso de vida e os outros três elementos deste paradigma.

Todos os estudos e pesquisas⁵⁰, que contribuíram para a construção deste campo de investigação, também permitiram a concepção de um conceito mais flexível sobre o curso de vida, o qual viabilizou a operacionalização dos diferentes conceitos sobre o tempo [time] e a idade [age]. De acordo com GIELE e ELDER (1998b, p. 24), por muito tempo os sociólogos tentaram discriminar os efeitos das três dimensões da idade [age], a

⁵⁰ GIELE e ELDER (1998b, p. 23 e 24) também citam as pesquisas sobre coortes como, por exemplo, a de HAREVEN (1982) e a de HILL (1970) entre outras. Estes autores consideram que, em função da relatividade do conceito sobre idade cronológica [age] (NEUGARTEN e HAGESTAD, 1976), as pesquisa sobre coortes têm melhor condição para apreender as relações entre período histórico, contexto social e idade.

saber: **"período"** (o destaque é nosso) [period], como sendo o conjunto de eventos históricos e culturais experienciados por pessoas de uma mesma idade cronológica e coorte; **"coorte"** (o destaque é nosso) [cohort], relativo às experiências sociais compartilhadas por pessoas de uma mesma idade; e **"idade"** (o destaque é nosso) [age], para as características biológicas e/ou de desenvolvimento das pessoas desde o nascimento.

No entanto, RODGERS (1982) observou que estas três dimensões estão perfeitamente correlacionadas umas com as outras, sendo que os avanços das pesquisas sobre o curso de vida e a inclusão de novas tecnologias de pesquisa possibilitaram a análise simultânea dos efeitos destas dimensões. Neste sentido, GIELE e ELDER (1998b) consideram que o paradigma do curso de vida contempla estas três dimensões da idade [age], porque o **período** [period] está relacionado com a **"situação no tempo e no lugar"** [location in time and place], **coorte** [cohort] é um dos aspectos das **"vidas interligadas"** [linked lives] e a **idade cronológica** [age], por ser um dos parâmetros para a análise do desenvolvimento individual, está relacionada à **"agência humana"** [human agency].

Na opinião destes autores, este novo conceito sobre o curso de vida introduz uma quarta dimensão sobre **o tempo e a idade** que é a de **"sincronização da vida"** [timing], como um meio que favorece a integração entre os eventos históricos, sociais com as atividades individuais. Neste sentido, **a sincronização da vida**, ou a sincronização dos eventos da vida, tanto incorpora o período, a coorte e a idade cronológica, como os relaciona com a sincronização da vida, como denominador comum para a coleta de informações sobre eventos e tempo cronológico. GIELE e ELDER

(1998b) consideram que o paradigma sobre o curso de vida, a partir da inclusão da sincronização da vida, apresenta uma nova fronteira para as ciências sociais quanto ao estudo da vida humana.

4.2 O CURSO DE VIDA E A PÓS-MODERNIDADE

O estudo sobre o **curso da vida humana** [life course] vem se beneficiando com os resultados de diferentes pesquisas em diversas áreas do conhecimento que, de certa forma, ao acrescentarem outras informações sobre como as pessoas vivem as suas vidas, modificaram as características que originalmente delimitaram a configuração deste campo de investigação.

O paradigma do curso de vida, apresentado por GIELE e ELDER (1998b, p. 5-27), representa os esforços de diferentes pesquisadores que, ao compartilharem os resultados de suas pesquisas, viabilizaram a operacionalização de conceitos que, de acordo com o referencial teórico a eles vinculados, explicam como a vida das pessoas é mutuamente influenciada tanto por aspectos biológicos e psicológicos, como também pelo contexto social e histórico que as circunda. Consequentemente, os quatro elementos que compõem este paradigma (situação no tempo e no espaço, agência humana, vidas interligadas e sincronização dos eventos da vida) podem ser considerados como exemplos compartilhados (KUHN, 1996) por este grupo de pesquisadores.

No entanto, a constituição deste campo de investigação foi fundamentalmente delimitada a partir de diferentes histórias de vida, de diferentes coortes e através de diferentes trajetórias de vida, que determinaram a articulação de muitos dos conceitos

utilizados nesta área do conhecimento, bem como contribuíram para a mudança dos conceitos que originalmente eram utilizados para explicar tanto as relações entre as características das pessoas (biológicas e psicológicas) e de suas histórias de vida, como também para articular estas informações com o contexto histórico e social no qual as pessoas vivem.

O conceito sobre o curso de vida, por exemplo, foi concebido como um processo bidirecional, que incorpora tanto idéias ontogenéticas, como sociogenéticas, em função dos resultados de pesquisas que indicaram esta dupla determinação. Os quatro elementos que compõem este paradigma também foram articulados a partir dos resultados de pesquisas, que modificaram e/ou acrescentaram outras informações às formas tradicionais, pelas quais os pesquisadores vinham estudando o curso de vida.

GIELE e ELDER (1998b, p. 11) observam que o campo de investigação sobre o curso de vida foi composto mais por pesquisas empíricas do que por abstrações teóricas e citam MERTON (1948), ao mencionar que as pesquisas possibilitam o avanço da teoria porque a pressionam no sentido de elaborar e clarificar os conceitos, como também permitem uma reorganização teórica de seu objeto de estudo.

Considerando que diferentes histórias de vida já modificaram o paradigma sobre o curso de vida, podemos aventar a possibilidade de que a inclusão de novas experiências de vida neste referencial poderá contribuir para a promoção de outras mudanças, tanto nos exemplos que serão compartilhados, bem como na elaboração de conceitos que possam funcionar mais adequadamente na exploração e análise da vida das pessoas.

Neste sentido, podemos considerar que o paradigma sobre o curso de vida, nos termos apresentados por GIELE e ELDER (1998b), poderá ser expandido com a inclusão de novas histórias de vida de diversos grupos sociais, principalmente se estes estiverem inseridos no contexto da modernidade e da pós-modernidade. Entretanto, a ampliação de um paradigma em crise não significa, necessariamente, um processo cumulativo obtido através de uma simples reorganização do referencial existente, mas sim numa reconstrução deste campo de investigação a partir de novos princípios, que irão alterar as generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como os seus métodos e aplicações (KUHN 1996, p. 116).

A exposição de GIELE e ELDER (1998b), sobre a articulação do paradigma do curso de vida, também mostra como a concepção de alguns dos conceitos e métodos, tradicionalmente empregados na análise da vida humana, se modificaram através da história das sociedades. Para ilustrar o potencial de mudança inserido na modernidade e na pós-modernidade face à ampliação deste paradigma, será necessário iniciar nossa discussão, indicando como as sociedades tradicionais e as modernas organizavam a vida das pessoas.

De acordo com FEATHERSTONE (1994a, 1994b), nas sociedades tradicionais o status familiar tinha maior importância do que a idade cronológica, como indica o trabalho de ARIÈS (1962, 1981), ao comentar que Luiz XIV, aos sete anos de idade, já era tratado como um adulto em função da posição social que ocupava. ELIAS (1978) comenta que, na idade média, as diferenças entre os adultos e as crianças eram menores, sendo que os adultos tinham menor controle sobre as emoções das crianças.

Se no primeiro exemplo, as crianças eram consideradas como **"mini adultos" (o destaque é nosso)** [mini adults], no segundo os adultos eram como as crianças, apesar de sua força física e potencial para a violência. FEATHERSTONE (1994a, p. 17) comenta que os aspectos desta relação entre dependência, definindo os jovens, e a independência para os adultos ainda persistiram durante o século XX, principalmente nas áreas rurais.

Na Europa Medieval, as crianças assumiam seus lugares no mundo adulto após um período inicial de maior dependência física, sendo que aos sete anos já eram vestidas e tratadas como adultos. ARIÈS (1962, 1981) sugere que a infância é uma invenção relativamente recente, que teve início no século XVII a partir do desenvolvimento da concepção sobre as idades do homem nas sociedades modernas.

Consequentemente, a infância começa a ser entendida como um estágio distinto na vida humana, no qual as crianças passam a ser definidas como seres especiais, que necessitam de cuidados e de atenção. No século XVIII, observamos como a celebração da inocência infantil⁵¹ contribuiu para solidificar a necessidade de desenvolver o caráter das crianças através da educação, a qual vem influenciando o desenvolvimento da educação humanística nas sociedades ocidentais (FEATHERSTONE 1994b, p. 56).

⁵¹ FEATHERSTONE (1994a, p. 56) cita o trabalho de Rousseau (1762), *"Emile"(*)*, no qual a concepção sobre a inocência infantil está relacionada com a possibilidade de construir o caráter das crianças a partir de uma *"tabula rasa"*.

(*) Publicado em 1911, London: Everyman.

Para ARIÈS (1962, 1981), a infância pode ser considerada como algo que não existia, mas que foi construída e imposta aos seres humanos mais jovens. Neste sentido, podemos dizer que a adolescência também foi inventada na segunda metade do século XIX, como um estágio de desenvolvimento biológico e psicológico presente no curso de vida nas sociedades ocidentais (FEATHERSTONE 1994a, 1994b).

Os trabalhos de HALL (1904) foram particularmente importantes para configurar a adolescência como estágio de desenvolvimento, a partir da necessidade de entender a sexualidade desenfreada, a rejeição dos pais, a violência e a oscilação emocional presentes na juventude. Em sua opinião, a vida urbana e sedentária contribuíram para a expansão destes problemas numa época que havia muito interesse público nos problemas causados pela "juventude problemática" nas grandes cidades como Londres e Nova York (FEATHERSTONE 1994b, p. 56).

A pesquisa de HALL (1904) formulou uma série de problemas e soluções para o desenvolvimento biológico e psicológico da juventude, que rapidamente começaram a fazer parte do saber convencional sobre os jovens, numa época em que a sociedade estava preocupada com os problemas da juventude. HALL (1904) considera que descobriu algo universal a todos os seres humanos, bem como que o estágio da adolescência é uma fase necessária ao ciclo de vida porque, para nos tornarmos seres humanos saudáveis, precisamos aprender a resolver os problemas biológicos e psicológicos que são inerentes a esta fase (FEATHERSTONE 1994b, p. 56 e 57).

RILEY (1998, p. 44) sugere que a vivência da adolescência é importante à medida em que possibilita a socialização para a

vida adulta. Para exemplificar sua afirmação, cita o trabalho de SANGIOVANNI (1978) sobre freiras que abandonaram o convento, porque estas mulheres, ao entrarem para o convento aos dezessete anos, deixaram para trás as regras sociais para assumir as do convento. No entanto, ao deixarem o convento na meia idade, estas mulheres não estavam preparadas para reassumir as suas vidas adultas, sendo que tiveram que aprender rapidamente as regras habituais para os adultos, especialmente nas sociedades ocidentais, quanto a consumo, cidadania, trabalho, amizade entre outras. Neste sentido, a ausência da adolescência proporcionou a perda da oportunidade de serem socializadas para a idade adulta.

FEATHERSTONE (1994a) pondera que a maturidade, ao ser definida como uma fase de independência e responsabilidade, coloca a infância e a velhice como períodos caracterizados através da dependência e da irresponsabilidade, sendo que os estudos sobre a maturidade devem considerar que existe uma transição para fora da vida adulta [transition out of adult life], como também uma para dentro da vida adulta [transition into adult life]. O que indica que a natureza, a homogeneidade e a duração das diferentes fases da vida (infância, adolescência, maturidade e velhice) estão relacionadas, como também que são determinadas historicamente.

Consequentemente os limites entre estas diferentes fases poderão variar, ou serem redefinidos, tanto a partir de processos de institucionalização ou de desinstitucionalização do curso de vida, como também a partir das lutas entre diferentes grupos, as quais estão inseridas nos processos de civilização desde as sociedades tradicionais até os relacionados com a modernidade e pós-modernidade (FEATHERSTONE 1994a, p. 3 e 4).

FEATHERSTONE (1994a, p. 3), ao comentar sobre a lógica relacional existente nestas fases da vida, cita BOURDIEU (1993, p. 95) que diz que os limites entre a adolescência e a maturidade estão em constante batalha, no sentido de que a *"manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida"* (BOURDIEU, 1983 apud DEBERT 1994a, p. 12).

A modernidade, ao estar associada com o desenvolvimento do capitalismo, da ciência e da tecnologia e com o nascimento do Estado moderno, acarreta num maior interesse em registrar, regular e disciplinar a vida das pessoas, quer através do desenvolvimento das ciências humanas e do corpo. A preocupação central na modernidade é a de periodizar a vida humana, institucionalizando as transições das pessoas da família para a escola ou para o trabalho, instituindo a idade ideal para casar ou se para aposentar, entre outras (FEATHERSTONE 1994a, 1994b).

A lógica da modernidade está fundamentada na uniformização e **"universalização das transições"** (o destaque é nosso) [timing of transitions] em uma grande variedade de contextos institucionais, bem como em uma maior segregação de grupos etários. Este processo acarretou numa maior diferenciação no curso de vida, com limites claramente definidos através de idades cronológicas pré definidas, que separam as diferentes fases da vida como a infância, a adolescência, maturidade e as emergentes meia idade e velhice (FEATHERSTONE 1994a, 1994b).

A velhice, por exemplo, começou a ser estruturada como senilidade, na última metade do século dezenove, ou seja, como

um período de declínio físico e com maior probabilidade de ocorrência de doenças (WOODWARD, 1991) e com perspectivas de ser inserida na última institucionalização do curso da vida, através da invenção da aposentadoria no final do século (FEATHERSTONE, 1994a).

NERI (1995, p. 19) observa que as primeiras pesquisas experimentais sobre a velhice começaram a ser realizadas a partir de 1928, a fim de estudar tópicos como, por exemplo, *"a aprendizagem, memória e tempo de reação entre outros, os quais eram utilizados para corroborar a direção geral dos dados populacionais coletados durante a primeira guerra, sobre a inteligência na vida adulta"*. Os resultados negativos que foram encontrados nestas pesquisas, que poderiam também ser atribuídos a outros fatores como, por exemplo, cansaço, tempo exíguo para realizar a prova entre outros, foram considerados como resultado de sua incapacidade comportamental atribuída a fatores biológicos associados à idade (NERI, 1995, p. 19).

Em contraste a esta concepção sobre a velhice, o período relacionado à juventude, principalmente com os jovens trabalhadores (HAREVEN 1995a, 1995b), começa a ser percebido como um período de maior eficiência (FEATHERSTONE 1994a, 1994b). No entanto, HALL (1922) criticou esta noção de que a adolescência é o reverso da velhice, porque as peculiaridades existentes na forma de sentir, pensar e querer, tanto dos jovens como dos idosos, indicam variações individuais independentes das diferenças etárias.

NERI (1995, p. 19), ao comentar o trabalho de HALL (1922), indica que este autor apontou o aumento da variabilidade

interindividual existente na velhice, o qual vem sendo confirmado através de pesquisas sobre a cognição na velhice⁵² bem como que, ao enfatizar a relação entre velhice e sabedoria, antecipou uma linha de pesquisa que se tornaria importante nos anos oitenta⁵³. De acordo com NERI (1995, p. 19), o trabalho de Hall pode ser considerado como a primeira monografia sobre a velhice, no qual a *"atitude mediadora, a tranqüilidade filosófica, a imparcialidade e o desejo de oferecer lições de morais aos mais jovens constituem marcas distintivas da velhice"*.

FEATHERSTONE (1994a, 1994b) considera que um dos aspectos da modernidade que tem sido negligenciado nas análises sociológicas sobre o curso de vida é o de desenvolvimento de novas esferas culturais e do aumento de poder dos especialistas em cultura como, por exemplo, os intelectuais, os artistas, os jornalistas entre outros. Enquanto o Estado estava atento em padronizar a vida dos jovens e dos adultos, através do desenvolvimento das ciências humanas e biológicas, observa-se o aparecimento de outras formas de conhecimento sobre a vida humana que, mediadas por especialistas em cultura, foram produzidas e disseminadas a partir do século dezenove como, por exemplo, através de livros de conselhos [advice books] sobre

⁵² NERI (1995, p. 19) cita como exemplo o trabalho de BALTES e BALTES (1990) entre outros.

⁵³ NERI (1995, p. 19) cita como exemplo o trabalho de BALTES, SMITH, STAUDINGER e SOROWARKA (1990) entre outros.

como educar uma criança entre outros títulos⁵⁴. Dessa forma, a plasticidade atribuída à capacidade das pessoas de se desenvolverem através da vida começa a ser substituída por noções fixas de desenvolvimento atribuídas, por exemplo, a diferenças de caráter ou de humor⁵⁵ (FEATHERSTONE 1994a).

A cultura da modernidade tem uma relação estreita com a cultura jovem, porque vem sendo associada com a noção de novo, como celebração das experiências fragmentadas da vida moderna e urbana. Neste sentido, a lógica da modernidade parece residir em noções sobre desenvolvimento, expansão, diferenciação e universalismo, a qual propiciou os elementos fundamentais para os movimentos culturais identificados com o idealismo da **"juventude" (o destaque é nosso)** [youth] como oposição aos valores apregoados pelo Estado.

A visão de juventude que estes movimentos culturais apoiam é oposta àquela relacionada com a preparação normal para o trabalho, casamento, vida familiar e direitos dos cidadãos. Para estes grupos, juventude representa um valor simbólico que *"endossa a vida como uma performance delimitada pela natureza do corpo"* [to endorse a life committed to sensuous bodily modes] (FEATHERSTONE 1994a, p. 20), ou seja, em permanente renovação e em direção à exploração de sua identidade, a juventude coloca o curso de vida em movimento (FEATHERSTONE 1994a, 1994b).

⁵⁴ FEATHERSTONE (1994a, p. 19) menciona, como exemplo, os seguintes livros: "A Voice for Youth", "How to be a man", "The Young Lady's Companion" entre outros, que foram citados por Demos J, Demos V. Adolescence in Historical Perspective. **Journal of Marriage and the Family**. 1969; November: 634.

⁵⁵ FEATHERSTONE (1994a, p. 19) considera que o "humor" está relacionado ao que SENNETT (1976, 1988) cita como que "cada pessoa nasceu do equilíbrio de fluídos produzidos de sangue, melancolia e emoções".

A modernidade pode ser melhor concebida mais como um projeto inacabado do que como uma estrutura da vida social, sendo que é claro para muitos de seus pesquisadores que seus limites já foram alcançados e um novo processo está por vir. Neste sentido, a pós-modernidade pode ser considerada como uma de suas melhores tendências, que foi desenvolvida nas esferas culturais da modernidade.

Apesar destas novas tendências terem sido desenvolvidas em uma nova fase do capitalismo de produção, Pós-Fordismo [Post-Fordism], a evidência das conexões entre cultura e economia ainda não estão claras. No entanto, a pós-modernidade pode ser considerada como a celebração da fragmentação, do populismo, da estetização [aestheticization] da vida cotidiana e dos grupos marginalizados [outsider groups], o que indica a continuidade dos avanços da cultura moderna (FEATHERSTONE 1994a, p. 21).

A pós-modernidade também pode ser entendida como uma crítica às sociedades ocidentais, no sentido destas tenderem a relativizar o projeto de modernidade, como sendo concebido especificamente para o ocidente e, desta forma, com pouca possibilidade de ser expandido. Neste sentido, a globalização pode ser entendida como uma percepção dos limites da modernidade ocidental, que precisou reconhecer a mudança global de poder entre o ocidente e o oriente, fato que coloca o projeto da modernidade no plural, ou seja, como modernidades globais [global modernities]. No entanto, o problema será analisar o global, a nível da Nação ou do Estado porque em muitos casos, os contraditórios processos de modernidade e de pós-modernidade estarão ocorrendo lado a lado (FEATHERSTONE 1994a, 1994b), como também que, em algumas situações, iremos encontrar processos

relacionados às sociedades tradicionais participando desta relação.

Nestes termos, a pós-modernidade está vinculada ao reverso dos processos que contribuíram para a normatização das idades cronológicas e de suas transições. O curso de vida na pós-modernidade será fundamentado na desinstitucionalização [de-institutionalization] e na não diferenciação [de-differentiation], ou seja, na desconstrução de todos os parâmetros utilizados, anteriormente, para a análise da trajetória da vida das pessoas; sendo que enquanto a modernidade estabeleceu parâmetros claros entre diferentes períodos etários, a pós-modernidade irá obscurecê-los de novo (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 1995).

Podemos imaginar a grande "desordem" que será, quando um número maior de pessoas começar a identificar, em seus próprios cursos de vida, as normatizações estabelecidas em função das idades cronológicas que compõem a sua coorte e/ou em concepções mais rígidas sobre o seu contexto social e histórico. Principalmente, se considerarmos as transformações das sociedades contemporâneas em relação ao aumento da expectativa de vida, a aglutinação da população em novos períodos etários como, por exemplo, os adultos de 20 aos 65 anos, os avanços da medicina; bem como em relação às mudanças na idade escolhida para ter o primeiro filho, o desemprego, as mudanças nos critérios para a aposentadoria entre outras (FEATHERSTONE, 1994a).

Neste sentido, é possível vislumbrar em que medida o paradigma apresentado por GIELE e ELDER (1998b) poderá ser reorganizado e ampliado em função de novas histórias de vida,

porque os próprios elementos que o compõem serão reconstruídos de forma a melhor explicar a vida das pessoas na modernidade e na pós-modernidade. Para sustentar nossa afirmação, será necessário apresentar em que sentido as noções sobre self, tempo, espaço, sincronização dos eventos de vida e as formas de apresentar experiências de vida vem se modificando.

Para tanto, iniciamos nossa apresentação com o processo de globalização, que possibilitou o acesso a diversas culturas e estilos de vida ao diminuir as distâncias entre diferentes países, bem como ao contribuir para o aumento da frequência das viagens e dos processos migratórios. Para muitas pessoas, a globalização contribuiu para diminuir a sua noção de espaço, como também expandiu a sua noção sobre a situação no tempo e no lugar (FEATHERSTONE, 1994a).

De certa forma, uma identidade própria [self identity] é construída e influenciada pelas interações significativas com pessoas que nos são familiares. SHOTTER (1993) considera que nós só somos nós mesmos a partir da relação com os outros, ou seja, para termos uma voz (identidade) precisamos ouvir as vozes dos outros. Só que na pós-modernidade, nós nos tornamos saturados com as vozes dos outros, porque é difícil conciliar diferentes vozes e estilos de vida em uma única identidade.

Neste sentido, podemos dizer que a pós-modernidade e a globalização representam o fim do self e da identidade, que são substituídos por uma noção de identidades e selves fragmentados que, necessariamente, não representam nenhuma "desordem" do ponto de vista psicológico, mas sim a expansão potencial das

possibilidades de adaptação e sobrevivência das pessoas durante a trajetória de suas vidas⁵⁶.

FEATHERSTONE⁵⁷ (1998) observa que o conceito de curso de vida vem se modificando de uma configuração institucionalizada, através de passagens entre estágios fixos, para uma ênfase em trajetórias variáveis, flexibilidade e na possibilidade de construirmos uma vida por nós mesmos [building a life of one's own]. De acordo com este autor, o trabalho de BECK (1993) e o de GIDDENS (1991) exemplificam esta ênfase na reflexibilidade, no individualismo e na idéia do "faça você mesmo sua biografia" [do-it yourself biography].

Esta cultura sobre a invenção do self [self invention] pode estar associada aos hábitos de certos grupos, inseridos numa nova classe social, composta especialmente por especialistas e mediadores culturais, que sugerem uma relação entre o corpo e a mente, na qual a mente se sobrepõe ao corpo. Dessa forma, observamos a existência de uma pequena percepção do processo de envelhecimento, como uma experiência personificada [embodied experience], a qual viabilizaria diferentes definições culturais sobre o corpo e a de sua imagem [body image], saúde e risco que poderiam ser engendradas por diferentes grupos (FEATHERSTONE, 1994a).

⁵⁶ FEATHERSTONE (1994a, p. 23) considera que a globalização propicia a inscrição de nossas memórias individuais e coletivas em nosso corpo, de forma que, a partir de sua visibilidade, permitem o reconhecimento de nossos laços de filiação e associação.

⁵⁷ Featherstone M. **The Reflexive Life Course and the Ageing Body**. Nottingham: Theory, Culture & Society Centre; 1998. [Manuscrito não publicado].

Na cultura ocidental, o envelhecimento humano pode ser considerado como um processo no qual o corpo e o curso de vida estão intimamente relacionados e, neste sentido, podemos levantar importantes questões sobre a natureza da personificação humana [human embodiment], como também sobre os limites entre cultura e biologia (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 1998). WOODWARD (1991), considerando as tensões entre a construção social do corpo e a sua experiência vivida, questiona se, ao nos encaminharmos para os limites da velhice, ou seja, a morte, não estaríamos também caminhando para o fim da representação do corpo, sendo que a diferença de idade é uma diferença que todos nós temos em comum e a ultimaremos, desde que vivamos até a velhice (WOODWARD 1991, p. 23).

Analisar as interconexões entre envelhecimento, curso de vida e experiência personificada [embodiment] é importante à medida que pode nos auxiliar a descobrir o que há de novo no medo da velhice e também no desejo de prolongar a vida, presente no final do século vinte. Observamos que a história sobre o estudo do envelhecimento reflete continuidades e descontinuidades, mas dois aspectos permanecem constantes, ou seja, a valorização do jovem em detrimento ao medo e a repulsa pelo declínio do corpo (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 1998).

GIELE e ELDER (1998b) consideram, conforme o observado, que o envelhecimento é um processo bidirecional, com características ontogenéticas e sociogenéticas; entretanto, cabe perguntar até que ponto o envelhecimento não é também um processo influenciado pela cultura, principalmente quanto à sua personificação [embodiment] através do corpo. FEATHERSTONE e HEPWORTH (1998) consideram que será difícil defender qualquer divisão entre natureza e cultura, principalmente nas sociedades do final do

século vinte, porque os próprios limites que separavam as disciplinas estão a cada dia mais tênues, sendo que podemos considerar a existência de uma interdependência cultural entre o corpo, o self e a sociedade. Neste sentido, estes autores acreditam que o estudo do envelhecimento até a morte deve ser fundamentalmente pós-moderno a fim de implementar novas formas de desestabilização bio-cultural.

CASTELLS (1996, p. 446-447), em "The Rise of the Network Society" [A Ascensão da Sociedade em Rede], apresenta a hipótese segundo a qual, a sociedade composta por redes de informação [network society] ao ser caracterizada pela ruptura [breaking down] da sincronização [rhythmicity] do curso de vida, tanto para os seus aspectos sociais como biológicos, a partir de uma maior habilidade para controlar a reprodução da espécie, como também do aumento da expectativa de vida, acaba propiciando a ruptura com a noção de ciclo de vida, o que igualmente pode ser aplicado à de curso de vida.

De acordo com este autor, de repente a velhice [old age] foi expandida para os grupos mais jovens e maduros, fato que substancialmente redefine o curso de vida em três aspectos. Primeiro, porque nega a saída do mercado de trabalho como característica definidora da velhice, no sentido de que como as pessoas vivem mais, provavelmente este evento irá ocorrer antes de uma grande maioria das pessoas terem vivido um terço de suas vidas. Segundo, porque indica que as deficiências [disability] nem sempre estão associadas só à velhice, sendo que algumas das dificuldades vivenciadas na velhice podem ser expandidas a grupos mais jovens. Terceiro, porque aponta que a diferenciação entre vários grupos etários está mais associada à acumulação de

capital social e cultural através da vida do que com diferenças entre idades cronológicas.

CASTELLS (1996, p. 446-447) considera que a transformação da família tradicional, associada ao aumento de diferentes estilos de vida, modificaram as formas da maternidade e da paternidade no curso de vida. Estas modificações podem ser observadas tanto quanto à concepção sobre a idade biológica ideal para ter filhos, como também quanto à variedade de formas possíveis e disponíveis para a concepção. Neste sentido, as novas tecnologias de reprodução e os novos modelos culturais tornaram possível dissociar a reprodução humana da paternidade, o que implica na reorganização da maturidade como etapa da vida dedicada à concepção e à constituição de uma família, bem como na reorganização dos conceitos biológicos que fundamentavam a organização do curso de vida.

FEATHERSTONE (1994a, p. 16) indica que alguns dos problemas e características associados à juventude e à adolescência também foram expandidos para a maturidade. Atualmente, nós temos uma visão mais complexa sobre a maturidade do que aquela fundamentada no contraste entre a turbulência da adolescência e a estabilidade da maturidade. O interesse no desenvolvimento dos adultos, associado a crises e transições, pode estar indicando uma insegurança em relação à responsabilidade e à autoridade que compõem os modelos de maturidade, face à sutil permissão atribuída à juventude em relação à sua contínua exploração da vida e busca de novas realizações.

De acordo com FEATHERSTONE (1994a, p. 16), a literatura de auto-ajuda dos anos setenta⁵⁸ contribuiu para legitimar a crise do meio da vida [mid-life] ou da meia idade, nos mesmos termos utilizados anteriormente para as crises e transições da adolescência. Esta literatura também permitiu o aparecimento e a popularização de termos como meia-adolescência [midolescence] e meia-juventude [middle youth] para substituir o de meia-idade [middle age].

Na opinião deste autor, poderemos em breve estar lidando com a juvenilização do curso de vida [adolescencization of the life course], especialmente se considerarmos o estilo de vida Californiano [Californian lifestyle], que proclama uma liberdade maior para que as pessoas pensem em suas vidas, como sendo um processo contínuo de atualização e realizações, bem como celebra a sensibilidade juvenil [adolescent sensibility] para refletir sobre a aparência pessoal [appearance] e nas diferentes formas de se auto-apresentar [self presentation].

Diante desta diversidade, podemos aventar a possibilidade de que será necessária uma transição dramática para "assentar" estes novos adultos ao padrão de estabilidade, que anteriormente definia a maturidade, à medida em que os adultos parece estar continuamente explorando suas identidades, como também incorporando em suas vidas outros conceitos definidores da maturidade, sob a perspectiva da pós-modernidade.

Neste sentido, a expansão das características de determinados grupos sociais para outros grupos como, por

⁵⁸ FEATHERSTONE (1994a, p. 16) cita como exemplo o livro "Midolescence" de McMorro (1974).

exemplo, as citadas por CASTELLS (1996) e FEATHERSTONE (1994a) pode dificultar o estabelecimento de limites entre os diferentes períodos etários como também a identificação das transições e das crises que permitem a passagem e a adaptação das pessoas de um período para o outro.

O ser humano passa a maior parte de sua existência como adulto (NERI, 1995) e, se considerarmos o volume e a qualidade dos estudos existentes sobre o desenvolvimento psicológico na infância e na adolescência, podemos dizer que ainda há muito o que estudar sobre a vida adulta, tanto em relação ao desenvolvimento psicológico e social dos mesmos, como também às diferentes culturas que, sob a ótica da modernidade e da pós-modernidade, redefinem a maturidade a partir das diferentes relações entre grupos sociais distintos, os quais configuram a vida adulta.

NERI (1995) considera que esta diferença entre o volume de estudos sobre crianças, adolescentes e adultos pode estar vinculada a algumas das concepções sobre o processo de desenvolvimento humano que, a partir de uma visão unilateral e unidimensional, enfatizam mais os ganhos nesse processo. De acordo com esta autora, se considerarmos que o desenvolvimento é um processo multidirecional e multifuncional, no qual não há ganho sem perda (BALTES, 1995), poderemos reafirmar a inscrição do estudo da idade adulta e da velhice como tema de interesse tanto na área da Psicologia do Desenvolvimento, como na Gerontologia.

De acordo com BALTES (1995), o estudo da maturidade e da velhice pode introduzir outras questões para a área do envelhecimento, tais como os aspectos da inteligência que podem

facilitar ou dificultar a ocorrência de uma velhice bem sucedida, ou como evitar ou eliminar as perdas, como administrar as crescentes limitações devidas aos problemas de saúde, entre outras. Na opinião deste autor, é fundamental reconhecer que a velhice também pode apresentar avanços selecionados para o desenvolvimento humano, sendo necessário investir em uma cultura positiva sobre a maturidade e a velhice.

O estudo da maturidade e do envelhecimento não constituem monopólio de nenhuma disciplina, sendo que a melhor forma de estudá-los é através de uma abordagem interdisciplinar⁵⁹ que, levando em conta a importância da cultura, possa reconfigurar esta área de conhecimento a partir de outras informações, que permitam questionar a solidez de nossas categorias teóricas face às transformações das sociedades contemporâneas (FEATHERSTONE, 1994b).

Nestes termos, podemos dizer que um estudo sobre as experiências de vida daqueles que hoje têm mais de 65 anos, poderão produzir algumas das informações sobre as pessoas que amanhã estarão com esta mesma idade. No entanto, se pretendemos estudar as pessoas com mais de 65 anos de amanhã, deveremos estudar as pessoas que atualmente estão na maturidade, porque estas têm valores culturais, representações sobre o corpo e demandas sociais que, além de serem distintas àqueles que anteriormente configuraram a maturidade, serão levados ao longo do percurso de suas vidas e, dessa forma, irão reconfigurar as informações que temos atualmente sobre a velhice.

⁵⁹ A propósito da concepção da Saúde Pública como campo interdisciplinar (ALVARENGA, 1994).

O nosso movimento através da vida está diretamente relacionado com as vicissitudes de nosso corpo, indicando que vivemos num tempo e espaço. No entanto, a existência humana também está assentada em símbolos que, através da linguagem, atribuem diferentes significados simbólicos à vida humana, o que confere diversidade às formas pelas quais representamos a mesma; para os propósitos deste trabalho, iremos destacar quatro destas representações.

A primeira delas indica que, em função de nosso caráter corpóreo, é fácil conceber a vida como um ciclo com fases de crescimento, maturação, reprodução, declínio e morte, que são reproduzidas sucessivamente por coortes. Esta idéia de "ciclo de vida" está associada com o ideal cristão na idade média, no qual nós sempre retornamos a Deus. A segunda representação coloca a vida como uma jornada de peregrinação, a qual sugere que estamos indo a algum lugar em busca de nossos objetivos, bem como indica os progressos que realizamos durante nosso percurso, sendo que esta representação está associada com alguns dos estudos em psicologia do desenvolvimento nas sociedades ocidentais. Na terceira representação, a vida é enfatizada como declínio e queda, o que coloca a infância e a adolescência como pontos altos de nossa existência, sendo que estaríamos condenados a uma constante busca em direção ao entendimento e à recuperação destes valores⁶⁰. Na quarta representação, a vida é definida como um platô, sem uma forma definida, sem desenvolvimento, declínio ou queda (FEATHERSTONE 1994b, p. 53 e 54).

⁶⁰ FEATHERSTONE (1994a, p. 54) para ilustrar esta representação cita o Movimento Romântico Europeu no final do século XVIII e começo do século XIX.

Estas considerações apresentam representações distintas sobre a vida humana, as quais podem ser identificadas em diversas linhas de pensamento, mas também nos encaminham à discussão do caráter corpóreo do ser humano e a visibilidade do corpo, no sentido de que a vida humana está basicamente fundamentada em seres humanos que são visíveis uns aos outros.

Os modos pelos quais o corpo opera a comunicação humana, tanto em nível da linguagem oral, como quanto aos gestos, oferecem as bases para observarmos a comunicação concreta dos outros, como também indicam a nossa própria comunicação. Neste sentido, o corpo tem uma dupla capacidade, a de ver e a de ser visto, sendo que estas são *"a base para o nosso julgamento sobre o status dos outros"*, bem como que os outros *"constróem seus julgamentos sobre nós a partir do que dizemos e/ou fazemos"* (FEATHERSTONE 1994b, p.54).

Esta dupla capacidade do corpo humano indica a importância do *"feedback"* e da reflexividade nas relações sociais, sendo que não podemos desconsiderar que as formas do corpo são culturalmente codificadas, como também que os seus modos de operar são social e culturalmente definidos (FEATHERSTONE, 1994b).

O corpo humano também indica a finitude da vida humana, sendo que esta afirmação nos encaminha em direção à relação entre tecnologia e o envelhecimento do corpo [ageing body], a qual apresenta uma forte divisão entre aqueles que consideram que a tecnologia⁶¹ é capaz de resolver todos os problemas

⁶¹ Tecnologia aqui entendida como os avanços da medicina, terapias alternativas e outras técnicas que visam o prolongamento da vida humana.

associados ao envelhecimento, baseados na crença de que os seres humanos ainda serão capazes de reconstruir o corpo humano. No outro lado desta divisão, estão aqueles que consideram que é necessário aceitar os limites do corpo, como também que o processo de envelhecimento, por si só, pode produzir ganhos (FEATHERSTONE e HEPWORTH 1998, p. 163).

A complexidade da vida humana pode ser inferida a partir das considerações que foram apresentadas tanto sobre as diferentes representações da vida humana, da importância do corpo para a reflexividade nas relações sociais, as diferentes culturas de grupos sociais distintos, como também sobre a inclusão de novas tecnologias e de seus discursos correspondentes, os quais seriam impossíveis de serem concebidos em um período histórico anterior à modernidade e sem o auxílio da perspectiva da pós-modernidade.

Esta complexidade permeia os propósitos de diferentes grupos sociais, as crenças distintas sobre a existência humana e os diferentes contextos sociais e culturais das sociedades contemporâneas e, dessa forma, contribui para expandir os limites anteriormente concebidos para o estudo da vida humana, bem como propicia a reconstrução de nossos conceitos sobre a vida humana.

Neste sentido, podemos aventar a possibilidade de que o conceito sobre *"uma velhice bem-sucedida"* (BALTES, 1995) possa ter sido concebido a partir de contextos culturais específicos, relacionados a determinados grupos sociais, que têm uma certa representação sobre a vida humana e dos limites que os homens têm para interferir no corpo humano. No entanto, se considerarmos que *"a velhice bem-sucedida"* é um valor cultural,

relacionado a grupos sociais específicos, poderemos supor que, além dos aspectos da inteligência que podem facilitar ou dificultar a vivência de uma velhice bem sucedida, será necessário reconfigurar este referencial a partir de outras informações e conceitos, os quais possam nos fornecer uma visão mais acurada sobre como as pessoas vivem as suas vidas durante a maturidade e a velhice.

BALTES (1995, p. 10) considera que a ênfase no estudo do desenvolvimento adulto e do envelhecimento, propiciaram a expansão do território do desenvolvimento a partir da inclusão de novos contextos de vida e de novos fenômenos evolutivos. Dessa forma, também podemos supor que a inclusão de diferentes cursos de vida, inseridos em diferentes contextos sociais que permeiam as diferentes relações entre pessoas, cultura e história, poderá potencializar a expansão deste campo de conhecimento e de prática profissional.

No entanto, é necessário observar que apenas a inclusão de diferentes histórias de vida não é suficiente, por si só, para produzir este efeito, sendo necessário aliar outras informações a estas histórias de vida a fim de obter esta expansão. Para exemplificar nossa afirmação, podemos imaginar uma situação fictícia, na qual a vida nem sempre é composta só por perdas ou só por ganhos, como também, que nem toda a perda pode implicar em um ganho correspondente ou vice-versa; sendo possível configurar a possibilidade de um empate.

Nosso exemplo fictício poderá ficar mais claro, se considerarmos que as noções sobre perda e ganho, além de serem culturalmente determinadas são também relacionais; ou seja, o que pode ser uma perda para uns, pode representar um ganho para

outros e vice-versa. Se voltarmos ao que BOURDIEU (1983) apontou como luta política na manipulação das categorias de idade, poderemos conceber que, em algum momento desta luta, a batalha entre os diferentes grupos sociais poderá estar empatada. O que pode significar que o motivo, e/ou reivindicação, que originou esta batalha foi alcançado ou não pelos grupos envolvidos.

O nosso exemplo fictício talvez não possa ser utilizado para analisar os aspectos psicológicos e biológicos relacionados à idade adulta, mas pode contribuir para relativizar os parâmetros utilizados para definir "uma velhice bem-sucedida", em função da existência de diferentes culturas. No entanto, a nossa intenção não é a de relativizar todos os conceitos e argumentos utilizados para explicar como as pessoas vivem as suas vidas, principalmente na maturidade e na velhice. Porque tal procedimento poderia nos levar de volta à noção de "tabula rasa", presente nas sociedades tradicionais e celebrada através do Iluminismo, segundo a qual nós poderíamos escrever as histórias de vida dos adultos de acordo com os nossos próprios interesses.

Nossa intenção é a de indicar que a inclusão de outras informações sobre experiências de vida, sob a perspectiva da modernidade e da pós-modernidade, está expandindo as nossas possibilidades de análise sobre a vida humana a uma potência que poderá ultrapassar tanto os limites originais do paradigma inicial, apresentado por GIELE e ELDER, como também os dos novos paradigmas que serão reconstruído a partir destas novas informações.

De acordo com KUHN (1996, p. 116), a transição para um novo paradigma será realizada através da reconstrução de uma

área de estudo, a partir da inclusão de novos princípios e de novas informações que alteram algumas de suas generalizações teóricas e aplicações mais elementares. Os exemplos apresentados por KUHN (1996, p. 116) estão relacionados com a área da física, da química e biologia; nas quais, podemos pensar sobre a vigência de um único paradigma capaz de caracterizar a "ciência normal", ou seja, como o único modo verdadeiro de fazer ciência. No campo do envelhecimento tal concepção não se aplica, à medida em que o mesmo não pertence de maneira exclusiva às áreas das Ciências Naturais, mas igualmente das Ciências Humanas e Sociais. Neste sentido, pensar na viabilização do conceito de paradigma neste campo é ampliá-lo para a possibilidade da vigência concomitante de várias perspectivas teóricas e metodológicas, apesar da existência de tendências predominantes.

Consequentemente, podemos supor que a existência de novas informações que, ao serem obtidas através de diferentes referenciais teóricos e metodológicos, irão modificar substancialmente a configuração da crise dos paradigmas neste campo, principalmente se estas forem utilizadas na reconstrução de seus paradigmas originais. Nestes termos, podemos pensar na possibilidade de obtermos um pós-paradigma, ou paradigma alternativo, ao invés de um novo paradigma, configurado a partir da reconstrução de um paradigma em crise.

Nestes sentido, as informações advindas de referenciais distintos poderão "reconstruir e des-construir" o nosso paradigma em crise, fato que irá alterar significativamente as concepções teóricas e as aplicações de nosso campo de estudo, bem como inviabilizar o estabelecimento de limites claros e distintos entre as diferentes disciplinas e também quanto à

diferenciação dos aspectos biológicos, sociais, históricos, culturais e tecnológicos da vida humana.

Outro aspecto importante apontado por KUHN (1996) é o da resistência dos pesquisadores em aceitar as alterações promovidas pelo novo paradigma; sendo que, na maioria das vezes, estes tendem a amortecer o potencial destas novas informações, quando as utilizam apenas para acomodar as informações existentes, num sentido cumulativo. Para exemplificar nossa afirmação, podemos citar o caso de GIELE e ELDER (1998b) que, ao configurarem o quarto elemento do paradigma do curso de vida, a sincronização da vida, reconhecem o potencial de mudança deste elemento, mas o acomodam junto aos outros elementos, num sentido de apenas organizar as "novas" e as "velhas" informações.

Diante destas considerações, é importante lembrar que a teorização sobre a modernidade e a pós-modernidade ainda podem estar muito longe de nossa realidade cotidiana, mas o melhor destas perspectivas é a possibilidade de chamar a nossa atenção sobre o aparecimento de tendências culturais emergentes, que podem influenciar substancialmente nossos estudos sobre o curso da vida humana (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 1995).

Para ilustrar como a modernidade e a pós-modernidade podem contribuir para a construção de diferentes histórias de vida, iremos apresentar algumas histórias de vida que refletem estas tendências culturais como, as presentes nos trabalhos de LEVINSON (1978, 1996), BATESON (1990), SHEEHY (1978, 1989, 1996) e GULLETTE (1997).

LEVINSON (1978, 1996) estudou a biografia de homens e mulheres com idades entre 35 e 45 anos, sendo que o seu

interesse inicial era o de estudar as idades entre 34 e 45 anos, denominadas de meia idade [mid-life decade]. No entanto, os resultados obtidos através destas biografias possibilitaram a identificação de uma "estrutura da vida das pessoas" [individual life structure], desde o nascimento até a idade de 65 anos.

Esta estrutura da vida das pessoas apresenta períodos distintos de desenvolvimento ao longo da vida, bem como sinaliza períodos de transição entre um período e o outro como, por exemplo, transição da meia idade [mid-life transition] entre as idades de 40 a 45 anos. Naquela época, LEVINSON (1978) considerou que esta estrutura era o conceito central de seu trabalho, bem como que também representava uma inovação no estudo do curso de vida⁶².

SHEEHY (1976 e 1989) popularizou o trabalho de LEVINSON (1978) e o de outros nesta área, ao convidar as pessoas a refletirem sobre as suas vidas e a se desenvolver e mudar. Seguindo os passos de LEVINSON (1978, 1996), esta autora apresenta diferentes passagens através de diferentes períodos da vida adulta, bem como as crises a elas associadas, sendo que o seu estudo também foi fundamentado em entrevistas biográficas com homens e mulheres.

No entanto, BATESON (1990) não apresenta nenhuma recomendação para seguir um curso de vida idealizado, ao contrário, coloca que o processo de transição no curso de vida é uma arte de improvisar que envolve a capacidade de se ajustar às descontinuidades da vida moderna. Outra característica deste

⁶² Featherstone, M. The Seasons of a Man's Life. By Daniel J Levinson, C N Darrow, E B Klein, M H Levinson and B McKee. **Book Review.** J.biosoc.Sci (1979) 11, 363-367.

estudo é que foi baseado numa composição entre a autobiografia da autora mais quatro biografias de mulheres, que pertencem ao meio acadêmico e literário.

Em "*Declining to Decline: Cultural Combat and the Politics of the Midlife*" [Declinando para o Declínio: Combate Cultural e Políticas sobre a Meia-Idade], GULLETTE (1997) considera que a meia idade [middle age] não existe e nos incita à luta para a reconstrução de um novo modelo de envelhecimento para a sociedade. Para nos colocar neste desafio, nos envolve numa aventura intelectual que expõe as formas pelas quais a sociedade nos reprime, bem como compartilha conosco suas experiências como mãe, filha, esposa, estudante, professora, escritora, cidadã e consumidora.

A partir da análise de cartoons, ficção, filmes e notícias, GULLETTE (1997) dirige a concepção dos fenômenos da meia idade [midlife phenomena] desde a política sexual dos corpos masculinos de meia idade [sexual politics of midlife male bodies], às contradições dos discursos sobre a menopausa, até como o preconceito sobre a meia idade vem ao encontro de uma diminuição econômica [downsizing economy].

Os livros de LEVINSON (1978, 1996) e de SHEEHY (1976) podem ser considerados como exemplos de como o curso de vida pode ser normatizado através de estágios de desenvolvimento fixos, o que indica uma das características das sociedades modernas. Entretanto, o livro de BATESON (1990) corresponde à reflexibilidade presente tanto na modernidade, como na pós-modernidade.

O de GULLETTE (1997) apresenta experiências personificadas através de identidades fragmentadas, bem como indica mudanças sociais, culturais e nas relações entre gênero e na concepção do corpo. GULLETTE (1997), ao nos convidar à luta pela reconstrução do modelo de envelhecimento da sociedade, também nos indica como a pós-modernidade pode operar na desconstrução dos cursos de vida modernos.

SHEEHY (1996), recentemente menciona que os avanços das novas tecnologias para a reprodução humana, ao permitirem a fertilidade da mulher em idades distintas das estabelecidas anteriormente, provocam uma incoerência no curso de vida. No sentido de que estas desorganizam os padrões adotados inicialmente para a reprodução humana, como também reorganizam a própria concepção e os indicadores para a menopausa, sendo que esta afirmação vem ao encontro dos argumentos apresentados por CASTELLS (1996, p. 446-447).

SHEEHY (1996) considera que nós precisamos repensar e redesenhar o nosso próprio curso de vida, no sentido de verificar como nossas culturas irão refletir e incorporar estas novas realidades. Consequentemente, esta autora afirma que não existe mais um curso de vida padronizado, sendo que agora as pessoas precisam aumentar a sua capacidade de confeccionar os seus próprios cursos de vida, o que considera como um novo desafio para a vida humana.

Outro aspecto importante a ser mencionado sobre os livros de SHEEHY (1976, 1996), diz respeito a natureza do material que esta autora utilizou para analisar o curso de vida. Observamos que no livro *"Passagens"* (1976), esta discute as crises e as passagens previsíveis ao longo da vida adulta; enquanto que, em

"*Novas Passagens*" (1996), focaliza sua análise em questões de gênero características das sociedades contemporâneas como, por exemplo, diferenças na atividade sexual durante a meia idade, reposição hormonal, menopausa masculina e feminina entre outros.

Esta mudança de enfoque indica que as diferentes experiências e histórias de vida são modificadas através do tempo, mas também que as informações e as possibilidades que as compõem são culturalmente determinadas e atreladas a contextos sociais, históricos e culturais específicos. Para exemplificar esta afirmação, podemos considerar que tanto a mudança na idade para a aposentadoria dos homens, em 1990, como também a significativa entrada das mulheres no mercado de trabalho, depois de 1950, representaram grandes inovações no curso de vida moderno (GIELE 1998, p. 231).

Nos anos sessenta e setenta, por exemplo, as mulheres que combinaram as atividades de casa com os cuidados com a família e o trabalho remunerado foram consideradas, em certo sentido, como rebeldes e a atitude destas pioneiras foi sujeita à discriminação e resistência por parte de outras mulheres (GIELE 1998, p. 231). No entanto, à medida em que outras mulheres também começaram a trabalhar, esta inovação começou a ser incorporada em sucessivas coortes de mulheres, fato que além de ter modificado a concepção original sobre o trabalho feminino e a organização da família daquela época (RILEY, 1998), permitiu que o trabalho remunerado fosse considerado como um valor cultural, em função dos aspectos a ele associados como, por exemplo, a independência econômica.

GIELE (1998) considera que é importante reconhecer as inovações no curso de vida, porque o seu reconhecimento pode

guiar as pessoas através de novos padrões de comportamento na maturidade e na velhice, como também podem facilitar a elaboração de políticas públicas mais sintonizadas com as mudanças sociais e culturais da modernidade. Neste sentido, podemos dizer que uma inovação no curso de vida foi reconhecida, quando esta começa a ser reproduzida através dos processos de socialização e enunciada entre o rol das expectativas culturais de determinado grupo social.

De acordo com GIELE (1998, p. 232), as transformações na vida das mulheres, a partir de 1950, por exemplo, podem ser consideradas como inovações no curso de vida feminino, porque permitiram que as mulheres tivessem acesso ao que ANTILER (1981) considera como o "feminismo como um processo de vida" [feminism as life process], ou seja, a possibilidade de ter a vida pautada na independência e no reconhecimento das vantagens que poderão ser obtidas através da educação, de um controle maior sobre a reprodução, do acesso ao trabalho, de carreiras promissoras, entre outras.

Estes exemplos de experiências de vida indicam como os processos da modernidade e da pós-modernidade acontecem lado a lado (FEATHERSTONE 1994a, 1994b), como também a forma pela qual estes processos interferem na composição de diferentes histórias de vida e, se considerarmos o conjunto destas histórias, poderemos vislumbrar o que ainda está por vir, se incluirmos outras histórias de vida e informações neste referencial teórico.

As considerações e os exemplos que foram apresentados, sobre a modernidade e a pós-modernidade, talvez não sejam suficientes para abarcar os diferentes trabalhos inseridos nesta

área do conhecimento. No entanto, são suficientes para indicar que o campo de investigação sobre o curso de vida realmente ainda é muito jovem, face ao volume de novas informações que pode ser acrescentado ao existente. O que pode propiciar tanto a desconstrução do atual paradigma do curso de vida em direção à um pós-paradigma, como também a reorganização de novos exemplos que serão compartilhados neste campo de investigação através da perspectiva da modernidade e pós-modernidade.

5. O CURSO DE VIDA E DIFERENTES HISTÓRIAS DE VIDA: REFERENCIAL METODOLÓGICO

Este trabalho é um estudo exploratório (GIL, 1995), que tem a finalidade de proporcionar uma visão geral sobre a constituição do envelhecimento como campo de investigação, que foi delimitado a partir da confluência de diferentes disciplinas, diversas metodologias e correntes de pensamentos distintas (ALVARENGA, 1994). Nos capítulos 3 e 4, apresentamos balanço teórico-metodológico da produção científica neste campo, especialmente em relação às perspectivas teóricas e metodológicas que empregam o conceito de curso de vida como recurso de análise, o qual nos permitiu caracterizar a natureza desta área de estudo como sendo interdisciplinar, bem como os problemas que podem e poderão ser inscritos sob a sua égide.

No entanto, este trabalho também é um estudo descritivo (GIL, 1995) no sentido que iremos caracterizar os eventos e processos relacionados às formas pelas quais as mulheres, que participaram desta pesquisa, compreendem e vivenciam o processo de envelhecimento, de acordo com o segundo objetivo apontado no capítulo 1 e da metodologia que iremos apresentar neste capítulo.

De acordo com GIL (1995, p. 44 e 45), as pesquisas exploratórias podem se constituir como a primeira etapa de uma investigação mais ampla, se o tema escolhido for muito genérico ou quando envolve o concurso de diferentes disciplinas para delimitá-lo, sendo que os resultados destas podem contribuir para a proposição de problemas mais específicos e procedimentos metodológicos mais sistematizados.

Neste sentido, esta pesquisa pode ser considerada como a primeira etapa de outras que poderão ser desenvolvidas a partir de nossos resultados, as quais poderão incluir outros grupos de mulheres com diferentes idades como, por exemplo, aquelas que compreendem a maturidade, ou seja, dos 20 aos 60 anos, a fim de verificar possíveis diferenças e similaridades quanto à vivência do envelhecimento nas sociedades contemporâneas que, sob a perspectiva da modernidade e da pós-modernidade, possibilitam a configuração de diferentes cursos de vida.

A inclusão de outros grupos sociais e outras coortes em estudos desta natureza pode conferir maior qualidade ao entendimento do processo de envelhecimento tanto em relação aos seus aspectos biológicos e psicológicos como também aos sociais e culturais, em função da existência de diferenças significativas entre as histórias de vida de pessoas com diferentes idades, de coortes distintas e de grupos sociais distintos (RILEY, 1998).

Apesar de nossa análise estar centralizada nas experiências de vida de algumas mulheres, que compõem uma coorte específica e um grupo social distinto, não compromete os nossos resultados porque nosso objetivo é o de caracterizar a forma pela qual estas mulheres concebem o seu próprio envelhecimento, procedimento que não nos autoriza a generalizar e/ou aplicar nossos resultados para outros grupos de mulheres que, apesar de terem a mesma idade cronológica, podem ter características distintas das mulheres que são o alvo desta pesquisa.

O estudo sobre diferentes coortes pressupõe algum conhecimento prévio sobre a população que iremos estudar, porque estas informações podem viabilizar a elaboração dos

procedimentos metodológicos que serão utilizados para a coleta e a análise de seus dados. Neste caso, os nossos resultados poderão virtualmente contribuir para a elaboração destes procedimentos metodológicos porque, ao oferecerem informações sobre a forma pela qual as mulheres desta pesquisa vivem o envelhecimento, poderão auxiliar na confecção e na sistematização dos instrumentos que serão utilizados para a coleta de dados em outras pesquisas.

Por outro lado, a caracterização do estudo sob a perspectiva do curso de vida [life course] também pode apresentar sugestões para o delineamento de outros estudos e pesquisas nesta área do conhecimento, como também sugerir outros problemas relacionados à trajetória de vida das pessoas que, ao serem passíveis de análise e compreensão, poderão implicar na elaboração de outros estudos que possam contribuir para o melhor entendimento desta questão.

O estudo do envelhecimento, realizado através de diferentes coortes e grupos sociais, também pode contribuir para a identificação de processos que possam comprometer a qualidade de vida daqueles que estão envelhecendo, como também os que podem dificultar e/ou favorecer a vivência de uma velhice bem-sucedida (BALTES, 1995). De acordo com VERAS (1995b, p. 21), *"as medidas preventivas para se tornarem plenamente eficazes, devem começar na infância e continuar no decorrer da vida adulta"*. Neste sentido, o estudo do envelhecimento na Saúde Pública deve enfatizar também a promoção de saúde, à medida em que aqueles que estão envelhecendo têm interesse em manter e promover a sua independência e autonomia por um período de tempo maior.

VERAS (1995b, p. 23 e 24) considera que os idosos estão potencialmente em uma situação de risco, não porque são velhos, mas porque são vulneráveis à incapacidade de suas mentes, de seus corpos, como também às de seu meio, físico, social e cultural. Este autor alerta sobre a importância de apoiarmos os idosos em suas necessidades, bem como que estas necessidades podem ultrapassar os limites dos serviços de saúde, em função da complexidade do processo de envelhecimento aliada às condições precárias de sobrevivência da maioria dos idosos brasileiros.

VERAS (1995b, p. 22) ressalta ainda que a oferta de outros serviços aos idosos está diretamente relacionada à identificação e ao reconhecimento de suas necessidades, bem como ao exercício de sua cidadania quanto à reivindicação de novos serviços, que possam contribuir para implementar e manter a sua saúde e autonomia, sendo que o exercício desta cidadania está vinculada ao nível de consciência que têm sobre os objetivos da prevenção na velhice.

Diante disso, consideramos que é importante identificar estas necessidades a partir do próprio relato dos idosos, à medida em que os seus depoimentos, sobre as formas pelas quais vivem o envelhecimento, podem contribuir também para a diminuição do preconceito existente em relação àqueles que já passaram a marca dos 65 anos; bem como que estas informações poderão nos auxiliar na articulação de uma cultura sobre a velhice, composta por imagens, representações e experiências de vida, que apresentem a diversidade e a complexidade dos cursos de vida daqueles que compõem este grupo social.

ÖBERG e RUTH (1995, p. 125) consideram que a forma pela qual uma vida é vivida [life lived ou way of life] irá refletir nos significados que são atribuídos à velhice, bem como que as histórias de vida podem contribuir tanto para o entendimento de uma velhice "bem sucedida" [successful], como a de uma velhice problemática [problematic] com todas as suas disfunções. De acordo com estes autores, as histórias de vida têm um significado especial para a gerontologia, porque tornam visíveis diferentes maneiras de viver que atualmente nós conhecemos pouco, mas que em um futuro próximo serão importantes para entender outras histórias de vida, à medida em que outras coortes alcançarem a velhice.

Considerando a diversidade dos idosos brasileiros face aos argumentos apresentados por VERAS (1995b), ÖBERG e RUTH (1995), podemos aventar a possibilidade de que ainda há muitos depoimentos e histórias de vida a serem coletados, se nossa intenção é a de conhecer melhor as necessidades e as maneiras de viver destes idosos, tendo em vista as diferenças culturais, sociais e de gênero existentes entre os diversos grupos de pessoas e as diferentes idades que podem ser inseridas no período etário, que representa os idosos⁶³. Dessa forma, este trabalho pode ser considerado como uma contribuição para a realização desta tarefa, à medida em que iremos caracterizar alguns depoimentos de vida quanto à forma pela qual algumas das mulheres, que nasceram entre os anos de 1926 e 1936, vivem o seu próprio envelhecimento.

⁶³ De acordo com o National Library of Medicine Medline, Thesaurus: term information. Washington (DC); 1998, a palavra "idoso" é utilizada para designar as pessoas que têm idades entre 65 e 79 anos.

Se compararmos nossa contribuição com o conjunto de histórias e depoimentos de vida, que virtualmente pode ser coletado, poderemos achar que os depoimentos deste trabalho talvez não sejam representativos para outros grupos de mulheres inseridos neste mesmo período, e/ou de mulheres em outros períodos⁶⁴. Neste sentido, cabe esclarecer que nosso objetivo é o de verificar em que termos os depoimentos destas mulheres permitem novas reflexões teóricas e metodológicas, que possam ampliar este campo de conhecimento; sendo que, diante da diversidade de histórias de vida, que são possíveis de serem articuladas nas sociedades contemporâneas, podemos ter uma idéia do volume de trabalho que nos espera se continuarmos trabalhando nesta linha de pesquisa.

Para tanto, iniciamos a discussão sobre a metodologia deste trabalho através das histórias de vida, dos depoimentos pessoais e de nosso exercício de aproximação teórica e metodológica entre os conceitos de história de vida, trajetórias de vida e cursos de vida. Este exercício irá nos permitir delimitar nosso campo de investigação e os recursos metodológicos que utilizaremos para a coleta e análise dos depoimentos de vida deste trabalho. Em seguida, será possível apresentar as mulheres que participaram de nossa pesquisa e seus depoimentos de vida.

5.1 AS HISTÓRIAS E OS DEPOIMENTOS DE VIDA

FEATHERSTONE (1991, 1992, 1993) considera que *"como seres humanos, nós nascemos, vivemos e morremos mas que é importante compreender também a forma pela qual nascemos, vivemos e*

⁶⁴ Período como sendo o conjunto de eventos históricos e culturais experienciados por pessoas de uma mesma idade cronológica e coorte.

morremos já que existem diferentes contextos sociais", que possibilitam a configuração de diferentes histórias de vida. Esta afirmação pode ser exemplificada através dos diferentes relatos sobre as percepções que as pessoas têm em relação ao seu próprio envelhecimento (MATTOS, 1990), que estão fundamentadas tanto em suas condições de saúde (física e mental), como em seu contexto social e cultural.

No entanto, nem sempre as percepções que os outros têm em relação às pessoas que estão envelhecendo correspondem às dos próprios idosos. BARROS (1981) observa que os idosos têm uma representação mais positiva sobre o envelhecimento do que os outros, especialmente no caso dos especialistas em envelhecimento. O estudo de LORENZETTO (1998, p. 111), pautado nas reflexões de mulheres idosas sobre o envelhecimento, também indica que *"a sociedade muitas vezes constrói certos estereótipos que têm sido percebidos como uma visão negativa da velhice"*.

Estas informações indicam que a análise do envelhecimento, sob a perspectiva daqueles que envelhecem, pode conferir qualidade e especificidade aos nossos dados, bem com que as histórias de vida dos que estão envelhecendo podem construir os dados necessários à nossa análise. Para tanto, será necessário apresentar os conceitos que estaremos utilizando para definir o que estamos considerando como história de vida, suas diferenças em relação aos depoimentos de vida; como também a forma e o sentido pelos quais iremos construir e apresentar os depoimentos de vida das mulheres que participaram desta pesquisa.

ATKINSON (1998) considera que a *história de vida*⁶⁵ [life history] é uma forma de narrativa que está relacionada com a história oral, a estória de vida, a etnografia e outros métodos e técnicas utilizadas em pesquisas qualitativas. De acordo com este autor, FREUD (1910) foi o primeiro a utilizar a história de vida com propósitos acadêmicos, sendo que este método também vem sendo adotado por outros pesquisadores⁶⁶.

A história de vida foi considerada, por algum tempo, como o principal método de pesquisa na Antropologia e nos trabalhos de Etnografia. ATKINSON (1998) considera que esta expressão, história de vida [life history], traduz a preocupação destas disciplinas em registrar a tradição e o folclore de certos grupos sociais, a partir da percepção de seus participantes, bem como tem sido utilizada como sinônimo para estória de vida [life story].

ATKINSON (1998, p.4) sugere que, apesar das similaridades entre a história [life history] e a estória de vida [life story], existem diferenças quanto ao resultado final que produzem. No sentido de que as primeiras, ao serem construídas a partir da descrição dos pesquisadores sobre as características específicas de certos grupos sociais, talvez não representem 100% da fala das pessoas que foram entrevistadas; enquanto que as estórias de vida seriam a reprodução fidedigna dos conteúdos que foram pesquisados. Dessa forma, as estórias de vida permitiriam uma abordagem mais interdisciplinar do que as primeiras, em termos da compreensão não só de uma vida

⁶⁵ ATKINSON (1998, p. 3) no original utiliza a expressão "estória de vida" [life story].

⁶⁶ ATKINSON (1998, p. 3 e 4) cita os trabalhos de ERIKSON (1958, 1969, 1975), SARBIN (1986) entre outros.

individual através do tempo, como também para entender como as vidas individuais se relacionam entre si.

Para ATKINSON (1998), a história de vida é um método de pesquisa qualitativa que possibilita obter dados sobre a essência subjetiva da vida inteira de uma pessoa. Neste sentido, a história de vida pode identificar o valor peculiar de cada vida, como também os elementos comuns, as motivações e os assuntos que, apesar de nossas diferenças, são partilhados pela existência humana; sendo que as histórias de vida também podem ser consideradas como o elemento fundamental para o entendimento da vida humana (ATKINSON 1998, p. 5).

ÖBERG e RUTH (1995) consideram que a história de vida é um método para coleta de dados, que tem experienciado um certo renascimento nas ciências sociais, principalmente na gerontologia. A história de vida nos oferece uma visão geral sobre a vida de uma determinada pessoa e/ou de um grupo de pessoas, que estão numa certa situação social, cultural e histórica; sendo que é possível analisá-la sem a necessidade de elaborar, a priori, nenhuma descrição sobre a realidade destas pessoas ou sobre o desenrolar de seus cursos de vida (GERGEN, 1988). Neste sentido, são construções da identidade, na qual as pessoas nos contam quem elas são e como têm vivido as suas vidas (RUBINSTEIN 1988, ALASUUTARI 1990), sendo que o self é visto como o narrador, como aquele que articula os diferentes eventos da vida numa história coerente (POLKINGHORNE, 1991).

De acordo com estes autores, a história de vida é uma construção porque as pessoas não são simples depositárias de suas experiências, no sentido de que as pessoas reconstróem suas vidas quando elas nos contam suas histórias. Dessa forma, o

passado não será lembrado como aconteceu [as it happened], porque nossa recordação sobre os eventos do passado sempre irá depender dos eventos subsequentes. A lembrança de qualquer evento é realizada tanto através dos eventos que o precedem, como também em função daqueles que, no presente, são percebidos como tendo alguma relação com estes (ÖBERG e RUTH 1995, p. 122 e 123).

LALIVE d'EPINAY (1995, p. 141) considera que a existência humana não está diretamente relacionada à realidade, mas sim com as idéias e as representações que fazemos dela e, para ilustrar sua afirmação, cita BERGER e LUCKMANN (1967) dizendo que "*o ponto fundamental é que sem representação não existe ação*". Consequentemente, a maneira pela qual uma pessoa vive a sua vida é organizada a partir de imagens e representações, por exemplo, no caso dos idosos, que tem sobre o envelhecimento, a vivência de diferentes idades, as diferenças entre velho e jovem, morte, entre outras.

De acordo com LALIVE d'EPINAY (1995, p. 142 e 143), a história de vida é um exemplo de um empreendimento subjetivo, na qual o narrador é o herói da história, que apresenta a vida do herói contada por ele mesmo⁶⁷. No entanto, esta subjetividade algumas vezes pode ser entendida como um obstáculo à objetividade científica, no sentido de os pesquisadores podem utilizar as informações das histórias de vida de uma forma que não é apropriada como, por exemplo, ATKINSON (1998) que, apesar de reconhecer as similaridades entre a história [life history] e a estória de vida [life story], distingue o resultado final das

⁶⁷ No entanto, ALASUUTARI (1995, p. 77) discorda deste argumento, porque considera que "o self como o herói da história" é uma produção da própria narrativa.

duas em termos de sua fidedignidade com a realidade, como se fosse possível estabelecer critérios para verificar a veracidade da informações que são apresentadas em uma história de vida, principalmente se considerarmos os argumentos apresentados por ÖBERG e RUTH (1995) e LALIVE d'EPINAY (1995).

A diferença entre a história [history] e a estória [story] de vida parece estar fundamentada em duas preocupações: a primeira, quanto à veracidade da análise do conteúdo apresentado por seus narradores, a segunda, com a natureza dos dados apresentados, no sentido de diferenciar as informações provenientes das estórias de vida, mais relacionadas à *"exposição romanceada de fatos e episódios"*⁶⁸, das associadas à *"narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida da humanidade"*⁶⁹.

No entanto, FEATHERSTONE (1997, p. 125) considera que o pós-modernismo deve ser encarado como o *"fim da história"*, o que não significa o fim do processo objetivo da história, mas sim o fim de nossa percepção da história como um processo unitário, em função de *"nossa maior percepção da natureza construída da história, do uso de instrumentos retóricos e da capacidade de desconstruir narrativas"*. Consequentemente, nossa percepção está mais acurada para perceber a pluralidade da história, no sentido que não existe uma história unitária privilegiada, mas apenas diferentes histórias.

⁶⁸ Ferreira, Aurélio B. H. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 11ª Impressão. Rio de Janeiro: Editora Nacional; 1983. p. 513.

⁶⁹ Idem a nota 62, ver p. 644.

A história de vida de uma pessoa também apresenta a história de seu grupo de referência, bem como a forma pela qual esta pessoa foi socializada para atuar em determinadas situações de vida (BOURDIEU, 1974). Dessa forma, a exemplo de trabalhos anteriores (BASSIT, 1992), estaremos utilizando histórias de vida para designar os depoimentos de vida que serão apresentados neste trabalho, porque estes também refletem a vida destas mulheres e dos idosos que hoje são o alvo dos especialistas em envelhecimento.

A questão sobre a veracidade e/ou objetividade da análise do conteúdo das histórias de vida reflete uma preocupação sobre os métodos de coleta de dados nas pesquisas sociais, especialmente as que investigam o curso de vida das pessoas, a partir da compreensão das experiências vividas por estas pessoas. No sentido de que, algumas vezes, o pesquisador, a partir de seu próprio empirismo e subjetividade, pode anunciar os dados que são coletados como uma verdade científica (MINAYO e col., 1998).

É certo que esta preocupação é pertinente, principalmente quando nossa intenção é a de conferir credibilidade aos nossos resultados, sendo que é possível alcançar este objetivo através de delineamentos de pesquisas, que possam controlar e minimizar os efeitos da subjetividade do pesquisador na coleta, registro e análise dos dados de sua pesquisa. No entanto, esta preocupação também apresenta questões relacionadas a diferentes posturas epistemológicas, sobre as formas pelas quais o conhecimento científico é construído, que também deveriam ser discutidas face às transformações das sociedades contemporâneas que, sob a perspectiva da pós-modernidade, reorganizam muitos dos conceitos

que são utilizados na proposição destas posturas, como também ampliam as nossas possibilidades metodológicas.

Para LALIVE d'EPINAY (1995, p. 142 e 143), a subjetividade pode ser considerada como a produtora e a organizadora do material que compõe a história de vida, sendo que a vivência das condições de vida de uma pessoa é sempre uma experiência subjetiva. Neste sentido, a experiência é organizada através de crenças, valores, representações e conceitos, os quais poderiam ser resumidos numa única palavra, ou seja, "*cultura*". Consequentemente, a história de vida apresenta mais as concepções, valores e crenças do narrador como, por exemplo, a narrativa de idosos que é influenciada pelo conceito que têm sobre idosos, envelhecimento e velhice.

LALIVE d'EPINAY (1995) observa que não existe um único conceito sobre os idosos [old age], mas diferentes conceitos e imagens que estão relacionados tanto a uma diversidade cultural como também individual, no sentido de que uma mesma pessoa, durante a apresentação de sua história de vida, pode utilizar diferentes conceitos sobre o que é ser uma pessoa idosa ao se referir a si mesma.

Para ALASUUTARI (1995) a história de vida é um exemplo de discurso peculiar, que apresenta uma variedade de formas pelas quais as partes do texto se unem para formar o conjunto da história, bem como apresentam um discurso com um considerável significado cultural. De acordo com este autor, as histórias de vida são necessariamente retrospectivas, porque apresentam o passado das pessoas. No entanto, SCOTT e ALWIN (1998, p.99) consideram que, em estudos longitudinais, também é possível utilizar as histórias de vida num sentido prospectivo

[prospective], porque *"para entender como os eventos iniciais de uma vida influenciam o presente e o futuro, ou para compreender como as vidas são modificadas, é essencial ter informações acuradas tanto sobre o passado como do presente"*.

DENZIN (1970) considera que a história de vida apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, ou por um grupo ou por uma organização; no sentido que indicam como esta pessoa interpreta a sua experiência; sendo que podemos inferir a diversidade de experiências existentes, se analisarmos esta definição de DENZIN (1970) face à variedade das definições sobre os idosos apontada por LALIVE d'EPINAY (1995).

ALASUUTARI (1995, p. 71) indica que as informações que compõem a história de vida podem ser analisadas de diferentes maneiras e para finalidades distintas, sendo possível analisar só uma determinada parte da história ou um de seus temas. Neste sentido, MINAYO (1994, p.126) cita DENZIN (1970) ao comentar que as histórias de vida podem ser construídas a partir de todo o conjunto das experiências vividas por uma pessoa, *história de vida completa*, como também enfatizando um conjunto determinado de experiência, *história de vida tópica*.

Neste trabalho, estamos enfatizando as experiências de vida relacionadas à vida adulta, ou seja, as histórias de vida que serão apresentadas podem ser definidas como histórias de vida tópicas, sendo que para a definição das idades que delimitam este período, será necessário recorrer a outras informações. Para tanto, as pesquisas de LEVINSON (1978, 1997) podem nos auxiliar nesta definição, à medida em que foram realizadas a partir das histórias de vida de homens (1978) e mulheres (1997),

com idades entre 35 e 45 anos, que relataram o desenrolar de suas vidas, da adolescência à *transição da meia idade* [Mid-Life Transition], ou seja, dos 17 aos 45 anos.

Apesar deste autor ter proposto um percurso inteiro para a vida humana⁷⁰, "*da adolescência até as idades mais avançadas*", seus dados empíricos estão centralizados no período de tempo acima mencionado. Fato que nos leva a questionar se todo o percurso que foi proposto para a vida humana, realmente corresponde às histórias de vida daqueles que, segundo LEVINSON (1978 e 1997), já ultrapassaram a transição da meia idade, ou seja, aqueles com idades entre 45 e 64 anos.

No entanto, LEVINSON (1978 e 1997) delimitou a idade adulta como o período de tempo compreendido entre as idades de 22 e 65 anos, o qual caracteriza a idade adulta a partir de todas as suas transições, das *prematuras* [early adult transition] às *tardias* [late adult transition]. O período estabelecido por este autor, entre 22 e 65 anos, é mais abrangente do que o proposto pela convenção existente⁷¹, que estabelece as idades entre 19 e 44 anos para designar os adultos.

Entretanto, NERI (1995, p. 28 e 30) considera que "*a idade cronológica é mais um indicador do que uma variável independente do desenvolvimento*", sendo que podemos considerar também as "*variáveis normativas ligadas à gradação por idade*", que estão

⁷⁰ NERI (1995, p. 23) cita o trabalho de KETZER e KEITH (1984), que considera que o trabalho de LEVINSON (1978) e o de SHEEHY (1976), do ponto de vista antropológico, contribuíram para a disseminação de novos argumentos e critérios para a periodização da vida adulta pela sociedade.

⁷¹ National Library of Medicine Medline, Thesaurus: term information. Washington (DC); 1998.

relacionadas aos determinantes biológicos e ambientais que têm alta correlação com a idade cronológica como, por exemplo, a socialização, a maturação biológica, a aquisição de papéis sociais, entre outros.

Podemos considerar que, para as mulheres que nasceram entre os anos de 1926 e 1936, os eventos sinalizadores do início de sua idade adulta eram o casamento, o nascimento do primeiro filho, a saída da casa dos pais, a morte dos pais, entre outros, sendo que estes aconteciam por volta dos 20 anos. Dessa forma, para as necessidades deste trabalho, estamos propondo a idade de 20 anos para início da demarcação do período que compreende a idade adulta, bem como a manutenção da idade de 65 anos, para sinalizar o seu término.

Entretanto, as idades selecionadas para demarcar a idade adulta não podem ser consideradas como critérios excludentes, no sentido de que serão utilizados para eliminar as histórias de vida que não iniciem a partir dos 20 anos, ou aquelas que não terminem exatamente aos 65 anos, ou outras cujo seu término pode ultrapassar a marca dos 65 anos. A adoção destas idades apenas proporciona parâmetros para a análise das experiências de vida, sendo que podem auxiliar tanto a organização das experiências que compõem os depoimentos de vida que serão apresentadas, como também facilitar a narração de seus eventos e episódios.

As histórias de vida, das mulheres desta pesquisa, foram construídas a partir de seu próprio depoimento sobre as suas experiências de vida, no período de tempo compreendido entre as idades de 20 e a idade que tinham na época em que foram entrevistadas. Embora o parâmetro de nossa análise tenha sido

estabelecido entre as idades de 20 e 65 anos, as mulheres que participaram desta pesquisa têm idades entre 62 e 72 anos.

Apesar desta diferença entre as idades, devemos lembrar que a idade cronológica por si só não é suficiente para explicar o envelhecimento, bem como que é difícil precisar quando uma pessoa começa a envelhecer ou se torna um adulto. Consequentemente, a análise destas histórias irá enfatizar os eventos e as experiências da vida adulta destas mulheres e que estão relacionados com as formas pelas quais estas vivem o envelhecimento, que podem ou não ter alguma correlação com a idade cronológica.

Nesta diferença, outro aspecto que deve ser observado é a necessidade de mantermos alguma margem de segurança em nosso parâmetro, a fim de aumentar a possibilidade de que os eventos e os processos, os quais pretendemos caracterizar, possam ser apresentados nos depoimentos de vida. O envelhecimento é um processo que dura a vida toda, sendo que só a idade cronológica não é garantia para que estes eventos e experiências, relacionadas com a vivência do envelhecimento, possam ser caracterizados a partir das experiências vividas durante o período que foi demarcado.

Os depoimentos de vida foram obtidas através de entrevista aberta mas com enfoque no interesse temático deste trabalho, ou seja, a vivência do envelhecimento a partir das experiências da idade adulta. As entrevistas foram realizadas individualmente, durante as quais as mulheres participantes desta pesquisa foram convidadas a relatar a história de suas vidas no período determinado.

De acordo com GIL (1995, p. 116), a entrevista focalizada é uma entrevista informal que enfoca um tema de interesse específico, na qual o entrevistado fala livremente sobre o tema, sendo que o entrevistador pode interferir, quando este se desvia do assunto. Neste tipo de entrevista é prevista a interação constante entre entrevistador e entrevistado, bem como o uso de observação participante com a finalidade de elucidar os acontecimentos que serão relatados, quanto às expressões faciais e corporais e de outros sentimentos que possam emergir destas histórias (MINAYO, 1994).

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, a fim de facilitar o registro e a análise dos dados coletados, sendo que realizamos uma entrevista inicial com a finalidade de verificar a viabilidade da utilização deste método de pesquisa, mas os dados obtidos não serão incorporados aos outros depoimentos de vida. Antes de cada entrevista, foram explicados às mulheres convidadas a participar desta pesquisa, os nossos objetivos, a forma pela qual os dados seriam tratados, bem como o nosso compromisso quanto à manutenção do anonimato destes depoimentos de vida.

No entanto, antes de apresentarmos as mulheres desta pesquisa, cabe mencionar algumas considerações sobre o nosso exercício de aproximação teórica-metodológica entre os conceitos de histórias de vida, trajetórias de vida e cursos de vida. A necessidade deste exercício reside, em primeiro lugar, no fato de que existem diferenças quanto à forma de obter estas histórias de vida, que precisam ser esclarecidas afim de evitar possíveis problemas tanto na hora de entrevistarmos estas mulheres, como também na hora de apresentarmos as suas experiências de vida.

Em princípio, podemos dizer que *"tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica"* (QUEIROZ 1988, p. 19). Consequentemente, podemos dizer que existem semelhanças entre as histórias de vida, as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias e outros métodos semelhantes de pesquisa, entretanto, estes diferem quanto às suas características e à sua definição. Precisamente, na relação entre história de vida e depoimento pessoal, podemos dizer que a diferença está na postura do pesquisador que, no primeiro caso, deve deixar o narrador falar livremente sobre sua experiência através do tempo a fim de que este possa reconstruir suas experiências de vida. Enquanto que, no segundo caso, o pesquisador dirige diretamente a entrevista para os pontos que deseja pesquisar, que estão estreitamente relacionados à sua pesquisa, sendo que esta escolha é efetuada unicamente por este critério (QUEIROZ, 1988).

Nos dois casos a entrevista está presente, porque estes métodos de coleta de relatos orais implicam em um colóquio entre o narrador e o pesquisador, sendo que a escolha de uma ou de outro método deverá recair no tipo de dado que o pesquisador pretende obter e não apenas nas diferenças na maneira de aplicá-las. Outra consideração a ser mencionada é que toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos, como também que podem englobar outros tipos de documentos e informações como, por exemplo, fotografias antigas, eventos históricos do grupo de referência do narrador, entre outras. As histórias de vida são construídas a partir de longas entrevistas, enquanto que os depoimentos de vida podem se esgotar num só encontro (QUEIROZ 1988, MEIHY 1988).

Para efeitos deste trabalho, estamos considerando que tanto as histórias de vida como os depoimentos pessoais, como toda e qualquer outra forma de apreender diferentes experiências de vida, têm condições de favorecer novas reflexões teóricas e metodológicas sobre o envelhecimento e, dessa forma, enriquecer este campo de investigação. O valor destas contribuições está pautado na diversidade de novas experiências de vida e não apenas na forma pela qual estes dados foram coletados, apesar de reconhecermos a importância de diferenciar um método do outro na hora de coletarmos as experiências de vida que iremos analisar.

Consequentemente, toda a nossa discussão anterior sobre a importância de incluir novas histórias de vida neste campo está pautada no valor destas experiências, porque permitem desvelar tanto a experiência individual e subjetiva daquele que narra a sua história, como também permite acessar a subjetiva coletiva do grupo de referência do narrador (MEIHY, 1998). No entanto, para a coleta das experiências de vida deste trabalho, estaremos utilizando depoimentos pessoais porque, neste momento, nosso objetivo é o de apenas caracterizar, na história de vida destas mulheres, os eventos e processos relacionados às formas pelas quais compreendem e vivem o processo de envelhecimento, a partir de sua vida adulta. Para tanto, os depoimentos que serão apresentados podem ser considerados como um exercício de aproximação às histórias de vida destas mulheres as quais, em outras pesquisas, poderão ser melhor exploradas.

O nosso exercício também inclui uma aproximação entre os conceitos de trajetória de vida e curso de vida, porque o conceito de curso de vida ao se configurar como um conceito heurístico, durante a apresentação de nosso balanço sobre a produção científica desta área, foi utilizado tanto para

denominar determinadas perspectivas teóricas-metodológicas, como também como objeto de estudo de outras tendências. Neste sentido, adotamos o conceito de trajetórias de vida como sinônimo de "curso de vida" afim de diferenciar a trajetória da vida adulta das mulheres desta pesquisa, do curso de vida empregado como objeto e perspectiva de análise. A partir destas considerações, podemos apresentar quem são as mulheres desta pesquisa.

5.2 AS MULHERES DESTA PESQUISA

As mulheres que participaram desta pesquisa são socialmente ativas, têm idades entre 62 e 72 anos e pertencem à coorte compreendida entre os anos de 1926 e 1936, que é alvo das preocupações dos especialistas em envelhecimento. Estas mulheres também representam um período etário, no qual a diversidade de suas vivências permitem caracterizá-las também como uma categoria bio-psico-social.

Foram entrevistadas 12 mulheres com idades distribuídas da seguinte forma: 62 (1 mulher), 64 (2 mulheres), 65 (3), 68 (1), 70 (2), 71 (1) e 72 (2). Em relação ao estado civil, encontramos a seguinte distribuição: 6 viúvas, 1 casada, 3 solteiras e 2 separadas. Nós também entrevistamos uma mulher que nasceu no ano de 1921, com 77 anos de idade, com a finalidade de verificar possíveis diferenças quanto a uma diferente coorte. O depoimento desta mulher não será apresentado em sua totalidade, porque a nossa intenção é apenas a de comparar alguns de seus fragmentos, especialmente os que estão relacionados ao envelhecimento, com os dos depoimentos de nosso conjunto de entrevistas.

De acordo com NERI (1995, p. 37), das 33,6 milhões de pessoas nascidas nos primeiros 30 anos do século, apenas 28,3% destas estão inseridas nos 9,5 milhões de brasileiros com mais de 60 anos. O que significa que este *"segmento populacional sobreviveu às numerosas crises e carências que acometeram a população brasileira no período"*.

Das características deste segmento populacional, podemos destacar que a maioria dos idosos no Brasil (82%) vive em áreas urbanas, sendo que as mulheres representam 54% deste grupo (BERQUÓ 1996, p. 27). Em relação à distribuição dos chefes de domicílios, observa-se que, na população geral, 81,9% dos domicílios são chefiados por homens, enquanto que para a população idosa, 44% dos domicílios são chefiados por mulheres (BERQUÓ 1996, p. 29).

A chefia de uma família pode representar uma maior sobrecarga de trabalho e responsabilidade para as mulheres idosas que, em função de sua baixa escolaridade e de seus baixos rendimentos, assumem o comando de suas famílias com maior dificuldade para buscar condições de existência e de sobrevivência. No entanto, é importante observar que 75% dos homens de 65 anos ou mais, encontram-se chefiando uma família com esposa, com ou sem filhos; enquanto que 60% das mulheres estão chefiando uma família sozinhas, com filhos, ou com outros parentes, ou morando sozinhas (BERQUÓ 1996, p. 31). O que indica que a viuvez ou a separação podem levar as mulheres à chefiar famílias monoparentais ou a viverem na casa dos seus filhos (BERQUÓ 1996, p. 31).

BERQUÓ (1996, p. 30) observa que, em relação ao estado conjugal da população idosa, existe uma discrepância por sexo quanto ao "*status*" marital, se compararmos a proporção de homens casados (76,3%)⁷² com a de mulheres viúvas (52,7%)⁷³. Esta discrepância pode ser explicada em função das longevidade das mulheres, como também aos valores culturais em nossa sociedade, que favorecem o casamento dos homens com mulheres mais jovens do que eles; sendo que, em apenas 9% dos casais podemos observar uma situação inversa, ou seja, a mulher casada com um homem mais novo que ela (BERQUÓ, 1986).

Esta discrepância também pode ser observada tanto em relação ao número de mulheres descasadas ou divorciadas (5,4%)⁷⁴ como também para as solteiras (7,6%)⁷⁵. De acordo com BERQUÓ (1996, p. 30), "*estas diferenças são responsáveis pela superioridade de viúvas em relação aos viúvos, da ordem de 3.6 para 1*", como também indicam que as mulheres idosas têm menor possibilidade de encontrar um companheiro ou marido. Consequentemente, as mulheres têm maior possibilidade de viver o envelhecimento sem a companhia de um marido, de filhos (as) ou de filhos (as) sobreviventes.

Em relação à situação familiar, dos idosos que vivem na região metropolitana de São Paulo, observa-se que apenas 10% vivem sozinhos, enquanto que 34% vivem em domicílios de duas gerações (esposo(a) e/ou filhos(as) e/ou genros e noras), 25% em domicílios de três gerações(incluindo netos) e 31% vivem apenas com o cônjuge (RAMOS e col. 1993, p. 91). No caso destes idosos,

⁷² BERQUÓ (1996, p. 31), 33,9% de mulheres casadas.

⁷³ Idem, 14,8% de homens viúvos.

⁷⁴ Idem, 4,8% de homens descasados ou divorciados.

⁷⁵ Idem, 4,2% de homens solteiros.

outro aspecto que deve ser apontado, é que a maioria (57%) é oriunda da zona rural (RAMOS e col. 1993, p. 90).

De acordo com BERQUÓ (1996), a situação familiar das pessoas nesta fase da vida reflete cumulativamente, todos os eventos de suas trajetórias de vida, sendo que as questões de gênero marcam distintivamente as histórias de vida de homens e mulheres. Neste sentido, é necessário conhecer a estrutura familiar na qual os idosos estão inseridos, bem como que os estudos sobre homens e mulheres devem ser desenvolvidos a fim de reconhecer as relações de diferença envolvidos no processo.

Entre os idosos que vivem na região metropolitana de São Paulo, 53 % relataram que tinham autonomia total para realizar suas atividades da vida diária como, por exemplo, preparar refeições, fazer a limpeza da casa, tomar remédios, entre outras atividades (RAMOS e col. 1993, p. 91). DERNTL (1998, p. 198) observa que, quando se trata de pessoas idosas, a "autonomia" é compreendida como "capacidade funcional" "ou capacidade para atividades da vida diária". Neste sentido, este conceito vem sendo associado à "dependência social e física, à invalidez", entre outros, sendo que freqüentemente a autonomia é medida em diferentes níveis (DERNTL 1998, p. 198).

DERNTL (1998, p. 197 e 198) considera que o termo *"autonomia vem sendo utilizado de diferentes maneiras, segundo a óptica de quem o utiliza"* e sugere a *"concepção de Promoção de Saúde como mediadora para a autonomia do indivíduo"*. Neste sentido, o termo "autonomia", independentemente da idade, estaria relacionado com a capacidade do cidadão de poder decidir

livremente seu estilo de vida, bem como para estabelecer os seus padrões de autonomia.

Consequentemente, esta mediação implica que os processos relacionados à qualidade de vida e à saúde tenham uma maior participação e controle por parte das pessoas, o que propicia a prática do *"autocuidado"* como expressão da autonomia do indivíduo. É certo de que a autonomia dos idosos, o autocuidado e a promoção de saúde são temas importantes para o estudo do envelhecimento, principalmente se a nossa perspectiva de análise está inserida na área da saúde pública, sendo que suas implicações mereceriam uma discussão mais minuciosa, o que não constitui o objetivo deste trabalho.

No entanto, as informações que foram apresentadas, embora não sejam as mais significativas desta área, são suficientes para os propósitos deste trabalho, no sentido de que permitem introduzir o conceito sobre *"autonomia"*, como uma das características a ser observada nos estudos sobre aqueles que já ultrapassaram os 65 anos; sendo que, a utilização deste conceito não implica, necessariamente, que o estaremos associando à dependência física ou à invalidez, porque *"da mesma forma que saúde não é a ausência de doenças, a autonomia não é a ausência de dependência física ou social"* (DERNTL 1998, p. 198).

Consideramos que a autonomia também está relacionada ao poder de decisão que as pessoas têm sobre a adoção de seu estilo de vida, estabelecendo os seus padrões de autonomia, no sentido que foi apontado na *"Carta de Ottawa"* (OMS, 1986), *"os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações,*

satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente" citado por DERNTL (1998, p. 198).

Nestes termos, o conceito sobre autonomia tem condições de extrapolar os limites físicos e sociais, que podem contrapô-la à dependência e à invalidez, como também pressupõe algum grau de participação dos indivíduos em seu meio ambiente. Entretanto, na seleção das mulheres que participariam desta pesquisa, nossa preferência foi a de utilizar a expressão *socialmente ativas*, a fim de designar aquelas mulheres que têm autonomia para desempenhar suas atividades diárias, que participam de atividades em sua comunidade, como também as que têm condições de identificar suas necessidades. Consequentemente, os depoimentos de suas vidas, podem contribuir para modificar a imagem do envelhecimento atrelada só às perdas deste processo.

No entanto, cabe esclarecer que a adoção deste conceito está longe de ser uma proposta para codificação dos diferentes grupos de idosos, ou para classificá-los através de categorias fixas e rígidas como, por exemplo, os ativos e os inativos entre outras; mas, representa apenas um recurso metodológico para nos auxiliar na seleção daquelas mulheres que potencialmente poderiam participar deste estudo.

As características dos idosos que foram apresentadas nos auxiliam a compor o panorama sobre a situação dos idosos brasileiros e daqueles que vivem na região metropolitana de São Paulo, no sentido que indicam o contexto em que vivem os idosos quanto à sua estrutura familiar, ao local que vivem, à sua situação conjugal entre outras. Neste sentido, estas informações também possibilitam configurar o cenário, no qual os depoimentos

de vida, das mulheres desta pesquisa, serão apresentadas. Entretanto, ainda será necessário apresentar as mulheres que são as protagonistas desta pesquisa. Para tanto, iniciamos esta apresentação citando as formas pelas quais as encontramos, a nossa conversa inicial e os critérios que possibilitaram a inclusão de suas histórias neste trabalho.

A partir do conceito sobre mulheres socialmente ativas, o qual também pressupõe algum grau de participação na comunidade, bem como o período etário escolhido para a nossa análise, consideramos a possibilidade de que seria possível encontrar as mulheres, que poderiam participar desta pesquisa, em grupos destinados à "terceira idade", os quais desenvolvem diferentes atividades com os idosos, principalmente com mulheres idosas.

Com esta concepção nos encaminhamos à procura de "grupos de terceira idade"⁷⁶, que poderiam concordar que entrevistássemos as mulheres que participam de suas atividades. Nesta pesquisa, dois grupos, em especial, nos chamaram a atenção, um localizado no bairro de Americanópolis, zona sul de São Paulo, e o outro, na região dos Jardins. A peculiaridade destes dois grupos é que um grupo é mantido pelo outro, ou seja, a associação beneficente responsável pelo grupo de Americanópolis também mantém um grupo de mulheres que congrega suas associadas, sendo que estas, além de suas atividades em seu grupo, também participam de muitas das atividades em Americanópolis.

⁷⁶ "Grupo de Terceira Idade" é a denominação de que muitos destes grupos utilizam para denominar as atividades que são direcionadas às pessoas com 60 anos ou mais; sendo que estaremos adotando esta mesma terminologia neste trabalho.

Apesar de nosso objetivo não ser o de trabalhar exclusivamente com mulheres que participam deste grupos, ponderamos que esta peculiaridade poderia facilitar o nosso acesso tanto a mulheres que vivem na periferia de São Paulo, como também às de classe média; o que poderia nos auxiliar a verificar diferenças entre os depoimentos destas mulheres como, por exemplo, ao tipo de eventos de suas histórias de vida, entre outros.

No entanto, também entrevistamos outras mulheres que não participam de nenhuma atividade neste tipo de grupo, a fim de evitar possíveis vieses quanto à influência do grupo em sua compreensão e vivência do processo de envelhecimento, encontramos estas mulheres através da indicação de amigos e/ou de conhecidos que, sabendo de nosso interesse, nos apresentaram a mulheres que preenchiam os nossos requisitos. Cabe observar que uma destas mulheres tinha 77 anos de idade na época da entrevista, ou seja, idade superior à estipulada para esta pesquisa mas, mesmo assim, decidimos entrevistá-la a fim de verificar possíveis diferenças em relação a uma diferente coorte.

O número de mulheres que foram entrevistadas foi determinado em função do critério de "*saturação ou de reincidência de informações*" (MINAYO 1994, p. 102), ou seja, à medida em que os dados das entrevistas permitiram delimitar o quadro empírico desta pesquisa, bem como quando as informações começaram a ser reincidentes às que haviam sido apresentadas anteriormente, decidimos interromper o processo de coleta de dados. Antes de tomarmos esta decisão, verificamos se havia uma certa homogeneidade entre os depoimentos de vida destas mulheres face aos objetivos deste trabalho, bem como a heterogeneidade

dos depoimentos que foram apresentados. Outro aspecto observado, foi quanto à possibilidade de incluir depoimentos ímpares em função de seu potencial explicativo para a compreensão do processo de envelhecimento, bem como a de excluir depoimentos em função da insuficiência dos conteúdos apresentados face às finalidades deste trabalho.

5.3 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS DE VIDA

Todas as mulheres que entrevistamos tinham informações sobre os objetivos deste trabalho, bem como sobre a forma pela qual os seus depoimentos seriam tratados. Neste sentido, este conhecimento prévio, aliado à nossa solicitação de relatarmos as suas vidas, a partir da idade de vinte anos, favoreceu que o envelhecimento e a idade adulta fossem reafirmados tanto como temas desencadeadores de seus depoimentos, como também os que engendraram seus depoimentos de vida.

Durante os seus depoimentos, nossa preocupação principal foi a de fazer perguntas a fim de esclarecer os eventos apresentados em seus próprios relatos, que poderiam contribuir para a caracterização das formas pelas quais descrevem o envelhecimento, bem como dos que poderiam nos auxiliar a situar os contextos históricos, sociais, culturais e econômicos relacionados ao desenrolar de suas vidas.

Outra preocupação que tivemos, durante as entrevistas, foi a de apresentar algumas questões que poderiam nos auxiliar a esclarecer as formas pelas quais estas mulheres vivenciam o envelhecimento como, por exemplo, quando começaram a perceber que estavam envelhecendo, se perceberam alguma modificação em seus corpos, a menopausa, possíveis cuidados com a saúde, qual

conselho que dariam a uma pessoa que está envelhecendo, entre outras.

Cabe esclarecer que estas questões foram utilizadas mais como um recurso do entrevistador, na captura de maiores informações, do que como um método aplicado sistematicamente em todas as entrevistas. A decisão de utilizar tais questões está fundamentada na consideração de que poderiam existir algumas mulheres com maior dificuldade para relatar a sua história de vida do que outras, sendo necessário contar com algum recurso que pudesse facilitar os seus depoimentos, com a menor interferência possível.

Nestes depoimentos de vida estaremos considerando como evento, todos os acontecimentos previsíveis e imprevisíveis na vida destas mulheres, que possam estar relacionados com as formas pelas quais as suas vidas se desenrolam como, por exemplo, casamento, divórcio, viuvez, filhos, entre outros; sendo que também estaremos considerando tanto os acontecimentos que os antecedem, como os que lhes são subsequentes.

Entretanto, NERI (1995, p. 30 e 31) considera as seguintes classes de influência sobre o desenvolvimento, sob a perspectiva da psicologia do envelhecimento: *"normativas, ligadas à graduação pela idade; normativas, ligadas à graduação pela história, e não normativas"*. As influências normativas, ligadas à graduação pela idade, estão relacionadas à maturação biológica, a socialização e a aquisição de papéis sociais; enquanto que as ligadas à história, são influências que são experimentadas mais ou menos de modo uniforme pelos integrantes de um mesmo grupo social ou de uma mesma coorte como, por

exemplo, padrões de nupcialidade, crises econômicas, movimentos migratórios entre outros. As influências não-normativas podem ser de caráter biológico ou ambiental e, embora sejam significativas para as pessoas, sua ocorrência não pode ser previsível em determinada época, podendo ser considerados como "eventos *idiossincráticos*", como por exemplo, a perda de emprego, divórcio, perder um filho entre outras.

NERI (1995, p. 31) considera que os limites entre as influências normativas e as não-normativas podem ser difíceis de serem estabelecidos; no entanto, sugere que a adoção de uma perspectiva contextualista pode favorecer o reconhecimento destes limites. Neste sentido, estaremos adotando esta classificação com a finalidade de caracterizar os eventos normativos nos depoimentos de vida, ou seja, aqueles relacionados à história e ao contexto social e cultural da vida destas mulheres; bem como para caracterizar possíveis eventos *idiossincráticos* em seus depoimentos.

Em relação às influências ligadas à graduação por idade, consideramos que o depoimento de vida, nos termos que foi proposta neste trabalho, talvez não seja o recurso metodológico mais apropriado para pesquisar este tipo de influência, ao longo da trajetória de vida destas mulheres. No entanto, à medida em que os seus depoimentos apresentarem informações, relacionadas à este tipo de influência, será possível fazer esta distinção. Cabe esclarecer que a caracterização destes eventos e influências não se constituem como o nosso principal foco de interesse na análise destes depoimentos, mas sim como recursos adicionais à compreensão de como a vida destas mulheres foram delimitadas e configuradas.

Os depoimentos de vida das mulheres que participaram desta pesquisa foram interpretadas através da análise temática, nos termos propostos por BARDIN (1979, p. 105), que "*consiste em descobrir os "núcleos de sentido" (o destaque é nosso) que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido*", na qual o **tema** é "*a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura*".

De acordo com BARDIN (1979, p. 106), "*o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.*"; sendo que o tema tanto pode ser entendido como uma afirmação sobre determinado assunto, como também por uma frase ou conjunto de frases, ou um resumo sobre um assunto específico entre outras expressões de opinião.

Para MINAYO (1994, p. 209 e 210), a análise temática desdobra-se em três etapas: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento e a interpretação dos dados obtidos, sendo que, na primeira etapa, também estão incluídas a "*Leitura Flutuante*" do conjunto das comunicações, a "*Constituição do Corpus*"⁷⁷ a fim de verificar a validade de nosso material e a "*Formulação de Hipóteses e Objetivos*".

Neste sentido, realizamos uma leitura flutuante de todos os depoimentos obtidos a fim de conhecer exaustivamente as vidas que nos foram relatadas. Em seguida, verificamos se o nosso

⁷⁷ BARDIN (1979, p. 96), "*O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos*".

conjunto de informações contemplava as regras apontadas por BARDIN (1979, p. 97 e 98), quanto à "exaustividade", a "representatividade", a "homogeneidade" e a "pertinência" das informações de nosso corpus.

Nestes termos, verificamos se as informações obtidas eram suficientes para serem consideradas como depoimentos de vida, se os seus dados eram suficientes para atingir os objetivos deste trabalho, bem como se havia uma certa homogeneidade entre os depoimentos das mulheres que entrevistamos, a qual poderia favorecer a nossa análise. A única regra que não verificamos foi quanto à representatividade, tendo em vista as características deste trabalho, como também que *"nem todo material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo"* (BARDIN 1979, p. 97 e 98).

Em relação à formulação de hipóteses e objetivos citada por MINAYO (1994), consideramos que nem sempre é necessário ter algumas hipóteses e/ou objetivos para se proceder à análise (BARDIN 1979, p. 98), bem como que é possível privilegiar os procedimentos exploratórios, principalmente se considerarmos que este é um estudo exploratório que tem o objetivo de caracterizar as formas pelas quais as mulheres, que participaram desta pesquisa, descrevem o processo de envelhecimento.

Consequentemente, a ênfase de nossa análise será no que ÖBERG e RUTH (1995, p. 125) consideram como o espírito do texto [spirit of the text], no sentido de que cada depoimento de vida apresenta a interpretação pessoal de cada mulher, sendo possível caracterizar os temas que irão emergir do próprio texto, os

quais também poderão ser combinados com outros temas de interesse. Neste sentido, cada depoimento de vida representa uma unidade de análise, no sentido que apresenta temas que, mediados pelos temas sobre o envelhecimento e idade adulta, podem favorecer a nossa compreensão sobre a forma pela qual estas mulheres vivem o envelhecimento em suas vidas.

Na fase de exploração de nosso material, trabalhamos no sentido de verificar quais eram os temas que emergiram dos depoimentos obtidos, bem como aqueles que estavam relacionados ao processo de envelhecimento e à idade adulta. Após esta verificação inicial, todos os temas apresentados foram classificados e agrupados em categorias que poderiam especificar melhor a sua natureza.

A partir desta organização inicial, realizamos uma nova leitura de cada história de vida individualmente, verificando os depoimentos apresentados face às nossas observações de campo, no sentido de verificar se poderíamos incluir outras informações à compreensão destes depoimentos. Em seguida, realizamos uma leitura transversal do conjunto de histórias de vida, através dos recortes dos temas apresentados, a fim de verificar se nossa classificação inicial estava de acordo com os depoimentos apresentados, bem como se as nossas categorias empíricas eram suficientes para favorecer a análise destes depoimentos de vida em face ao nosso referencial teórico.

De acordo com MINAYO (1995, p. 209), a presença de temas em depoimentos também indica *"valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso"*, sendo que esta consideração pode nos abonar da necessidade de contar a frequência das unidades de significação dos depoimentos desta

pesquisa, bem como da conseqüente necessidade de tratar estatisticamente os nossos dados. Neste sentido, a interpretação dos dados desta pesquisa foi realizada a partir dos significados dos temas apresentados face às formas pelas quais as mulheres desta pesquisa compreendem o envelhecimento, "como também através do estabelecimento de possíveis relações entre estes temas, os eventos e a sua trajetória de vida.

6. MULHERES, HISTÓRIAS E DEPOIMENTOS DE VIDA

As entrevistas foram realizadas durante os meses de maio e junho de 1998, no local que foi determinado pelas mulheres participantes desta pesquisa, ou seja, ou em suas próprias residências ou no Grupo de Terceira Idade a que pertencem. A duração média de cada entrevista foi de aproximadamente 1 hora, sendo que todas as mulheres que foram convidadas a participar desta pesquisa, reagiram favoravelmente ao nosso convite.

Inicialmente, apresentaremos as mulheres que participaram desta pesquisa e o resumo de seus depoimentos de vida, a partir de suas próprias palavras, a fim de situar os contextos sociais, culturais e econômicos relacionados ao desenrolar de suas vidas adultas. Em seguida, apresentaremos as formas pelas quais descrevem o processo de envelhecimento, bem como as suas experiências em relação ao seu próprio envelhecimento. Esta apresentação será realizada tanto através dos temas que emergiram de seus depoimentos, como também de outros que são decorrentes de nossa análise e interpretação.

Os depoimentos de vida serão apresentadas com pseudônimos a fim de garantir o anonimato das mulheres que participaram desta pesquisa, como também omitimos alguns dos dados peculiares de seus relatos porque estes poderiam facilitar a sua identificação como, por exemplo, local de trabalho, profissão entre outros.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, com a finalidade de preservar a maneira de falar e de se expressar de cada mulher que foi entrevistada. No entanto, o resultado de todas estas transcrições representa um

volume considerável, fato que dificulta a apresentação de todas os depoimentos de vida como anexo deste trabalho. Neste sentido, decidimos selecionar apenas três entrevistas que poderiam ser representativas de nosso conjunto de depoimentos de vida, as quais estão reproduzidas na íntegra (em Anexo).

6.1 AS MULHERES E SEUS DEPOIMENTOS DE VIDA

MARIA nasceu em Pernambuco, tem 65 anos, é viúva, dois filhos e cinco netos. Trabalhou como empregada doméstica, sabe assinar os seu nome e consegue escrever um pouco, segue abaixo o seu depoimento:

Olha, eu casei com 19 anos, com 20 tive o meu primeiro filho, com 23 tive o segundo. E levei aquela vida de interior, eu morava no sítio, uma vida muito sacrificada. Depois não sei com quantos anos eu vim para São Paulo, vim para São Paulo em 1966. Tive muito problema de saúde com o meu marido, com problemas de coração veio a falecer em 1970. Criei os meus filhos, eles estão casados e a luta continuou, trabalhei muito mesmo, e agora faz 3 anos que me aposentei e estou participando aqui⁷⁸. Eu só estudei quando estava com os meus pais, eu sei assinar meu nome, escrever um pouquinho mas muito mal. No começo, quando eu tinha 15 anos eu queria ir para um convento, e por acaso aconteceu esse casamento. Meu marido foi muito bom, foi uma vida muito boa. A vida é assim do jeito que estou levando. Hoje eu estou aqui, amanhã não sei (....). (....) Eu levo a minha vida, tem dia que eu acho que tenho 20 anos. Tem momentos, tem dias que a gente tem aquela tristeza dentro da

⁷⁸ "aqui" como referencia ao grupo de terceira idade de que participa.

gente, eu me vejo sozinha, moro sozinha, apesar de morar sozinha, moro encima da casa do meu filho e o outro do outro lado (....). Quando eu fico feliz, eu dou risadas, conheço gente nova (....), eu me acho muito feliz. Tem os momentos de tristeza, aquela coisa horrível, muitos problemas na vida, também já tive muitos, mas depois de velha eu estou tendo o que eu não tive antes.

MARCIA nasceu no interior do Ceará, tem 70 anos, é viúva, não tem filhos. Trabalhou como empregada doméstica, casou aos 50 anos com um homem cinco anos mais novo do que ela, segue o seu depoimento:

Quando eu tinha 20 anos era tudo bom. Depois dos 20 eu fiquei sem o meu pai porque mãe eu não conheci, eu tinha 2 anos e 9 meses quando ela morreu. Depois dos 20 para cima é que dá para entender toda a vida. Meu pai morreu quando eu tinha 27 anos, e fiquei sozinha na vida com meu irmão no interior do Ceará. (....) quando ele casou eu vim viver a minha vida aqui em São Paulo, com meus outros irmãos que estavam aqui, eu sendo solteira. Eu levei a minha vida trabalhando como doméstica. (....) Hoje eu tenho uma casa. (....) Quando eu estava com a minha casa arrumada, comprei, ajeitei, estava com os meus pertences de pobre, encontrei um viúvo com 5 filhos. Eu tinha 50 anos. (....) Nós começamos a nos encontrar, ele ficou logo muito alucinado por mim, e eu não tanto por ele, não sei o que aconteceu eu fiquei com muita dó dos filhos dele. (....) Eu sabia que ele era um alcoólatra, mas eu via aquelas crianças na minha frente, por aquelas crianças começou um romance e eu me casei com ele. (....) Há 5 anos atrás meu marido faleceu, eu

criei os filhos dele todos bonitinhos, como eu podia, coloquei para estudar, para trabalhar, assumi toda a responsabilidade. (....) Daí eu fiquei muito chateada, muito solitária, eu entrei quase em um desespero, não sei se era amor ou pena do que ele tinha passado, se era saudades, não sei o que é que era, sei que sofri demais, daí encontrei este lugar (....). Agora, enquanto eu tive ele eu achava que estava nova entendeu. Achava que era nova, cheia de vida, comecei a envelhecer de 5 anos para cá, que estou sozinha. (....) Esta aí é a minha história.

ROSÁRIO nasceu em Salvador, tem 68 anos, é viúva e tem 11 filhos. Ela veio a São Paulo quando tinha 45 anos e, segundo o seu próprio depoimento, passou a vida trabalhando e tendo filhos, segue o seu depoimento:

Dezessete anos, com 10 meses de casada veio o meu primeiro filho. Trabalhando e trabalhando com o marido, vida vai e filho aparecendo. Tive 11 filhos, mas a minha vida sempre foi trabalhando. (....) Eu nem pai nem mãe eu conheci, nem para estudar eu tive oportunidade, naquele tempo não é como hoje que é muito mais fácil, e a pessoa que não tinha pai nem mãe tinha que trabalhar para poder sobreviver. Então a vida foi assim, nem tenho o que contar. Graças a Deus eu tenho a minha saúde. Eu tive o último filho, que foi uma menina, com 45 anos, eu dava de mamar muito para todos os filhos, foi quando acabou ... **(a menstruação)**. (....) vivi 37 anos com o meu marido. O mais importante acho que era quando eu tinha o meu marido, apesar da fraqueza da vida, isso é da vida mesmo, não é todo mundo que nasceu para ser rico mesmo (....).

CONCEIÇÃO nasceu no interior de São Paulo, tem 64 anos, casada, tem 8 filhos, 10 netos e 1 bisneta. Ela veio a São Paulo com 34 anos e, de acordo com o seu próprio relato, sua vida depois dos 18 anos é "muito sofrimento e não posso contar tudo não", segue abaixo o seu depoimento:

Eu fiz aniversário dia 14 de dezembro (completou 18 anos) e casei no dia 20. Eu era muito caipira, nascida de uma família pobre lá do interior, fui criada sem escola para mim, e fui crescendo sem mesmo ter a educação principal. Minha mãe tinha 14 filhos e ela não tinha tempo para me dar aquela educação e meu pai muito nervoso, muito bravo. E fui criada igual uma cabritinha solta no pasto, empoleirada pelas árvores, não tinha aquela educação que é preciso ter. E depois eu casei sem amor. Porque o meu pai morreu e minha mãe estava doente, e ela ia morrer com o problema do fígado e eu me senti assim, eu vou ficar jogada pelo mundo, vou arrumar marido. (....) é que se eu não casasse, ia ficar tendo aquela vida com 6 filhos que minha mãe deixou. (....) Assim foi, eu casei já tinha casa, tive a primeira filha, eu peguei 2 irmãos e pus na minha casa, tomei conta deles. Quer dizer que o casamento foi bom, né? Só que tem que a gente não tinha aquele amor profundo, meu marido também era de família pobre e humilde, muito grosseiro, a gente foi criada assim lá. E aí eu fui tendo filho, quando eu tive os 7 filhos eu já tinha tido 2 abortos, abortos não provocados, aconteceu. Eu fiquei muito doente, muito doente e não sabia cuidar de minha doença. (....) quando estava com 40 anos fiquei grávida de novo. Depois do parto, Conceição passou mal, (....) minha pressão caiu e eu fiquei três dias na UTI. Depois de 48 horas voltei a viver de novo. (....) Minha vida vem assim,

tocando esse barco e criando o menino, o último que já está aí com 23 anos, já é papai e tem um lindo menino, tem uma esposa bonita estão trabalhando os dois juntos, quer dizer que eu venci. **Hoje**, (....) Eu quero ser livre, pa\$sear, eu quero ser uma mulher livre, não quero mais ser pajem, não quero ser uma esposa que quando o marido quer me tocar eu fico com raiva.

Ana nasceu no interior, tem 72 anos, é solteira e não tem filhos. Ela veio para São Paulo sem saber ler e escrever, trabalhou como empregada doméstica, estudou e se aposentou como técnica administrativa, segue o seu depoimento:

(....) eu sou nascida no interior onde me criei até os 14 anos e depois eu vim para São Paulo para trabalhar. Vim trabalhar como doméstica e trabalhei bastante, só que tinha dificuldade para tudo, porque eu era semi analfabeta e sabia ler muito pouco. Eu tinha uma ambição que era ganhar mais dinheiro para poder ajudar mais a minha família porque eram super pobres. (....) trabalhei vinte anos em uma casa. **Depois** Sai daquela casa e eu comecei a pensar que a idade ia passando e eu não casava, eu comecei a ficar assustada porque não pagava esses deveres (**aposentadoria**). (....) então, eu resolvi entrar na escola para me alfabetizar. Fiz o primário, o ginásio, (....) prestei concurso público, entrei no serviço público, eu fiquei contente, fiquei feliz, e quanto mais eu fazia mais eu queria fazer. Eu entrei como servente, fui me preparando (....) e depois eu passei (....) a técnica administrativa e com isso me aposentei. Eu sobre velhice que a senhora quer saber, eu não tenho do que me queixar não porque conforme a idade ia chegando eu ia melhorando no serviço, eu ia aprendendo, progredindo, ganhando

conhecimento, conheci todo mundo. Trabalhei em lugares muito bons, conheci professores muito bons, e eles percebendo que eu queria aprender, um me dava uma apostila outros me davam um ensino, e com isso eu cheguei aonde eu estou. Hoje em dia eu já sou aposentada faz dois anos, mas eu sou feliz graças a Deus. **E sobre casamento,** (....) Veja bem, eu sou órfã, morando com a madrinha, analfabeta, não tinha chance mesmo, (....) naquele tempo, a gente via bem, quem tinha mãe e pai tinha mais facilidade de casar, eu não tinha mãe nem pai, (....) mas eu não me incomodei com isso, pois o que eu queria mesmo eu consegui, que é isso que eu te falei agora: estudar, trabalhar e aprender alguma coisa, (....) eu me sinto muito feliz.

MARIA JOSÉ nasceu no interior de São Paulo, tem 71 anos, é separada e tem 7 filhos, netos e bisnetos. Trabalhou como verdureira, teve quitanda, entre outras atividades. Ela veio para São Paulo após a sua separação do marido, aos 32 anos de idade, segue o seu depoimento:

Aos 20 anos foi quando eu comecei a namorar o meu marido e casei com 21 anos. Daí já começou a minha vida de sofrimento. Porque ele não trabalhava, só eu que trabalhava, tinha que sustentar a casa, criar os filhos. Quando eu casei nós morava na roça, mas eu trabalhava fora de ambulante de verdura. Então aquela ilusão foi até os 5 anos, mas eu vi que ele não endireitava. (....) Vivi 9 anos com ele, daí vim embora para São Paulo, aí começou a luta, tinha 5 filhos nesse tempo, sofri um pouco, mas toda a vida eu fui corajosa, eu lutei com a vida. (....) Tinha 43 anos, quando eu arrumei esse Sr que era viúvo, eu vivi com ele 18 anos. Em uma parte foi bom, agora em outra

não. Porque ele bebia muito, aí nós brigávamos bastante. Quando ele estava com 56 anos nós nos separamos, aí eu fiquei sozinha. Eu fui criando os filhos, depois de três anos ele morreu, os filhos já estavam grandes, casados, ele tinha neto quando foi embora e fiquei com um filho dele, esse deixou um filho que é o mais novo. Fui tocando a vida, sempre trabalhando, fui verdureira, tive quitanda. Agora, faz 6 meses que me deu derrame, eu fiquei paralisada e a voz ficou insegura, (....) mas a única coisa que eu sinto é o reumatismo que veio cedo, trabalhava muito na água, como doméstica. (....) Se eu tivesse a perna boa... Eu gosto de dançar, de pular corda, de conversar, mas eles **(os filhos)** acham que a mãe está muito assanhada. (....) e a gente fica com vergonha dos genros, dos netos. Eles acham que é assanhamento, agora não, depois que me deu derrame eu estou ficando com as pernas duras, aí eu não danço mais, mas eu não senti a velhice chegar e não me sinto velha. Eu estou com 71 anos, mas eu não gosto de ficar parada.

JOANA nasceu no interior da BAHIA, tem 65 anos e é solteira. Ela veio para São Paulo com 28 anos, trabalhou como empregada doméstica e depois em uma companhia, segue o seu depoimento:

Na minha vida eu sempre fui lutadora, eu passo por um bocado meio conturbado. E você sabe, a vida da gente que mora no interior é muito apertada, eu perdi a minha mãe muito cedo e fiquei convivendo com os outros, depois com a minha avó, depois ela morreu e fui morar com uma tia. Minha mãe morreu e meu pai se casou de novo, mas minha madrasta não se deu com nós, depois ela arrumou seis filhos e se separou de nós. (....) quando eu

vim para aqui eu tinha 28 anos. (....) Então eu lutei, trabalhei em casa de família, depois eu arrumei uma firma (....) e graças a Deus que eu consegui me aposentar. (....) E vou levando a vida, eu lutei, comprei um terreno, fiz uma casinha, moro eu, uma irmã e um sobrinho, tem hora que meu sobrinho até me aborrece e eu fico nervosa, (....) mas estou largando de lado. Eu arrumei muito casamento mas não deu certo, **porque** Outras moças entravam no meio e acabavam e eu não me envolvia com isso não, e quando eu era mais nova, a minha paixão era o colégio de freiras, mas a minha família não deixou. Sim, depois que eu cheguei aqui eu ainda procurei um colégio de freira mas me disseram que não, no meu tempo eu não sabia ler e eles só pegavam quem sabia ler, então a minha paixão era o colégio de freira. **Hoje**, eu estou na escola a noite, eu converso com meus amigos da escola. Eu tenho uma irmã que só fica dentro de casa, fica fazendo bordado, crochê. Eu falo para ela, menina, a gente não pode ficar só dentro de casa não, por que os nervos da gente encosta. **Quer dizer**, fica ali parado, os nervos encostam e a pessoa não tem destreza para nada, eu sempre trabalhei, lutei, (....) eu faço tudo, tem semana que eu não paro dentro de casa. Não gosto de ficar parada dentro de casa.

GEORGINA nasceu em Minas Gerais, tem 64 anos, é viúva, tem 4 filhos, 6 netos e 2 bisnetos. Ela casou com 21 anos, com 27 anos veio para São Paulo, trabalhou como empregada doméstica, segue o seu depoimento:

Estudei muito pouco (....). O meu pai me punha na escola, mas dizia que mulher não precisava estudar, depois cresce fica moça, casa e não precisa estudar. O meu pai e minha mãe não

sabiam ler, e ele dizia: eu me virei muito bem então vocês também vão ter que se virar. Era assim, então eu estudei bem pouco. (....) a minha mãe me chamou e falou assim: olha eu conheço uma mulher lá na praça que é uma das que eu trabalho para ela, e ela está precisando de um menina para ser babá das crianças dela, você pode ir ficar com ela porque assim já era um dinheiro que entrava para ajudar em casa. Então eu fui trabalhar, quando a minha mãe adoeceu, ela morreu de parto... (....) A mulher que eu trabalhava na casa dela foi visitar minha mãe, e depois me contou o que minha mãe havia falado com ela, que era para ela me olhar, cuidar de mim, pois eu já estava trabalhando nesta casa há três anos. Essa mulher foi muito boa para mim, hoje ela está com 85 anos, foi ela quem fez meu casamento. Meu marido era uma pessoa que tinha muita compreensão, sempre teve muita paciência comigo, e ainda brincava comigo dizendo: olha eu te tirei da casa da mulher, mas agora eu sou o seu pai e sua mãe, porque eu sou mais velho, era mais velho que eu 7 anos. A gente veio para São Paulo porque aconteceu uns problemas lá, então meu marido ficou triste e não quis ficar mais lá em Minas Gerais, **mas** (....) não queria sair daqui (**Minas Gerais**), (....) eu fiquei pensando da gente chegar aqui em uma situação não muito boa. Então ele falou que aonde ele fosse ele me levaria (....). **Já em São Paulo**, Depois que consegui arrumar a minha casa foi só alegria. Meu marido era uma pessoa muito boa, a gente combinava muito bem (....). Eu não me preocupo com o envelhecimento. Eu acho que a gente envelhece, (....), eu tenho 64 anos e já passei tanta experiência na vida, e todo o dia quando vou dormir eu agradeço o meu Pai por isso. Eu sou uma pessoa muito feliz, eu tenho aquilo que mereci de Deus.

MARIA DAS GRAÇAS nasceu em Minas Gerais, mas foi registrada em uma cidade do interior de São Paulo, tem 62 anos, é viúva, tem 3 filhos, 5 netos e 1 bisneta. Casou com 21 anos, trabalhou como diarista e depois em uma empresa de limpeza, segue o seu depoimento:

Quando a gente era pequena era aquele sistema dos antigos que não colocavam na escola, porque achavam que mulher não precisava estudar, o que eu aprendi foi depois de casada, de assinar o meu nome. O casamento meu foi muito engraçado . Eu trabalhava para ajudar meus pais, pelo menos os meus pais era assim, eu trabalhava na casa dos meus patrões que era o dono da fazenda onde meus pais moravam, de vez em quando eu vinha para cá, e as vezes minha patroa chegava na cozinha e falava: olha Maria este mês , eu fico revoltada com isso, eu falei porque, seu pai tirou todo o seu pagamento lá e você este mês está sem pagamento, e eu ficava presa aquele mês todo. Eu casei com 2 lençóis e 2 toalhas de banho, era apertado, mas enfim deu tudo certo, meu marido não vou dizer que ele era um homem ruim, também homem do interior não é aquele homem que a gente espera. (....) ele não era carinhoso, era todo grossão, mas na doença eu não tinha queixa dele não, ele era grosso comigo, com os filhos, mas tinha as qualidades boas dele também. Quando o meu marido faleceu, eu tive uma queda tão grande que até o meu irmão falou (....) que eu estava acabada demais que eu não era assim, sabe quando você está desanimada com a vida que você não quer nem se arrumar nem nada. (....) Depois que conheci **este grupo**, (....) estou aqui até hoje isso me reanimou, mas se eu estivesse só em casa acho que já tinha morrido, porque do jeito que eu estava. Na minha opinião a velhice tem que chegar, embora eu não goste

de ficar velha, não me sinto bem. **Porque** (....) Eu era uma mulher que andava muito, mas eu procuro fazer alguma coisa que nos meus 50 anos eu fazia, então a idade já vai brecando um pouco. (....) Eu acho que uma pessoa de idade não tem que se entregar, que eu em uns tempos estava me entregando muito, depois eu vi que não era nada daquilo, que não podia se entregar e fui em frente.

ROSA nasceu na Bahia, tem 70 anos, viúva, tem 1 filho e 3 netos. Ela veio para São Paulo há muito tempo atrás, trabalhou como empregada doméstica, perdeu o único filho e se dedica à educação de seus 3 netos, segue o seu depoimento:

(....) meu pai faleceu e a mãe ficou viúva, logo depois ela pegou os filhos, nós éramos em 11, pegou a família e veio para São Paulo, isso há muitos anos atrás. Aqui ela faleceu, trabalhando na roça, sofrendo muito (....) Cheguei aqui comecei a trabalhar e depois casei. Casei com 25 anos. Tive 1 filho só, a vida muito dura, trabalhando nas casas dos outros, sofrendo muito. Nós compramos uma casinha, meu filho ficou grande, casou, tem 3 filhos. O pai logo faleceu, aí ficou eu, ele, a mulher e os 3 netos. Aí ele morreu de um acidente de carro. Ficou eu e mais ela lutando para criar as crianças, 2 meninos e 1 menina. Graças a Deus, nós fomos trabalhando os meninos crescendo, eu deixei de trabalhar nas casas dos outros porque não agüentava mais e fiquei criando as crianças, e ela trabalhando fora. (....) Lutei muito, sofri muito porque ele **(o marido)** bebia, chorei tanto que as vezes eu procurava chorá e secou, a água secou. Depois foi indo, Deus me ajudou que ele começou a melhorar da bebida, aí nós mudamos e compramos uma casinha com

um terreno na frente, abrimos um negócio, uma vendinha, eu trabalhando em casa de família para ajudar, até Deus nós ajudou que nós fizemos um empório que tinha de tudo mesmo, aí eu fui ajudar ele dentro de casa. Olha a pessoa fica velha isto é besteira. Eu acho que a gente deve ser sempre novo, sempre alegre, sempre satisfeita, se apegar com Deus. Se pode um passeio você vai, que nem aqui fica com pessoas amigas, a gente conversa, é uma beleza de vida. Esta certo que a gente tem os problemas, tem hora que a gente fica triste, chora, mas entrega tudo a Deus (....).

NAIR nasceu no interior de São Paulo, tem 72 anos, solteira, sem filhos. Ela trabalhou 30 anos na área médica, viajou muito, se aposentou e hoje se dedica ao trabalho voluntário, tanto na área médica como na assistência social, segue o seu depoimento:

(....) Depois de uma infância muito rica, muito feliz, chamavam a gente até de princesa. Depois fomos estudar fora da cidade em que morava, desligamos do pai e da mãe uns 2 anos, depois veio uma mudança para São Paulo e ver as coisas difíceis da vida. Então todo mundo tinha que trabalhar, correr, sustentar, pois veio uma virada, como para todo mundo sempre há umas viradas, então essas viradas são sempre para o bem da vida, porque antes eram só as coisas maravilhosas aí entra na dureza da vida. Sempre ouvindo a minha mãe falar: Deus que ilumine ela, que a proteja, mas talvez tenha uma influência de falar: "homem não presta, homem não presta", talvez eu tenha sido atingida muito e nunca briguei com o namorado, e sem brigar e sem dialogar você não dá certo com ninguém. Houve um motivo profundo

para eu não ter casado. Não faltou pretendentes maravilhosos, quando eu não queria eles queriam, quando eles queria, eu não queria, então houve muito desencontro. Eu nunca fui analisada, mas mesmo assim a minha irmã falou que talvez eu não tivesse casado de tanto ouvir essas coisas. Aí toquei a minha vida, cheguei a trabalhar em três empregos. (....) fala-se que a gente apaixona-se uma vez na vida, francamente eu fui apaixonada cinco vezes. Paixões intensas que só mudou a pessoa, foram fases que passaram. (....) minha vida foi realizada sexualmente, nunca tive filhos porque não era louca de ter filhos solteira, mas é uma vida normal como a de qualquer mulher. Trabalhei 30 anos, viajava em todas as férias para lugares diferentes, fazia de propósito. Depois aposentei, **mas** continuo até hoje em um serviço voluntário. Me sinto com uma capacidade de realização de trabalho voluntário. Ainda não (**sentiu que estava envelhecendo**). Nunca pensei nisso porque apesar da minha idade, nunca me deram a idade que eu tenho (....).

CARMEN nasceu em Recife, tem 65 anos, é viúva e tem 2 filhos. Aos 30 anos, ela veio São Paulo para trabalhar na área médica. Depois casou com 34 anos, teve seus filhos com 35 e 36 anos. Trabalhou a vida inteira e hoje está aposentada, segue o seu depoimento:

(....) eu aposentei já faz um tempo, minha idéia era depois de aposentar ficar um pouco trabalhando, mas comecei curtindo um pouco a aposentadoria, depois meu marido ficou doente, depois ele faleceu e eu acabei perdendo o entusiasmo de voltar a trabalhar. Por incrível que pareça, como eu trabalhei a vida inteira, desde o colegial que eu trabalhava e estudava à noite,

então ninguém acreditou que eu fosse ficar em casa, mas eu me adaptei bem não tive problema nenhum. Eu no começo senti um pouco a falta da juventude dos alunos, pois eu adorava dar aula, mas eu consegui me adaptar bem. Então eu me adaptei muito bem a vida de aposentada, minha saúde é boa, eu gosto muito de ler, de fazer trabalhos em casa, de bordar, de cinema, de teatro, eu procuro preencher a minha vida. Meus amigos ficaram muito preocupados achando que eu fosse ficar com depressão, eu também tinha essa preocupação, sabe largar tudo, mas eu não tive. Eu acho a minha vida muito boa desse jeito (....). Eu acho que a gente tem estar muito preparada para envelhecer, para aceitar a velhice. O que é muito engraçado é que minha cabeça não é exatamente da minha faixa etária, eu me lembro que quando fiz 60 anos, eu dizia: nossa eu fiz 60 anos, eu não acreditava que tinha essa idade, eu não raciocinava como eu imaginava antes como uma pessoa de 60 anos. A gente tem que se preparar bastante para a velhice, porque é uma coisa difícil, porém eu acho uma coisa gratificante, no sentido de não ter angústia, eu acho que a gente tem que procurar fazer as coisas na época certa, então se é jovem tem que fazer tudo que um jovem faz, viver intensamente, porque agora eu digo: puxa eu fiz tanta coisa na minha vida ela foi tão boa, que agora eu estou curtindo a minha idade. Eu estou achando que a velhice é uma coisa que tem a parte boa, você tem muita segurança, você sente as coisas de uma maneira diferente, quer dizer, tudo agora tem um gosto diferente, eu curto mais as coisas, a velhice está me mostrando isso, as coisas mais simples, inclusive do passado, e na época eu não achava tanto. Então a velhice está me dando essa coisa de tranquilidade, de curtir a vida (....).

6.2 DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO

Em seus depoimento de vida, estas mulheres apresentaram as formas pelas quais compreendem e concebem o processo de envelhecimento, as quais seguem abaixo relacionadas, com suas próprias palavras; inclusive as de Lúcia, nossa participante com 77 anos.

MARIA (65 anos). Envelhecer eu acho que é triste quando a gente fica abandonado lá, que ninguém vai na casa da gente, poucas visitas. Hoje a própria família não visita muito a gente, acha que a vida é outra, os netos também. Eu quero entender mas dentro de eu a gente sente também, eu quero entender que a vida é deles também, mas dentro de mim eu sinto... **Envelhecer** É ficar sozinha (....). No envelhecimento acho que tem a compreensão, a compreensão dos amigos com a gente, eu acho que é isso. Eu sou muito grata por tudo, agradeço a Deus por tudo. Eu estava muito gorda, fiz regime com os vigilantes do peso, tem essas coisas miúdas que faz a gente ficar feliz e encarar a vida. Eu tenho medo de ficar mais velha e ficar mais sofrida. **Medo** De ficar sozinha. Sozinha e doente. Se a gente está doente daí é triste. Eu acho que **envelhecimento** é o abandono, da sociedade também. Dos amigos que as vezes a gente se vê meio esquecido. Por mais que a gente queira ser feliz, tem gente no meio da gente que não quer nos ver feliz. A gente quer te uma amizade, e aquelas pessoas estão com maldade.

MARCIA (70 anos). Para mim envelhecer só é doença. Não existe envelhecimento, existe doença. Teve saúde, não teve doença, principalmente doenças graves, a pessoa não é velho.

Velho não existe, existe doença. Tem pessoas que é velhinho de bengala e se sente feliz, porque ???

ROSÁRIO (68 anos). A pessoa deve se conformar com o que Deus quer. Eu dou graças a Deus de ter os meus filhos todos criados é não me senti assim velha um caco, eu não. **(Sobre a definição de envelhecimento)** Não sei não. A pessoa ter mais maturidade, ter muita força. Para poder sobreviver e lutar com a família, lutar contra as dificuldades da vida.

CONCEIÇÃO (64 anos). Só que a gente não pode achar ruim e nem bom, porque tem que ficar mesmo. As vezes a gente sente vontade de ajudar uma filha, de olhar um neto, mas a força da gente não aguenta, a paciência também é pouca. Eu quero ser livre, passear, eu quero ser uma mulher livre, não quero mais ser pajem, não quero ser uma esposa que quando o marido quer me tocar eu fico com raiva. Eu acho que a gente tem que aceitar que esta ficando velha mesmo, acho que é normal.

ANA (72 anos). Envelhecer eu acho que é aprender, e depois passar para a pessoa aquele conhecimento que a gente teve, mas para ser uma pessoa feliz tem que ter no mínimo saúde que é para a gente segurar muito bem a luta, porque não é fácil, por que com saúde mesmo que falte uma roupa, um parceiro, mas não digo alimentação, porque se falta a alimentação até a saúde é baixa. Mas com saúde a gente tem ânimo, é feliz, quer aprender, quer ensinar, quer que a pessoa veja na gente alguma troca, eu sinto assim. Eu moro só mas eu não sou sozinha, qualquer lugar que eu vou está sempre cheio de gente que me quer bem, eu tenho uma

amizade aqui em São Paulo de uma colega que nós viemos do interior desde 1946, ela se casou, tem filhos, tem netos, e eu freqüento muito a casa dela, então os filhos dela e os netos eu tenho como se fosse parente, não é parente de sangue, mas é como se fosse.

MARIA JOSÉ (71 anos). Envelhecer é triste. Porque muitas coisas, que nem eu que nunca fiquei parada, que a gente quer fazer e os filhos não deixam. Se eu tivesse a perna boa. Eu gosto de dançar, de pular corda, de conversar. Eles acham que a mãe está muito assanhada.

JOANA (65 anos). É esse pessoal que fica parado, não se desenvolve em nada. Eles não arrumam uns amigos para conversar, se entender, só ficam acuados dentro de casa (....). Fica ali parado (....) eu faço tudo, tem semana que eu não paro dentro de casa. Não gosto de ficar parada dentro de casa.

GEORGINA (64 anos). Eu nem sei a definição de envelhecimento.

MARIA DAS GRAÇAS (62 anos). Primeira coisa que eu tenho revolta na velhice é que ninguém dá valor em você, ninguém dá valor na pessoa de idade, os motoristas de ônibus parece que não entendem, as pessoas acham que a pessoa de idade fala alguma coisa: Ah, está ficando velha. Então a gente sente que está ficando velha e encostada por causa disso. O que é ficar encostada, Eu acho assim. Para começo de assunto começa pela família. Eu tiro pela minha casa, meu marido quando era vivo,

fim de ano, dia das mães, minhas filhas iam todas lá, agora, elas não vem, acha que a gente é velha esta precisando deles, eu acho. Então se afastam um pouco, não é só comigo, que eu vejo as amigas falarem também.

ROSA (70 anos). Olha a pessoa fica velha isto é besteira. Eu acho que a gente deve ser sempre novo, sempre alegre, sempre satisfeita, se apegar com Deus. Se pode um passeio você vai, que nem aqui fica com pessoas amigas, a gente conversa, é uma beleza de vida. Esta certo que a gente tem os problemas, tem hora que a gente fica triste, chora, mas entrega tudo a Deus, eu sou muito devota a Nossa Senhora, tudo o que eu tenho que é a minha família está nas mãos de vós, passo aqueles apertos mas meu Deus toma conta, não me deixa faltar o pão de cada dia, me ajuda, não me deixa eu dever a ninguém. A gente não deve querer riqueza só o pão de cada dia.

NAIR (72 anos). O envelhecimento é quando você perde a saúde e não dá para você fazer mais nada, em quanto você tem saúde você tem vida, tem disposição e nem lembra da idade que tem, porque a saúde acaba com a pessoa. Porque desde que nasceu em saúde, saúde é imprescindível por isso também com a saúde que eu tenho graças a Deus, médico é de muito longe que eu passo, faço ginástica, tenho vida ao ar livre, gosto muito de praia, sempre procuro...

CARMEN (65 anos). Eu estou achando que a velhice é uma coisa que tem a parte boa, você tem muita segurança, você sente as coisas de uma maneira diferente, quer dizer, tudo agora tem

um gosto diferente, eu curto mais as coisas, a velhice está me mostrando isso, as coisas mais simples do passado, e na época eu não achava tanto. (....) A velhice é uma coisa que na verdade está me surpreendendo. As vezes eu vejo os meus filhos tão angustiados com uma determinada coisa, que eu falo: mas gente vocês estão dando valor demais a uma coisa que não tem importância, então a gente começa a dar valor em outras coisas, os valores passam a ser diferentes e isso é muito bom.

LÚCIA nasceu em São Paulo, tem 77 anos, é separada, tem 3 filhas e 6 netos. Depois de sua separação aos 50 anos, começou a trabalhar como secretária, era assim uma distração para mim, (....) **mas** fiquei vinte e tantos anos **trabalhando**. Para ela, envelhecer é Uma boa experiência. No sentido de conseguir ver a minha família formada e eles preencheram todos os meus sonhos, eles foram preenchidos com a família.

6.3 A VIVÊNCIA DO ENVELHECIMENTO

As mulheres relatam, a partir de suas próprias palavras, as suas experiências em relação ao envelhecimento, bem como a forma pela qual estão envelhecendo, sendo que também incluímos os conselhos que dariam às pessoas que estão envelhecendo. No entanto, algumas mulheres não apresentaram conselhos ou, em outras ocasiões, as informações de seus depoimentos de vida não foram suficientemente claras para apreender a forma pela qual vivem o envelhecimento, sendo que, em ambos os casos, é possível apreender a forma pela qual vivem e experienciam o "envelhecer". Neste sentido, tanto o conselho a outra pessoa que está

envelhecendo, como também a sua própria experiência refletem a forma pela qual estão vivendo o seu envelhecimento.

MARIA (65 anos) e sua experiência de envelhecer: Eu acho boa. Porque graças a Deus eu tenho paz, eu acho que é o mais importante, também tenho a religião católica. E levo a minha vida, tem dia que eu acho que tenho 20 anos (....). **E ter 20 anos é** Quando eu fico feliz, eu dou risadas, conheço gente nova, na igreja que eu faço encontros, eu me acho muito feliz. Tem os momentos de tristeza, aquela coisa horrível, muitos problemas na vida, também já tive muitos, mas depois de velha eu estou tendo o que eu não tive antes. O que eu tenho é esse contato com as pessoas aqui, com a comunidade da igreja (....), que estou conhecendo muita gente (....). Olha, eu tive. Teve uma época em que eu estava muito triste (**mais ou menos com 50 anos**) em que eu achava que não tinha apoio de ninguém (....). Meus filhos foram casando, eu fui ficando só, e veio aquilo lá, apesar de que eles são bons para eu, não me desprezam mas isso era na minha cabeça que eu falava, agora ele não me quer mais, agora ele tem a mulher, eu achava muito difícil. (....) Mas depois com o contato com mais gente, e eu vi muita gente mais sofrida que eu, eu fui aprendendo mais. (....) eu estou superando melhor. **Para quem está envelhecendo:** Eu diria que tem que ter muita fé em Deus, que participasse das reuniões e que tivesse uma vida boa, e encarasse do jeito que ela é. Se a gente só fica reclamando, reclamando, só vem discórdia para a gente.

MARCIA (70 anos). Antes de casar, eu falava será que eu não vou casar estou ficando velha. Quando casei fiquei nova ... Agora, enquanto eu tive ele (**o marido**) eu achava que estava nova

entendeu. Achava que era nova, cheia de vida, comecei a envelhecer de 5 anos para cá, que estou sozinha, me sentindo sozinha, amargurada, que a gente se sente, sente a falta do marido, sente a falta do prazer, isso aí ..., então a gente começa, agora estou ficando velha ...

ROSÁLIA (68 anos). A Sra. Pensa que eu assuntei isso **(sobre envelhecer)**, eu não, não levei isso a causa não, de jeito nenhum, não pus em minha cabeça de envelhecer. Só que a gente tem que lutar até o dia que Deus quiser.

CONCEIÇÃO (64 anos). Envelhecer é normal. Só não pode perder e entregar. Eu vou falar de outro jeito. Acomodar-se em casa, abandonar os passeios, a igreja, o tratamento, a gente tem que continuar sempre fazendo um tratamento de saúde, procurar uma igreja para poder ficar mais aliviada. Procurar um lugar como este, para que quando levantar pensar: hoje eu tenho que ir para lá, para ter alguma coisa para mim fazer. Vem faz, recolhe alguma coisa de bom, tem amizade, chega em casa a gente vai cuidar da obrigação com mais alegria, mais força e com mais coisa para contar. Não deve é querer ficar dentro de casa sem querer saber de ninguém, ficar só vendo televisão, eu acho que a velhice tem que sair, eu acho que ela tem que ser aproveitada no público. Passear, procurar fazer alguma coisa, visitar doentes, parentes e amigos, praticar alguma coisa até fazer ginástica, eu faço caminhada de manhã e eu me sinto bem, me sinto mais bem do que quando era jovem. Sinto mais alegre, mais comunicativa que quando era jovem, eu não sabia chegar perto de uma pessoa, hoje,

graças a Deus, eu tenho amizade com os padres, amizade com qualquer pessoa, e a velhice é para isso.

ANA (72 anos). Eu sobre velhice que a senhora quer saber, eu não tenho do que me queixar não porque conforme a minha idade ia chegando eu ia melhorando no serviço, eu ia aprendendo, progredindo, ganhando conhecimento, conheci todo mundo (....). Hoje em dia eu já sou aposentada faz dois anos, mas eu sou feliz graças a Deus. **Para quem está envelhecendo:** Primeira coisa, para quem quer que seja, tanto para adolescente, adulto, primeira coisa que a gente tem que ser é ser honesto, persistente, se a gente acha que pode fazer alguma coisa nem que demore vamos batalhar para aquele fim, eu acho que sem saúde e sem honestidade não tem progresso.

MARIA JOSÉ (71 anos) **se sente** Jovem, eu não me sinto velha. Acho que velha é essas que se entregam, eu acho que velhice vai da pessoa que se entrega, que fica com aquela coisa, mas eu acho que a velhice é isso. Eu estou com 71 anos mas eu não gosto de ficar parada. **Para quem está envelhecendo:** Para não ficar mole, **que** É ficar com o corpo arcado, murcho, sem fazer nada, não agüenta fazer isso, não agüenta fazer aquilo, não aprende a fazer nada. Eu faço de tudo, crochê, eu nunca tive moleza no corpo.

JOANA (65 anos). **Para quem está envelhecendo:** procurar se divertir um pouco, conversar com os amigos, como eu faço, eu estou na escola a noite, eu converso com os meus colegas de escola.

GEORGINA (64 anos). **Eu não me preocupo com o envelhecimento.** Eu acho que a gente envelhece, tem gente que se preocupa com a velhice. Eu não me preocupo, eu só tenho que agradecer a Deus, eu tenho 64 anos e já passei tanta experiência na vida, e todo o dia quando vou dormir eu agradeço o meu Pai por isso. Eu sou uma pessoa muito feliz, eu tenho aquilo que eu mereci de Deus. Eu acho que nem estou velha, eu esqueço de pensar que estou velha. Eu pelo menos fui uma pessoa que toda a vida tive muita saúde, hoje os meus filhos não precisam estar dizendo, vai no médico. Eu acho que só de ter saúde nesta vida toda, isso é uma dádiva de Deus. Não me preocupo com nada, não. Eu sei que um dia eu vou morrer, única coisa que eu me preocupo e de adoecer e ficar em uma cama para dar trabalho para os outros.

MARIA DAS GRAÇAS (62 anos). **Começou a pensar que estava envelhecendo** Quando o meu marido faleceu, eu tive uma queda tão grande que até o meu irmão falou para a minha cunhada que eu estava acabada demais que eu não era assim, sabe quando você está desanimada com a vida que você não quer nem se arrumar nem nada, eu chora direto. Depois que eu conheci **este lugar**, (....) isso me reanimou, mas se eu estivesse só em casa acho que já tinha morrido, porque do jeito que eu estava. **Em relação a mudança no corpo** Ah tive sim, e cada ano que passa vai modificando. Porque antes dar uma corrida daqui até lá embaixo eu ia. Agora mal dá para subir uma escada com pressa, que já me sinto cansada. **Para quem está envelhecendo:** Que não se entregue a velhice, que a gente tem mais que continuar a viver. Na minha casa eu que resolvo tudo, sou sozinha para tudo, que as pessoas não se entreguem, porque tem gente que se entrega demais. Tudo

era meu marido que fazia, tem homem que são machão, então ele não deixava eu fazer negócio nenhum, depois que ele faleceu, eu apanhei demais para cuidar dos negócios, mas aprendi também, e antes não, eu era uma pessoa envergonhada, de perguntar nada, agora não eu mesmo tenho que fazer não posso esperar por ninguém. Eu acho que uma pessoa de idade não tem que se entregar, que eu em uns tempos estava me entregando muito, depois eu vi que não era nada daquilo, que não podia se entregar e fui em frente.

JOANA (70 anos). **Ela começou a perceber diferenças em seu corpo quando tinha 50 anos**, não tem jeito você sempre vai viver na "deferência" (sic), **quer dizer**, O corpo vai diminuindo as forças, as forças vai diminuindo, não se entrega. A gente sabe que vai morrer um dia, mas meu Deus me dê saúde. E vai levando a vida, a velhice vai chegando mas você vai levando, porque você sabe que está enfraquecendo, a vida é boa. **Para quem está envelhecendo:** O conselho que dou é que a pessoa deve se apegar muito a Deus, e não se entregar, a gente não deve se entregar porque não presta, o caminho ruim. A gente deve sempre andar no caminho certo, no caminho de Deus, no caminho de Maria Santíssima, feliz daquela que se apegar com ela...

NAIR (72 anos). **Para quem está envelhecendo:** Que seja inteligente, como eu acho que sou de observar as coisas boas da vida e nunca falar o que já passou. Ninguém está interessado em saber o que já passou, e de vez em quando tem gente que quer perguntar. Todos passaram, essa vida é igual para todos, só muda os casos. Mas no mundo todo mundo sofre, todo mundo tem alegria,

quanto mais você observar e for inteligente para ver as coisas maravilhosas que estão em volta de você, mais você vê que o mundo é belo.

CARMEN (65 anos). (....) Então a velhice está me dando essa coisa de tranqüilidade, de curtir a vida, eu não sou uma pessoa que tem grandes ambições, porque eu tenho amigos que falam, bom agora no final da minha vida eu quero fazer isso e aquilo que não fiz, eu estou curtindo cada dia. Eu tive um baque muito grande com a perda de meu marido, isso foi realmente uma coisa que você descamba, então você tem que parar e pensar a vida e ter que recomeçar tudo de uma outra maneira. Eu acho que a gente tem que se preparar **para a velhice**, não no sentido de pensar que se vai ter um problema físico, ou que a gente vai ter uma pele feia, mas temos que ter uma vida dentro da gente, para que se possa curtir. A preparação eu acho que consiste nisso de você dizer, eu sei que vou envelhecer, mas eu já fiz tanta coisa boa, talvez porque eu tivesse feito as coisas que gostasse em minha vida, os meus filhos são ótimos não tenho problemas com eles então isso é gratificante. As pessoas tem que se preparar no sentido de não se cair naquela coisa de não aceitar e querer começar a fazer coisas de pessoas jovens. Temos que nos preparar e pensar que daqui alguns anos a vida vai mudar, eu não vou poder fazer mais determinadas coisas pois vou ficar ridícula, também tem o seguinte, eu me sentiria ridícula. Eu por exemplo gosto muito de ler, de fazer trabalho manual e não tive muito tempo de fazer, então eu pensava quando eu ficar mais velha eu vou poder fazer essas coisas que não posso fazer agora, então eu fui acumulando coisas em minha cabeça que agora eu desenvolvo, foi assim que eu me preparei. Tem uma coisa que é de dentro da

gente que é a de aceitar a velhice, tem muitas amigas minhas que não aceitam, eu procuro as vezes conversar e digo: vocês já viveram, nós estamos nesta fase e temos que ver o que é bom, o que é gostoso de fazer agora, mas parece que as pessoas tem uma certa resistência em aceitar, tudo tem a sua época, eu me preparei assim.

LÚCIA (77 anos). Em relação à percepção que estava envelhecendo, ela diz o seguinte Não. Essa parte é ultrapassada, eu sempre me preparei para tudo, então eu nunca ..., e também não tive tempo de ficar me remoendo e ficar recriminando e eu acho que foi uma vida proveitosa, eu desde moça eu consegui, a não ser essa falha de marido (**a separação**) que não foi minha culpa, mas de resto eu acho que consegui ... **Para quem está envelhecendo:** Eu diria que nunca fiquei concentrada pensando nas coisas ruins da vida porque tem tanta coisa boa para pensar, se por acaso a pessoa se sentir só, que passe na sua frente os bons momentos que passaram pela a sua vida e não ficar remoendo os maus momentos. É tão bom você sentar em um canto e ficar pensando para onde você já viajou, esse mundo é tão bonito. **Quanto à se sentir sozinha, ela diz:** Não, de jeito nenhum, não estou sozinha, eu tenho duas alegrias: quando chegam pessoas da minha família e quando vão embora que eu posso ficar sozinha, descansando.

6.4 OUTROS RESULTADOS

Durante a análise destes depoimentos de vida, observamos que outros temas também emergiram do próprio texto, sendo que alguns destes estavam relacionados às perguntas que apresentamos às mulheres que participaram desta pesquisa, e outros foram decorrentes do desenrolar de suas próprias histórias. Embora estes não se constituem como temas prioritários à nossa análise, tendo em vista os objetivos deste trabalho, também estão relacionados às formas pelas quais estas mulheres compreendem e vivenciam o envelhecimento. Dessa forma, iremos apresentar um resumo dos temas que emergiram de suas histórias, os quais são pertinentes em muitas destas histórias, bem como são representativos para o conjunto destas histórias, são estes: seus problemas de saúde, a menopausa e a procura de um companheiro, entre outros.

A maioria das mulheres entrevistadas relataram alguns problemas de saúde, no entanto, estes não se constituíram como o foco de atenção de seus depoimentos, mesmo no caso de problemas sérios como, por exemplo, no caso de Maria José (71 anos) que teve um derrame e não pode mais dançar e nem pular corda.

Para estas mulheres, de acordo com os seus próprios relatos, a menopausa foi um evento vivido com tranquilidade, "apesar dos calores", e com acompanhamento médico. Nair (72 anos), para falar da menopausa, compara a vida com uma rosa, e da seguinte maneira "(....) a vida é como uma rosa, você desabrocha, depois ela vai virando e acaba murchando, então o seu organismo você analisa. Você chegou nessa fase, passou à outra e acabou, é uma coisa a menos para amolar a gente".

A maioria destas mulheres se casaram sem nenhuma experiência sexual anterior, como também não tiveram nenhuma orientação sexual; sendo que, apenas duas teceram, explicitamente, comentários sobre a sua vida sexual, uma para reclamar do desempenho do marido (Conceição, 64 anos) e a outra para dizer da falta que o marido faz (Marcia, 70 anos). As outras, quando o assunto surgia na entrevista, se limitaram a responder laconicamente *"tudo bem sem problemas"*. Em relação às três solteiras, apenas uma relatou que mantém alguma atividade sexual, as outras se mantêm virgens e, segundo os seus próprios depoimentos, não sentem falta de atividade sexual porque *"Acontece que não dá nem para sentir"*.

Em relação à procura de um companheiro, após a morte e/ou separação do marido, as mulheres viúvas e separadas responderam que não estão, ou que não estiveram interessadas em função das seguintes situações: ou porque os filhos recriminaram este tipo de comportamento, ou porque não tiveram tempo pois sempre tiveram que trabalhar muito, ou porque o casamento anterior não foi uma experiência que motivasse uma segunda tentativa. As solteiras dizem que já perderam o interesse em procurar um parceiro e que também porque estavam ocupadas com outros afazeres.

Para a maioria destas mulheres, seus depoimentos de vida se desenvolveram a partir do trabalho com os pais, casamento, trabalho e filhos, sendo que duas delas queriam ter ido para o convento, mas suas famílias não aprovaram. As solteiras também relatam experiências a partir de muito trabalho e dedicação à família, mesmo que não seja para a sua família natural. Para

algumas daquelas que casaram, relatam a importância da família ou de outras pessoas mais velhas, que assumiam a responsabilidade por suas vidas, para a realização de seus casamentos.

De forma geral, a maioria relatou a importância de se manter em atividade e em contato com outros. As que participam das atividades do grupo de terceira idade, reportam o espaço do grupo como o articulador para o encontro de novas pessoas, como também as práticas religiosas. A religiosidade é tema presente em muitos dos depoimentos de vida, sendo que em algumas destas, a crença em Deus é mencionada como a responsável para a sua sobrevivência através da vida. Outro aspecto observado é que a maioria destas mulheres teve pouca oportunidade de estudar, sendo que muitas só conseguem assinar o seu nome.

7. O ENVELHECIMENTO SOB A PERSPECTIVA DE DIFERENTES CURSOS DE VIDA: DISCUSSÃO

Os depoimentos de vida que foram apresentados indicam o desenrolar da vida adulta das mulheres que participaram desta pesquisa, a partir do contexto social, cultural e econômico que permeou a trajetória de suas vidas. Neste sentido, seus depoimentos de vida também refletem fragmentos da história de seu tempo, os costumes e os valores característicos de seu período, compreendido entre os anos de 1926 e 1936, como também os de seus grupos de referência; sendo que a sua análise também nos permite caracterizar o "*habitus*"⁷⁹ (BOURDIEU, 1972) que tanto aglomera todas as suas experiências passadas, como também organiza a sua prática social.

MINAYO (1994, p. 111) cita BOURDIEU (1972, p. 180) para indicar que *"Todos os membros do mesmo grupo ou da mesma classe são produtos de condições objetivas idênticas. Daí a possibilidade de se exercer na análise da prática social, o efeito de "universalização e de particularização", na medida em que eles se homogeneizam, distinguindo-se dos outros"*.

CAMPOS (1998, p. 137) observa que BOURDIEU (1972, p. 175) ressalta a importância da classe social da família como determinante da natureza do "*habitus*"; no sentido de que a posição social, através deste, carrega o entendimento sobre

⁷⁹ MINAYO (1994, p. 111) cita a definição de "*habitus*" de BOURDIEU (1972, p. 178) , como sendo "um sistema de disposições duráveis e transferíveis que integram todas as experiências passadas e funciona a todo momento como matriz de preocupações, apreciações e ações (....)".

quais comportamentos, pensamentos e hábitos de pensar que são aceitos, bem como o que em nossa percepção diária parece ser sensato, impossível, louco, desonrado ou impensável. Consequentemente, é possível reconhecer em seus depoimentos de vida, os pensamentos, valores e comportamentos que nortearam o desenrolar de suas vidas.

Neste sentido, as mulheres desta pesquisa nasceram em um período de mudanças sociais e econômicas na sociedade brasileira, especialmente em São Paulo, a partir de 1930, em função da intensificação dos processos de urbanização e industrialização; o que de certa forma, contribuíram para promover mudanças na vida familiar e também para alterar o estilo de vida das mulheres daquele tempo (CAMPOS, 1998, p. 137). No entanto, CAMPOS (1998, p. 140 e 141) comenta sobre as poucas possibilidades que eram oferecidas às mulheres daquela época, sendo que o casamento era de vital importância para a vida destas mulheres, porque estas eram fundamentalmente consideradas como "*mães*" e "*esposas*".

De acordo com esta autora, apesar do voto feminino ter sido garantido em 1932, o casamento ainda continuou a ser quase que a única opção de vida para as mulheres da "*classe alta*", como possibilidade de sustento, proteção e reconhecimento social; sendo que a outra possibilidade era a de entrar para uma congregação religiosa. No entanto, as mulheres de *classe social mais baixa*, em função da adversidade de suas vidas, eram melhor preparadas para desenvolver atividades que pudessem garantir o seu sustento e, muitas vezes, o de suas famílias também (CAMPOS 1998, p. 141).

A maioria das mulheres desta pesquisa, com exceção de Lúcia, nasceu em diferentes estados brasileiros, ou no interior do estado de São Paulo, sendo que a mudança para a capital paulista, na maioria dos casos, pode ser caracterizada como possibilidade de obter melhores condições de trabalho, como também uma oportunidade de morar junto com os familiares que já estavam morando em São Paulo. Com exceção das mulheres solteiras, de Carmen e Marcia, a maioria se casou em torno dos 20 anos de idade, sendo que, em seus depoimentos, observamos que o papel da família, ou de pessoas mais velhas que assumiram a responsabilidade por suas vidas, é de extrema importância como agenciador de seus casamentos, bem como para a introdução ao mundo do trabalho.

Com exceção de Lúcia, que só começou a trabalhar depois da separação do marido, todas as outras começaram a trabalhar antes do casamento, ou para ajudar as suas famílias, na maioria dos casos, ou para ajudar a pagar os estudos, no caso de Carmen; sendo que estas mulheres continuaram a trabalhar depois do casamento a fim de ajudar a manter as suas próprias famílias. Neste sentido, o trabalho parece ser um dos eventos que influenciou a trajetória de suas vidas, no sentido que contribuiu para direcionar as suas vidas. Observamos que, em muitos dos depoimentos apresentados, as suas vidas são contadas a partir de expressões como, por exemplo, *"uma vida de muito trabalho"*, *"vida sacrificada"*, *"fui escrava do trabalho"*, *"eu sempre trabalhei"*, entre outras; com exceção dos relatos de Ana, Nair, Carmen e Lúcia, que indicam alguma satisfação com o trabalho.

Estes resultados coincidem com outros estudos similares (CAMPOS 1998, p. 144), os quais indicam que o trabalho na vida das mulheres deste grupo está associado à necessidade de ajudar as suas famílias quando ainda estão solteiras, em função da ausência e/ou morte do pai, seguida da necessidade de contribuir com o orçamento de suas próprias famílias depois de casadas, sendo que as mulheres de classe alta só trabalhavam nestas duas circunstâncias. No entanto, o trabalho destas mulheres no mercado de trabalho é realizado simultaneamente com as suas atribuições como mãe e esposa, fato que representa uma sobrecarga de trabalho.

A maioria destas mulheres não teve acesso à educação formal, com exceção de Ana, Carmen, Nair e Lúcia, sendo que a maioria consegue assinar só o seu próprio nome. Este fato está associado à concepção de que as mulheres, principalmente as daquela época, não precisavam estudar porque sua função principal era a de cuidar de suas casas, dos filhos e de sua família. Consequentemente, a maioria das atividades de trabalho que desenvolveram foram de baixa remuneração e não apresentaram nenhuma possibilidade para um possível desenvolvimento de uma carreira profissional, ou de uma identidade profissional, com exceção de Ana, Carmen, Nair e Lúcia. Em muitos casos, a família pode ser considerada como um obstáculo tanto para o prosseguimento dos estudos, como também para a entrada em um convento, o que acarretou na sua exclusão dos processos de educação formal, bem como dificultou o acesso ao mercado de trabalho formal e de conseqüentes melhores oportunidades de trabalho (CAMPOS, 1998).

A maioria das mulheres que entrevistamos iniciaram os seus depoimentos a partir de seus casamentos e do nascimento do

primeiro filho, com exceção das solteiras (Ana, Nair e Joana) e de Carmen, que inicia o seu depoimento a partir de seu estudo e trabalho; como também a partir de sua convivência com as famílias de origem. Neste sentido, estes resultados coincidem com os de outros estudos (HALDEMANN, 1995), que indicam que as mulheres deste período etário iniciam os seus depoimentos sobre a vida adulta, a partir dos elementos que compõem a identidade das mulheres adultas de seu grupo de referência e de sua época, ou seja, através do casamento, da constituição de suas próprias famílias e do nascimento dos filhos. Para as que permaneceram solteiras, os seus depoimentos também confirmam os valores morais deste grupo, no sentido de que mantêm as suas vidas "imaculadas", ou seja, sem namorados e/ou sem a possibilidade de ter alguma atividade sexual, com exceção de Nair. No entanto, observamos também que em seus depoimentos, ainda reafirmam os cuidados e a dedicação às suas famílias de origem, como no caso de Joana que cuida de uma sobrinha neta, ou de uma outra família que assumem para si, no caso de Ana.

O ideal do casamento, a constituição de sua própria família e os filhos representam os elementos que possibilitaram a reafirmação de suas identidades como mulheres adultas daquela época, ou seja, como "*cuidadoras*" [caregivers] dos maridos, dos filhos, da família, de suas casas e dos outros. No entanto, CAMPOS (1998, p. 147) observa que, os relatos destas mulheres, não especificam suas funções como "*esposas*", talvez porque acreditem que o marido, como adulto, não necessite muito delas, apenas em relação a cuidados essenciais como, por exemplo, a alimentação e a roupa, ou no caso de doença e/ou invalidez.

Neste sentido, parece que o desenvolvimento das relações amorosas entre os casais não se constituiu como o aspecto mais importante do casamento para algumas destas mulheres (CAMPOS 1998, p. 147). Observamos que, em relação à convivência com o marido, apenas em algumas das histórias de vida, foi possível apreender uma convivência favorável entre estas mulheres e seus respectivos maridos, bem como indicações que estavam ou eram apaixonadas por seus maridos como, por exemplo, no caso de Marcia (apesar da bebedeira do marido), Georgina, Maria das Graças, Rosário, Carmen e Lúcia.

Esta caracterização das mulheres como "*cuidadoras*" dos outros, parece ter influenciado muitos dos depoimentos de vida que foram apresentados como, por exemplo, o de Marcia que aceitou se casar com o seu marido, porque ele tinha filhos pequenos que precisam ser cuidados, ou a de Maria das Graças que, na doença de seu marido, quando ela estava cuidando dele, ela "*não tinha queixa dele não*", ou ainda a de Maria José que, mesmo abandonada pelo seu segundo marido, continuou a tomar conta de um dos filhos e do neto dele.

Outro aspecto, a ser observado nestes depoimentos de vida, é em relação à procura de um novo companheiro, após a morte e/ou a separação do marido, ou mesmo para as solteiras, pois a maioria destas mulheres respondeu que não tiveram tempo para isso, ou porque estavam envolvidas em outras atividades, ou porque estavam trabalhando muito ou ainda porque seus filhos, noras e genros recriminam este tipo de comportamento, sendo que algumas das viúvas, também argumentaram em função das dificuldades de seus primeiros casamentos, as quais não as estimularam à repetir esta experiência.

Neste sentido, podemos considerar o quanto que o desenrolar da vida destas mulheres não foi restrito pela sua dependência de terceiros, ou seja, pela autoridade do pai, ou de outras pessoas mais velhas no caso das órfãs, a autoridade do marido, a cobrança dos filhos, genros/noras e netos, que assumiram e/ou assumem para si a responsabilidade de suas vidas. O depoimento de Ana é ilustrativo desta dependência, quando menciona que para se casar naquela época era necessário ter uma família, ou alguém mais velho, que pudesse tanto encontrar como aprovar o noivo, como também para providenciar os demais preparativos necessários à celebração do casamento, bem como o depoimento de Maria José sobre os filhos que não a deixam dançar. Outro exemplo que podemos mencionar é o de Georgina, quando conta que o seu marido brincava com ela dizendo: *"olha eu te tirei lá da casa da mulher, mas agora eu sou o seu pai e sua mãe, porque eu sou mais velho(...)"*.

CAMPOS (1998, p. 145) observa que, em alguns casos, as viúvas e/ou as separadas consideram a ausência do marido como libertação, no sentido de se sentirem livres para dar vazão aos seus próprios sentimentos e opiniões, ou como a Maria (viúva) que diz: *"depois de velha eu estou tendo o que eu não tive antes"*, ou como, por exemplo, no caso de Lúcia, que só voltou a trabalhar depois de alguns anos após a separação do marido.

A maioria das mulheres desta pesquisa apontaram a importância de se manter em atividade e em contato com os outros, sendo que estes resultados coincidem com os encontrados por HALDEMANN (1995, p. 161) que indicam que as mulheres, deste período etário, estão mais interessadas em manter suas relações pessoais do que em qualquer outra coisa. Fato que pode estar

indicando a necessidade de se manter em contato com os outros, em função da ausência do marido e/ou companheiro, ou também do pouco contato com os filhos. As palavras "*abandono e solidão*" foram utilizadas para descrever o envelhecimento, o que pode estar indicando também que, algumas destas mulheres, se sentem abandonadas e sozinhas.

No entanto, a vida destas mulheres também pode ser caracterizada em função da falta de amigos, ou também pela restrição a um número limitado de amigos, bem como à ausência de qualquer atividade de lazer ou de recreação, com exceção das histórias de Ana, Nair, Carmen e Lúcia. Neste sentido, podemos ponderar em que medida a ênfase em manter alguma atividade, principalmente as de lazer, não está sinalizando uma necessidade destas mulheres de suprir carências que foram se acumulando ao longo de suas vidas.

Entretanto, será necessário observar as diferenças entre as preferências destas mulheres porque, enquanto que a maioria cita genericamente atividades que gostariam de desenvolver, Carmen acumulou uma lista de coisas que gostaria de fazer em sua aposentadoria e diz que não se sente sozinha, ao contrário aproveita os momentos em que pode ficar consigo mesma. Ana participa de diversos grupos e desenvolve diferentes atividades e gosta de estudar, já a Nair gosta de viajar e ainda continua trabalhando. Joana não gosta nem de bordado e nem de crochê, mas frequenta a escola à noite, enquanto que a Lúcia aproveita tanto os momentos em que está com a sua família, como também os que está sozinha para recordar as viagens que já fez.

Estas diferenças indicam que a organização de atividades para estas mulheres, principalmente em grupos de Terceira Idade,

deve considerar tanto as suas preferências individuais, como também as que estão relacionadas ao desenrolar de suas vidas adultas, à medida em que um dos principais temas que emerge destas histórias de vida é que a velhice e/ou a aposentadoria podem ser vivenciadas como um período de novas descobertas e realizações, no sentido de que *"vivenciar o Tempo Livre , como uma apropriação específica da Terceira Idade, estava vinculado a um voltar-se reflexivo para o eu interior, para si - o que até então não era possível ou permitido"* (LORENZETTO 1998, p.113).

De acordo com LORENZETTO (1998, p. 113), *"(....) na Terceira Idade ocorre a descoberta de um tempo que é reinventado e que se volta para o futuro"*, no sentido de que estas mulheres procuram desenvolver atividades que não tiveram a oportunidade de desenvolvê-las anteriormente, seja através da conversa com os amigos para algumas, do crochê para outras, da possibilidade de se dedicar às suas recordações, as viagens, entre outras. Fato que parece indicar que a velhice pode ser um período oportuno para se dedicar a si mesmo, podendo ser considerada como um processo reflexivo, o qual nos possibilita assumir o comando de nossas próprias vidas e de decidir, para um futuro próximo, a maneira pela qual gostaríamos de levar as nossas vidas, desde que não tenhamos nenhuma incapacidade física e/ou psicológica grave. Conceição, por exemplo, *"que ser uma mulher livre"*.

As mulheres que freqüentam o grupo de Terceira Idade consideram que este é o espaço que têm para encontrar novas pessoas e de fazer novas amizades, sendo que também incluem as práticas religiosas nesta categoria. No entanto, as mulheres que não participam de grupos de Terceira Idade (Nair, Carmen e Lúcia), reportam os amigos e outros grupos de interesse (Ana) e

de referência que atuam da mesma forma, o que parece indicar que muito mais importante do que o formato do grupo, é o que conseguem extrair das atividades que desenvolvem com os outros, com as suas famílias, com os seus pares e consigo mesmas.

De forma geral, a maioria das mulheres que entrevistamos não pensaram que estavam envelhecendo, ou que estavam ficando velhas, ou sequer na velhice, apesar de terem observado algumas mudanças em seus corpos como, por exemplo, rugas, perda de resistência, entre outras. Com exceção de Carmen e Lúcia que se prepararam para a aposentadoria e para a velhice respectivamente, como também de Ana que acredita que conforme envelhecia ela foi aprendendo mais, sendo que as demais não tiveram nenhuma preocupação neste sentido, mesma aquelas que consideraram o envelhecimento como abandono e solidão.

Estas mulheres representam o alvo das preocupações dos especialistas em envelhecimento, especialmente os da área médica, e apesar de terem relatado alguns problemas de saúde, estes não se constituíram como foco de atenção de seus depoimentos, à medida em que não inviabilizam a sua locomoção e/ou a realização de suas atividades, com autonomia e independência, mesmo no caso de Maria José que teve um derrame, ou de Conceição que teve complicações sérias durante o parto. No entanto, se considerarmos algumas das características que influenciaram o desenrolar de suas vidas, podemos tecer alguns comentários sobre a prevenção e a promoção da saúde destas mulheres, ou melhor dizendo, sobre a forma pela qual estas mulheres cuidam de sua saúde.

Dessa forma, o primeiro aspecto a ser considerado é quanto a característica que as identifica como "cuidadoras" dos outros,

no sentido de até que ponto esta característica não dificulta que estas também tenham preocupação com a sua própria saúde, passando de "cuidadoras" dos outros para serem "cuidadoras" de sua própria saúde e de si mesmas. O segundo aspecto está relacionado com a dependência dos outros que está presente em suas vidas, no sentido de ficarem à espera de terceiros para tomarem providências quanto à sua saúde como, por exemplo, Georgina que diz: *"Eu pelo menos fui uma pessoa que toda a vida tive muita saúde, hoje os meus filhos não precisam estar dizendo, vai ao médico"*.

O terceiro aspecto está relacionado ao fato de que muitas destas mulheres definem o envelhecimento como doença; daí, como não estão doentes, elas não são velhas e, portanto, elas não precisam de nenhuma atenção médica especial, mesma que seja apenas para a prevenção de alguns doenças, que eventualmente podem aparecer neste período etário; com exceção de Conceição que diz que *"a gente tem continuar sempre fazendo um tratamento de saúde, procurar uma igreja para poder ficar mais aliviada"*. Consequentemente, a finitude da vida é encarada com uma certa naturalidade, a partir do referencial religioso que governa suas vidas, o qual parece contribuir para uma aceitação "quase" pacífica do declínio e do fim de nossos corpos, mas, mesmo assim, ainda com a idéia presente de que é necessário continuar lutando e *"não se entregar e não ficar mole"*.

Considerando o objetivo desta pesquisa, podemos dizer que os depoimentos destas mulheres não nos permitem avançar muito no entendimento desta questão, porque não se constituía em nosso principal foco de interesse, mas, certamente, este aspecto revelado poderá ser um dos pontos a ser pesquisado em outros

trabalhos. No entanto, podemos apresentar algumas considerações quanto às relações entre a forma pela qual elas concebem o envelhecimento, com as suas percepções sobre as suas condições de saúde e dos cuidados que precisamos ter para mantê-la, bem como a forma pela qual trabalham com a finitude de seus corpos.

Para LALIVE d'EPINAY (1995, p. 143), a forma pela qual concebemos o envelhecimento irá influenciar todo o desenrolar de nossas vidas, sendo que muitas vezes, o envelhecimento é caracterizado como exclusão da vida normal, no sentido de que este perde os significados que caracterizavam a nossa vida, e ainda não pode ser caracterizado como morte, mas sim como um período de transição entre a vida que tínhamos e a nossa morte. Esta exclusão e os diferentes significados sobre o que é uma vida normal variam de sociedade para sociedade, bem como entre diferentes grupos e classes sociais distintas.

De acordo com este autor, a exclusão da vida normal pode ser caracterizada pela ausência do trabalho, da falta de prazer na vida, da falta das relações familiares e pela ausência de saúde, entre outras (LALIVE d'EPINAY, 1995); iniciaremos nossa discussão a partir da saúde para, em seguida, discutir as outras implicações encontradas nas definições sobre o processo de envelhecimento que foram apresentadas.

Observamos que, em diferentes narrativas, a saúde é considerada como a condição necessária e fundamental [sine qua non] para se ter uma vida normal, no sentido de que sem saúde não é possível nem pensar e muito menos conceber uma vida normal. No entanto, tal consideração pode estar relacionada à crença de que a vida em si mesma é uma evidência absoluta de nossa existência, talvez uma de nossas poucas certezas, na qual

a saúde surge como um fim em si mesmo (LALIVE d'EPINAY 1995, p. 145).

Algumas das mulheres desta pesquisa definem o envelhecimento através de sua negação, no sentido de que *"não existe envelhecimento, só existe doença"*, *"é esse pessoal que fica parado, não se desenvolve em nada"*, *"O envelhecimento é quando você perde a saúde e não dá para você fazer mais nada"*, sendo que as suas sugestões para os que estão envelhecendo passam por questões que envolvem desde *"a fé em Deus"* até a luta contínua contra a adversidade da vida como, por exemplo: *"Só que a gente tem que lutar até o dia que Deus quiser"*, *"Para não ficar mole"* e *"não se entregar"*, entre outros.

Nestes termos, o envelhecimento é equiparado à doença e à ausência de movimento e/ou de ação, o que o coloca em direta oposição à saúde e ao próprio movimento da vida, sendo que a responsabilidade de continuar vivendo parece estar muito mais nas mãos das próprias pessoas, ou de Deus, do que na possibilidade de manter a saúde, a independência e a autonomia no envelhecimento; sendo esta a condição atual em que vivem a maioria, quase absoluta, das mulheres que entrevistamos.

Estas mulheres ao tomarem as doenças como uma das características definidoras do envelhecimento, negam este processo quando este não está associado à doença. Consequentemente, estas mulheres tanto não reconhecem diferenças entre os padrões de envelhecimento primário, secundário ou terciário e o patológico, como também reproduzem o discurso de alguns especialistas em envelhecimento na Saúde Pública.

É certo que observamos diferenças entre a forma pela qual definem o processo de envelhecimento e as maneiras que o vivenciam, sendo que as suas definições parecem estar mais relacionadas aos seus próprios receios e temores do que com a forma pela qual estão vivendo este período em suas vidas. Se pensarmos na necessidade de implantar medidas que possam manter e implementar a condição de saúde destas mulheres, devemos considerar tanto a forma pela qual concebem o envelhecimento, bem como as maneiras pelas quais o estão vivendo em suas vidas. Na perspectiva de que o envelhecimento deve ser compreendido como um período integrado a toda a vida vivida, na qual a velhice recebe diferentes significados em relação à vida inteira de uma pessoa (ÖBERG e RUTH 1995, p. 137).

Para exemplificar esta afirmação, podemos citar que a maioria destas mulheres não recebeu nenhuma orientação sobre como manter a sua própria saúde, ou se preocuparam em cuidar de seu próprio corpo, bem como que não tiveram nenhuma informação sobre a reprodução e comportamento sexual. Neste sentido, estes fatos caracterizam a relação destas mulheres com a saúde, aqui entendida como a ausência de doença, como também com os aspectos relacionados à prevenção; esta relação também reflete as suas concepções sobre o seu próprio corpo, que foram construídas durante o desenrolar de suas vidas.

De certa forma, esta relação também especifica os cuidados que estas mulheres demandam em termos de serviços para a prevenção e a promoção de sua saúde, no sentido de indicar tanto a dificuldade de discutir a prevenção com quem parece acreditar que a saúde é apenas uma dádiva de Deus, como também com quem só recorre aos serviços de saúde quando estão muito doentes, o que significa que a sua autonomia e independência já estão em risco.

Apesar de considerarmos que esta questão ainda deve ser melhor estudada, podemos dizer que parece existir uma distância significativa entre estas mulheres e os especialistas em envelhecimento, especialmente os da área médica, que parecem se preocupar mais com aqueles que já estão "doentes", do que com aqueles que ainda têm condições de manter e preservar a sua autonomia e independência por mais algum tempo, bem como com aqueles que também podem contribuir para o estudo do envelhecimento a partir de uma outra perspectiva.

A demanda por serviços de saúde, especialmente os de geriatria, é maior do que o número de profissionais especializados que podem atender às necessidades daqueles que já passaram dos 65 anos. Entretanto, é necessário cuidar também daqueles que muitas vezes não têm acesso a estes serviços, ou daqueles que utilizam estes serviços esporadicamente. Nesta linha de reflexão VERAS (1995, p. 21 e 22) considera que *"(....) as medidas preventivas, para se tornarem plenamente eficazes, devem começar na infância e continuar na vida adulta. Contudo, nem sempre isto é possível, e, algumas vezes, só é possível tomar-se alguma providência já na velhice."*

Esta afirmação nos permite ter uma idéia dos tipos de atividades que delimitam esta área do conhecimento, bem como a importância de incluirmos em nossas análises, mulheres que pertencem aos períodos etários anteriores àqueles que estudamos, a fim de caracterizar as formas pelas quais estas mulheres concebem e vivenciam o seu próprio envelhecimento, como também os cuidados com a sua saúde, entre outros temas. O que poderá nos sugerir pistas à superação dos desafios presentes na hora de adotar medidas preventivas nesta área.

CAMPOS (1998, p. 150) pondera que o estudo de mulheres em outros períodos etários como, por exemplo, as que representam as mulheres entre 45 e 55 anos, também pode contribuir para o entendimento dos padrões de mudança na organização da família e do trabalho destas mulheres. No sentido de que estas mulheres também vivenciaram e incorporaram em suas vidas muitas das mudanças na estrutura familiar, no trabalho feminino, quanto aos cuidados com o corpo, ao comportamento sexual, nas relações de gênero, entre outros; sendo que estas mudanças tiveram início e se consolidaram durante o desenrolar da vida adulta das mulheres da coorte de 1926 e 1936.

Dessa forma, um dos aspectos que poderia ser verificado em estudos sobre diferentes coortes de mulheres é a concepção que têm sobre a menopausa, tanto em relação a diferentes terapias de reposição hormonal como também sobre a aceitação da vivência deste evento sem nenhuma medicação. Nas histórias de vida desta pesquisa, não foi possível caracterizar especificamente as formas pelas quais estas mulheres passaram pela menopausa; na medida em que algumas relataram "os calores" e o "término da menstruação", outras mencionaram algum tratamento médico, mas que não sabiam identificar exatamente para que foi.

De modo geral, podemos dizer que as mulheres que entrevistamos não relataram a menopausa como um transtorno, ou como algo muito difícil de ser superado. Principalmente, se considerarmos os relatos de outras mulheres, com idades inferiores a 62 anos, para as quais a menopausa é considerada como um transtorno, da mesma forma que a menstruação. No entanto, a definição apresentada por Nair indica claramente que a menopausa para ela é um processo normal, que foi vivida como

um alívio, como *"uma coisa a menos para amolar a gente"*. Fato que nos leva a ponderar até que ponto a posição destas mulheres não vai de encontro à definição apresentada por KENTON (1996), em seu livro *"Passage to Power"* [Passagem para o Poder], a qual coloca *"a menopausa como um tempo que deve ser celebrado, porque a nossa criatividade está muito longe de nossas obrigações como reprodutoras da espécie humana"*.

Em relação à forma pela qual estas descrevem o processo de envelhecimento, observamos que algumas mulheres definiram o envelhecimento como solidão e abandono, tanto da sociedade como também dos amigos e da família, bem como a *"Primeira coisa que eu tenho revolta na velhice é que ninguém dá valor em você"*. Neste sentido, devemos considerar que a vida destas mulheres foi pautada em valores como família e trabalho, através dos quais desempenharam papéis sociais que foram importantes para o desenrolar de suas vidas como, por exemplo, o de filha, esposa e mãe, como também como cuidadoras e provedoras da casa.

Consequentemente, estas definições parecem revelar o quanto estas mulheres podem estar se sentindo excluídas do que, para elas, significa uma vida normal, ou seja, uma vida pautada na família e no trabalho. Outro aspecto a ser observado, no caso de Marcia, é o envelhecimento entendido como exclusão do prazer em sua vida, ao dizer que só começou a envelhecer quando perdeu seu marido, dizendo que *"sente a falta do marido, sente a falta do prazer, isso aí(...)"*.

O envelhecimento, como período de exclusão da vida normal, pode ser entendido a partir da perda de significados que ocorreu na vida destas mulheres, no sentido de que os valores, que

anteriormente configuraram as suas vidas, já não são suficientes para reorganizarem as suas vidas na velhice. Diante disso, observamos que o primeiro movimento destas mulheres é o de negar a sua existência, tanto através de sua associação com doenças, porque como elas não estão doentes, logo não são velhas; como também quando não pensam em envelhecer ou não se preocupam, porque *"Acho que velha é essas que se entregam, eu acho que velhice vai da pessoa que se entrega, que fica com aquela coisa (...)"*, dessa forma não existe velhice porque elas continuam desenvolvendo diferentes atividades, bem como não estão paradas, ao contrário, continuam em movimento através de suas vidas.

No entanto, se compararmos suas definições com a forma pela qual estão vivendo o envelhecimento, podemos observar que apesar de relatarem algumas das perdas previsíveis do envelhecimento, a maioria se considera feliz e estão satisfeitas com as atividades que estão desenvolvendo. Esta satisfação talvez possa ser explicada a partir do contato com outras pessoas, quer através dos grupos de Terceira Idade, ou da igreja, ou com amigos e familiares, que parece favorecer a reorganização de suas vidas a partir de outros valores e significados. Conceição, por exemplo, não quer ser mais pajem ou esposa, ela quer ser *"uma mulher livre"*, talvez livre dos antigos valores, significados e eventos que tornaram a sua trajetória de vida tão sofrida, mas mesmo assim ela se *"(....) sente mais alegre, mais comunicativa que quando era jovem, (...)"*, e exemplifica, *"hoje, graças a Deus, eu tenho amizade com os padres, amizade com qualquer pessoa, e a velhice é para isso"*.

Outro aspecto que deve ser considerado é que a maioria destas mulheres reconhecem tanto as perdas, como os ganhos do

processo de envelhecimento, com algumas variações individuais quanto a um reconhecimento maior de perdas ou de ganhos, ou vice-versa; como também apresentam sugestões positivas para aqueles que estão envelhecendo, no sentido de que sinalizam mais uma preocupação com o presente e com o futuro, do que com o passado. Nair, por exemplo, considera que *"(....) no mundo todo mundo sofre, todo mundo tem alegria, quanto mais você observar e for inteligente para ver as coisas maravilhosas que estão em volta de você, mais você vê que o mundo é belo"*, quanto a Maria das Graças, seu conselho é o seguinte: *"que não se entregue a velhice, que a gente tem mais que continuar a viver"*

No entanto, os depoimentos de Ana (72 anos), Carmen (65 anos) e Lúcia (77 anos) devem ser destacadas deste contexto, porque foram as únicas mulheres que descreveram o envelhecimento a partir de outros indicadores que não foram a saúde, a solidão e o abandono. Lúcia, por exemplo, considera que o envelhecimento é *"Uma boa experiência"*, porque se sente realizada com a sua vida. Carmen está sendo surpreendida pela velhice, quanto aos seus aspectos bons como, por exemplo, maior segurança, tranquilidade e a possibilidade de curtir a vida. Ana considera que envelhecer é aprender para depois poder transmitir seus conhecimento aos outros, sendo que vê no envelhecimento uma possibilidade de trocar informações com os outros.

Lúcia e Carmen consideram que se prepararam tanto para a velhice como também para a aposentadoria, ao contrário de Ana que, de acordo com o seu próprio depoimento, *"não tenho do que me queixar não porque conforme a idade ia chegando eu ia melhorando no serviço, eu ia aprendendo, progredindo, ganhando conhecimento (...)"*. Estas três mulheres também consideram que

são felizes e não se sentem sozinhas, sendo que Lúcia considera que tem duas alegrias na vida, *"quando chegam pessoas da minha família e quando vão embora que eu posso ficar sozinha, descansando"*.

Observamos que a vida destas três mulheres foi organizada e configurada de uma forma distinta das demais, apesar das semelhanças existentes em relação às outras, quanto aos valores e costumes de sua época. No sentido de que estas mulheres tiveram a possibilidade de ter acesso a outras informações, a outros grupos de referência, com diferentes valores e cultura como, por exemplo, os colegas de estudo de Ana, os alunos de Carmen e as pessoas que Lúcia atendeu enquanto era secretária, entre outros.

Neste sentido, estes contatos e informações foram fundamentais para acrescentar às suas vidas outros valores e significados que contribuíram para que o significado primordial de suas vidas ultrapassasse os valores tradicionais da família, trabalho e do casamento e, dessa forma, viabilizaram a vivência do envelhecimento de uma forma distinta das demais. Consideramos que esta "distinção" pode ser caracterizada pela independência destas mulheres em relação a terceiros, bem como pela satisfação que sentem por terem realizado e estarem realizando todos os seus planos e sonhos; fato que também as coloca na posição de cuidadoras de si mesmas, além de cuidadoras dos outros.

A semelhança do estudo de CAMPOS (1998), a maioria das mulheres que entrevistamos pertence a classes sociais *"mais baixas"* ou *"populares"*, na linguagem de Bourdieu, com exceção de Lúcia, Carmen e Nair que pertencem à classes sociais *"mais*

altas". Em termos de educação formal, Lúcia, Ana, Nair e Carmen são as mulheres com um maior número de anos de estudo, sendo que Nair e Carmen freqüentaram uma universidade.

Lúcia nasceu em 1921, tem 77 anos e pertence a um período diferente daquele que priorizamos neste estudo, no entanto, as diferenças entre os depoimentos de vida destas mulheres, pelo menos as mais significativas, estão relacionadas aos diferentes eventos de suas vidas, que de acordo com seus acontecimentos antecedentes e de seus episódios conseqüentes, distinguiram a vida destas mulheres (Ana, Carmen e Lúcia) das outras mulheres de seu tempo. Esta consideração reforça a asserção sobre as limitações presentes, quando utilizamos só a idade cronológica, para compreender as formas pelas quais as pessoas, de diferentes grupos sociais, vivem o seu próprio envelhecimento; como também, para enunciar as características dos diferentes padrões de envelhecimento. Em decorrência, esta também parece indicar a importância de incluirmos, em nossa análise, outros recursos metodológicos que possam favorecer a compreensão deste processo a partir das diferentes experiências de vida existentes nas sociedades contemporâneas.

CAMPOS (1998, p. 149) considera que as questões de gênero são preponderantes às de classe social na determinação do "*habitus*", que governa a vida destas mulheres. No sentido de que as mulheres deste período etário, em suas narrativas, se reportam mais aos costumes de sua época e à sua condição de gênero do que à sua classe social; sendo que esta última pode explicar a dominação de uma classe em relação à outra em termos de valores e costumes.

No entanto, se considerarmos que as questões de gênero são, essencialmente, delimitadas a partir da classe social destas mulheres, podemos discordar de CAMPOS (1998, p. 149). NERI (1999b, p. 12) considera que *"as oportunidades educacionais e sociais, a saúde física e mental e o estilo de vida tem um papel importantíssimo na determinação do ritmo e dos produtos do envelhecimento"*, sendo que a qualidade de vida na velhice é *"produto de uma adequada interação de fatores individuais e sócio-culturais, entre os quais as oportunidades educacionais ao longo do curso de vida desempenham um papel fundamental"* (NERI 1999a, p.16).

O envelhecimento deve ser considerado como uma questão de classe social, que também é permeada por questões de gênero, se voltarmos aos depoimentos de Ana (72 anos), Carmen (65 anos) e Lucia (77 anos), iremos observar que uma das diferenças entre os seus depoimentos e os das outras mulheres está relacionada à classe social e ao número de anos estudados, o que também não deixa de ser uma diferença de classe. Neste sentido, estes depoimentos apresentam novos problemas para o campo do envelhecimento, à medida em que sinalizam a importância da educação para a vivência de uma velhice com qualidade de vida, quer através de educação formal e/ou informal, como também de outras informações que possam promover a saúde destes grupos sociais.

Outro aspecto a ser observado é quanto à eficácia do depoimento de vida, como instrumento, para a obtenção de informações em estudos sobre o envelhecimento, principalmente nos que são desenvolvidos sob a perspectiva do curso de vida. Verificamos que as informações coletadas atenderam aos objetivos

desta pesquisa e apontaram para o fato de que é importante estudar os depoimentos de vida das pessoas que, apesar de pertencerem a diferentes grupos sociais, suas trajetórias de vida foram influenciadas de forma distinta pelo mesmo conjunto de eventos históricos e culturais. Ressaltamos, porém, que as informações obtidas através desta estratégia devem ser analisadas face a outras que possam potencializar os seus significados, a fim de contextualizar o desenrolar da vida das pessoas que estamos entrevistando.

Se por um lado, os depoimentos de vida atenderam aos objetivos deste trabalho, por outro lado, estes, ao demandar uma maior participação do pesquisador, talvez tenham inibido o relato de algumas informações que poderiam melhor caracterizar o período histórico e cultural, que propiciou o desenrolar da vida destas mulheres. O que poderia nos levar a sugerir, para outros estudos semelhantes, o uso da história de vida ao invés do depoimento de vida, desde que a intenção destes estudos seja a de expandir as informações sobre os costumes e valores culturais das pessoas que estamos entrevistando.

A análise dos depoimentos de vida destas mulheres apontou semelhanças quanto aos significados que caracterizaram as suas vidas, como também destacou as diferenças na vivência dos eventos que marcaram a sua época. Observamos que os eventos que contribuíram para diferenciar seus depoimentos de vida estavam intrinsecamente atrelados ao próprio desenrolar de suas vidas, o que indica que o curso de vida também é uma perspectiva importante para compreender a trajetória das pessoas através da vida, bem como que a vida de cada pessoa é influenciada tanto por aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos, como

também por características biológicas, psicológicas e do meio-ambiente em que vivem.

Estes resultados também nos permitem apresentar duas considerações quanto à utilização desta mesma metodologia em outros estudos semelhantes. A primeira delas é que estes eventos, analisados a partir de seus episódios antecedentes e dos acontecimentos que o sucedem, são realmente importantes para delimitar o desenrolar da vida das pessoas, bem como que contribuem para singularizar os seus depoimentos de vida.

No entanto, parece que o seu potencial para promover mudanças na vida das pessoas está diretamente relacionado tanto às características do contexto social, histórico, cultural e econômico no qual estas mulheres vivem, como também estão atrelados às suas características biológicas e psicológicas; fato que pode dificultar a identificação e a classificação destes eventos, de acordo com a classificação que foi apontada por NERI (1995). Neste sentido, a nossa segunda consideração diz respeito à necessidade de utilizarmos outros recursos metodológicos que possam facilitar a identificação e a classificação destes eventos segundo a sua natureza, desde que seja esta a nossa intenção primordial.

A análise destes depoimentos de vida face ao referencial teórico apresentado indica que as mulheres, que consideraram o envelhecimento como negação da vida normal, organizaram as suas vidas a partir de valores das sociedades tradicionais, ou seja, a família e o trabalho. No sentido de que as suas vidas foram delimitadas em função dos limites oferecidos por suas famílias, bem como que o significado do trabalho também estava associado às necessidades de suas famílias. Neste sentido, as diferenças

que apontaram em relação a percepção de períodos distintos no curso de vida como, por exemplo, o início da vida adulta, estavam relacionadas ao casamento e a sua possibilidade de gerar filhos; sendo que, no caso das solteiras, a família ainda continuou a ser o foco de significado de suas vidas.

A vivência do envelhecimento, significando exclusão da vida normal, contribuiu para segregar estas mulheres em um grupo social que é identificado por sua dependência tanto em relação à família, como também a de terceiros, indicando algumas das características das sociedades modernas. No entanto, considerando os relatos destas mulheres como, por exemplo, quando dizem que continuam a lutar contra a adversidade da vida, ou as suas sugestões para não se entregar na velhice, podemos ponderar até que ponto estes relatos estão indicando a sua não aceitação desta condição de dependentes de terceiros.

Neste sentido, parece que estas mulheres continuam a lutar por uma posição na qual não se sintam abandonadas tanto pela família e pelos amigos, como também pela sociedade. Conceição, por exemplo, *"quer ser uma mulher livre"*, fato que parece também indicar que estas mulheres estão vivendo a velhice como um período de transição entre os valores que configuraram a sua vida adulta, para os valores que gostariam de afirmar nas suas vidas. Neste ponto, cabe questionar até que ponto o discurso dos especialistas em envelhecimento, ao enfatizarem a dependência na velhice, com exceção dos casos de incapacidade física e mental, não estão contribuindo para a segregação deste grupo social e, dessa forma, apresentando obstáculos à vivência da velhice a partir de outros parâmetros que não sejam só fundamentados nas perdas do envelhecimento.

Por outro lado, as histórias de Ana, Carmen e Lúcia podem ser consideradas como exemplos de algumas das características das sociedades pós-modernas, principalmente se considerarmos a fragmentação e a multiplicidade de identidades e selves que compõem a vida destas mulheres (mãe, estudante, trabalhadora entre outros); a diferença entre as suas histórias de vida e as demais reside na possibilidade que tiveram de ter acesso a diferentes grupos sociais com culturas distintas. Neste sentido, as diferentes culturas atreladas a possibilidade de estar em contato com outros grupos distintos permitiram que estas mulheres construíssem as suas vidas de uma forma distinta das demais.

As distinções entre as sociedades tradicionais, modernas e pós-modernas não se constituem como o foco principal de nossa vida cotidiana, como também não podem ser consideradas como categorias que, a partir da identificação e da classificação das diferenças que foram encontradas nestas histórias de vida, permitam a sua generalização para outras histórias de vida. Consequentemente, estas distinções só podem ser consideradas como um recurso de análise, que utilizamos a fim de ressaltar as diferenças sociais, históricas e culturais, tanto na forma pela qual concebemos o envelhecimento, como também na forma que o vivenciamos.

A análise do curso de vida das pessoas pode indicar estas diferenças, porque observamos que as mulheres, ao relatarem as suas histórias de vida, enfatizaram a sua própria trajetória de vida, sendo que não mencionaram a existência de nenhum período distinto durante o transcorrer da vida adulta, mesmo em relação à velhice, pois a maioria diz que não se preocupou com o fato de que estava envelhecendo. Consideramos que este trabalho, ao

apontar estas diferenças, contribui para reforçar a necessidade de, cada vez mais, contextualizar o estudo do envelhecimento.

Para finalizar nossa discussão, podemos dizer que a maioria das definições apresentadas são favoráveis ao entendimento do envelhecimento como um processo que faz parte de nossas existências, desde que não morramos prematuramente e antes de atingirmos a velhice, que também foi considerada como um período que dá continuidade à nossa vida adulta e que pode ser vivenciado de uma forma satisfatória; sendo que, neste sentido, estes resultados parecem coincidir com os encontrados por GUIMARÃES (1998, p. 57).

Consideramos que ainda há muito o que estudar em relação às diferentes representações, significados, conceitos e definições sobre o processo de envelhecimento, que permeiam as experiências de vida de pessoas de grupos sociais distintas, principalmente as que vivem em sociedades contemporâneas sob a perspectiva da modernidade e da pós-modernidade. No entanto, nossos resultados indicam que, além de reconhecer quais são as representações e definições sobre o envelhecimento, também é importante compreender a forma pela qual as pessoas compreendem e vivenciam o envelhecimento durante a trajetória de suas vidas.

Neste sentido, este trabalho poderá contribuir para o desenvolvimento de outros estudos nesta área do conhecimento, bem como que as mulheres desta pesquisa, apesar de toda a adversidade de suas vidas, contribuíram para aprimorar nossa compreensão sobre o processo de envelhecimento, ao apresentarem depoimentos de vida que sinalizam alternativas para a vivência de uma velhice com qualidade de vida, alegria e satisfação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo do Envelhecimento foi caracterizado como sendo de investigação interdisciplinar, em função da diversidade de tendências teóricas e metodológicas existentes nos estudos que compõem esta área; como também quanto às naturezas biológicas, social e psicológica de seu objeto de estudo. Observamos que este campo não apresenta uma tradição teórico-metodológica dominante, apesar da caracterização de uma tendência predominante em relação às demais, especialmente quanto à associação do envelhecimento com a doença e a morte; o que parece estar dificultando a associação deste processo também com a saúde, a qualidade de vida e a promoção de saúde.

Neste sentido, podemos dizer que a análise predominante do envelhecimento parece ser aquela que o reduz às características do envelhecimento patológico como, por exemplo, às doenças e incapacidade associadas à velhice. O discurso dos especialistas, que representam esta tendência, parece descaracterizar o estudo do envelhecimento em relação à saúde e à promoção de saúde, talvez porque os paradigmas vigentes não sejam suficientes para dar conta dos problemas emergentes neste campo, principalmente quando associamos o processo de envelhecimento com os conceitos de saúde, qualidade de vida e promoção de saúde.

O grande desafio que o estudo do envelhecimento apresenta à Saúde Pública parece ser o de adoção de novos esquemas de explicação teórico-metodológico, que possam viabilizar a sua análise a partir de parâmetros distintos, especialmente quanto à promoção de saúde de grupos sociais que ainda não podem ser

considerados como idosos, ou seja, grupos com pessoas que ainda não atingiram a idade de 65 anos.

O balanço teórico-metodológico que apresentamos sobre a produção científica no campo do envelhecimento, especialmente quanto ao envelhecimento a partir das perspectivas teóricas e metodológicas que empregam o curso de vida como recurso de análise, nos permitiu verificar como o estudo do **curso de vida** [life course] se desenvolveu como campo de investigação interdisciplinar, em função da confluência de diferentes disciplinas, diversas metodologias e correntes de pensamento distintas.

Este balanço também nos permitiu verificar como este conceito pode operar a fim de ampliar a nossa análise sobre o processo de envelhecimento nas sociedades contemporâneas, sendo a inclusão de novas histórias de vida uma destas possibilidades, à medida em que contribuem para a emergência de novos problemas e desafios, que podem enriquecer este campo de investigação. Observamos também que o conceito sobre **curso de vida** pode ser considerado como um conceito heurístico, à medida em que vem sendo aplicado a vários contextos, nos quais trata de diferentes ordens de fenômenos.

Por outro lado, na análise das tendências teórico-metodológicas que compõem este campo de investigação, verificamos que este conceito é utilizado tanto para designar o objeto de estudo de algumas destas tendências, como também para denominar outras; fato que parece indicar a necessidade de uma adequação da linguagem utilizada nesta área. Neste sentido, o nosso exercício de aproximação teórica e metodológica entre os conceitos de histórias de vida, trajetórias de vida e cursos de

vida parece sugerir a necessidade de adotarmos um outro termo para distinguir o nosso objeto de estudo das tendências teórico-metodológicas do campo. No caso, podemos pensar na possibilidade de utilizar o termo **trajetória de vida**, desde que preservemos as características definidoras deste termo, para identificar o nosso objeto de estudo; reservando o de **curso de vida [life course]** para designar as tendências teóricas e metodológicas deste campo.

Em relação ao conceito de história de vida, observamos que uma de suas características é a associação entre a experiência de vida das pessoas, ou a de grupos sociais, com a do contexto social, cultural e histórico no qual estão inseridas. Neste sentido, consideramos que tanto a inclusão de novas histórias de vida, com também a de novos depoimentos de vida, poderão favorecer novas reflexões teóricas e metodológicas sobre o envelhecimento, à medida em que apresentam a forma pela qual as pessoas vivem o seu próprio envelhecimento em diferentes contextos sociais, culturais e históricos.

Para ilustrar nossa afirmação, apresentamos alguns dos nossos resultados que indicam diferentes vivências do envelhecimento, que nos auxiliam a caracterizar a forma pela qual os depoimentos de vida podem contribuir para a expansão deste campo. Os depoimentos de vida que foram analisadas indicam o desenrolar da vida adulta das mulheres, nascidas entre os anos de 1926 e 1936, inscrita no contexto social, histórico, cultural e econômico que permeou a trajetória de suas vidas.

Estes depoimentos também apresentam fragmentos da história de seu tempo, valores e costumes característicos de seus grupos

de referência. Observamos que o desenrolar da vida adulta destas mulheres foi pautado em valores como os costumes da família de origem, o casamento, a constituição de sua própria família e os filhos; com exceção das mulheres solteiras, que, mesmo assim, em seus depoimentos de vida, reafirmam os valores e os costumes de suas famílias de origem.

O ideal do casamento, a constituição de sua própria família e os filhos representam os elementos que possibilitaram a reafirmação de suas identidades como mulheres adultas daquela época. O trabalho também pode ser considerado como um dos eventos que influenciou a trajetória de suas vidas, no sentido que contribuiu para direcionar as suas vidas. Para a maioria das mulheres entrevistadas, o trabalho está associado à necessidade de ajudar às suas famílias de origem quando ainda eram solteiras, em função da ausência e/ou da morte do pai, seguida da necessidade de contribuir com o orçamento de suas próprias famílias depois de casadas.

A maioria destas mulheres não teve acesso à educação formal, com exceção de Lúcia, Nair, Ana e Carmen, fato que está associado à concepção de que as mulheres, principalmente as daquela época, não precisavam estudar porque sua função principal era a de cuidar de suas casas, dos filhos e de sua família. A família de origem destas mulheres teve um papel determinante em suas vidas quanto à realização de seus casamentos, à iniciação ao mercado de trabalho, entre outros eventos de suas vidas. No entanto, também pode ser considerada como um obstáculo para o prosseguimento de seus estudos, o que acarretou na sua exclusão dos processos de educação formal, do acesso ao mercado de trabalho formal e de melhores oportunidades de trabalho.

As mulheres que entrevistamos podem ser caracterizadas como "*cuidadoras*" dos outros, em função de sua dedicação e preocupação com os filhos, maridos, família de origem; bem como em função dos valores e eventos que conferiram significado às suas vidas. Em suas histórias de vida, também é possível identificar a sua dependência em relação a terceiros como, por exemplo, a autoridade do pai, ou de outras pessoas mais velhas no caso das órfãs, a autoridade do marido, genros/noras e netos, que assumiram e/ou assumem para si a responsabilidade de suas vidas.

Algumas das mulheres entrevistadas caracterizam o envelhecimento como período de exclusão da vida normal, ou seja, a perda dos significados que anteriormente caracterizaram as suas vidas como, por exemplo, trabalho, família e a possibilidade de realizar diferentes atividades. Estas parecem associar o envelhecimento com a doença, a solidão, o abandono e também através da impossibilidade de realizar as atividades que anteriormente realizavam, neste sentido, reproduzem o discurso dos especialistas em envelhecimento. Estas concepções negam a existência do envelhecimento, pois como estas mulheres não consideram que estão doentes, porque elas continuam a levar as suas vidas com autonomia e independência, consequentemente, também não se sentem velhas e consideram que estão envelhecendo, pois acreditam que apenas continuam o seu movimento através de suas vidas.

No entanto, observamos diferenças entre a forma pela qual caracterizam o processo de envelhecimento e as maneiras através das quais o vivenciam, sendo que as suas caracterizações parecem estar mais relacionadas aos seus próprios receios e temores do que com a forma pela qual estão vivendo este período em suas

vidas. Outro aspecto a ser considerado é que a maioria destas mulheres reconhecem tanto as perdas, como os ganhos do processo de envelhecimento, com algumas variações individuais quanto a um reconhecimento maior de perdas ou de ganhos, ou vice-versa; como também, apresentam sugestões positivas para aqueles que estão envelhecendo.

A maioria das mulheres que entrevistamos apontaram a importância de se manter em atividade e em contato com os outros, indicando variações quanto à natureza das atividades que gostam ou que gostariam de desenvolver. Esta ênfase em manter alguma atividade, principalmente as de lazer, pode estar sinalizando uma necessidade destas de suprir carências que foram se acumulando ao longo de suas vidas. Observamos que, apesar de terem relatado algumas das perdas previsíveis do envelhecimento, a maioria destas mulheres se considera feliz e estão satisfeitas com as atividades que estão desenvolvendo. Esta satisfação talvez possa ser interpretada a partir do contato que mantêm com outras pessoas, quer através dos grupos de Terceira Idade, ou da igreja, ou com amigos e familiares, fato que parece favorecer a reorganização de suas vidas a partir de outros significados.

Esta "satisfação" também parece indicar que a velhice pode ser um período oportuno para se dedicar a si mesmo, podendo ser considerada como um processo reflexivo, o qual nos possibilita assumir o comando de nossas próprias vidas e de decidir, para um futuro próximo, a maneira pela qual gostaríamos de levar as nossas vidas, desde que não tenhamos nenhuma incapacidade física e/ou psicológica grave.

Dos depoimentos de vida que analisamos, destacamos os de Ana, Carmen e Lúcia, que foram as únicas que descreveram o

processo de envelhecimento a partir de outros indicadores que não foram a doença, a solidão e o abandono; mas, o descreveram como uma boa experiência, como uma possibilidade de aprender e de curtir a vida. Observamos que a vida destas três mulheres foi organizada e configurada de uma forma distinta da demais, apesar das semelhanças existentes em relação às outras, quanto aos valores e costumes de sua época.

Estas mulheres, por pertencerem a classes sociais mais altas e/ou por terem mais anos de estudo do que as outras, tiveram a possibilidade de ter acesso a outras informações, a outros grupos de referência, com diferentes valores e cultura, que acrescentaram outros significados às suas vidas que permitiram que ultrapassassem os valores tradicionais da família, trabalho e do casamento. Estas três mulheres têm uma vivência distinta do envelhecimento em relação às outras, sendo que esta "*distinção*" pode ser caracterizada pela independência em relação a terceiros, bem como pela satisfação que sentem por terem realizado e estarem realizando todos os seus planos e sonhos; fato que as coloca na posição de cuidadoras de si mesmas, além de cuidadoras dos outros.

Os nossos resultados indicam que as diferenças encontradas entre os depoimentos de vida destas mulheres, pelo menos as mais significativas, estão relacionadas a diferenças de classe social e no número de anos estudados; como também, aos diferentes eventos de suas vidas, que distinguiram a trajetória da vida de Ana, Carmen e Lúcia das outras mulheres. Neste sentido, parece que estes depoimentos ampliam o estudo do envelhecimento ao indicar que "*as oportunidades educacionais e sociais, a saúde*

física e mental e o estilo de vida" (NERI, 1999b, p.12) também são importantes na determinação do processo de envelhecimento.

Se analisarmos nossos resultados em termos de sugestões para outros problemas de pesquisa, podemos dizer que estes sinalizam a viabilidade de empreender estudos sobre as concepções destas mulheres sobre saúde, a prevenção e a promoção de saúde, que poderiam incluir aspectos como, por exemplo, a menopausa, envelhecimento, entre outros; sendo interessante analisar grupos de mulheres, com idades inferiores àquelas que priorizamos. Neste sentido, ao associarmos o conceito de envelhecimento, com o de promoção de saúde e vida adulta poderemos caracterizar um novo desafio para os campos da Saúde Pública e do Envelhecimento.

Neste trabalho, também verificamos que as informações dos depoimentos de vida destas mulheres foram suficientes para atender aos nossos objetivos, o que indica a eficácia da utilização deste instrumento em estudos sobre o envelhecimento, principalmente nos que são desenvolvidos sob a perspectiva teórica-metodológica do **curso de vida**. A adoção desta perspectiva também foi importante, porque permitiu verificar como a trajetória de vida das pessoas é influenciada tanto por aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos, como também por características biológicas, psicológicas e de seu meio-ambiente.

A análise dos depoimentos de vida destas mulheres indicou semelhanças quanto aos significados que caracterizaram as suas vidas, como também destacou diferenças na vivência dos eventos que marcaram a sua época. A análise da vida destas mulheres permitiu que assinalássemos as diferenças sociais, históricas e

culturais, tanto na forma pela qual concebem o envelhecimento, como também em relação as maneiras através das quais o vivenciam. O que coloca a questão da condição de classe, ao lado das relações de gênero, como elementos importantes a serem considerados.

A maioria das concepções sobre o processo de envelhecimento que foram apresentadas favorecem a sua compreensão como um processo que faz parte de nossas existências, bem como que a velhice é um período que dá continuidade à nossa vida adulta e que pode ser vivenciada de uma forma satisfatória. Se por um lado, algumas destas mulheres reproduziram o discurso dos especialistas em envelhecimento, ao associá-lo às doenças e a morte; a maioria delas conseguiu ampliar o seu campo de análise, a partir de sua própria experiência de vida, ao associá-lo com um período de nossas vidas que pode estar relacionado à satisfação, ao bem estar e à qualidade de vida.

Os depoimentos de vida destas mulheres contribuíram para vislumbrar as possibilidades virtuais de ampliação dos campos de investigação do Envelhecimento, da Saúde Pública e do Curso de Vida, mas a contribuição que parece ser a mais importante é a de sinalizar a possibilidade de viver a velhice com qualidade de vida, alegria e satisfação, ou seja, que é possível envelhecer sorrindo.

9. REFERÊNCIAS:

Achenbaum, A. Images of Old Age in America, 1790-1970: A Vision and a Re-vision. In: Featherstone M, Wernick A (Eds). **Images of Aging: Cultural Representations of Later Life**. London: Routledge; 1995. p. 19-28. [Chiefly papers presented at "Images of Aging" 1st Conference, Trent University, Peterborough, Canada; 1992].

Alasuutari, P. Desire and Craving. **Acta Universitatis Tamperensis**. University of Tampere. 1990: 288; ser A.

Alasuutari, P. **Researching Culture: Qualitative Method and Cultural Studies**. London: SAGE; 1995. p. 70-82.

Allison, P D. **Event history analysis: Regression for longitudinal event data**. Beverly Hills, CA SAGE; 1984. [SAGE University Papers, Quantitative Applications in the Social Sciences, no. 07-046].

Alvarenga, A T. **O Conceito de Risco na Área Materno-Infantil: Considerações Teóricas, metodológicas e de Aplicação**. São Paulo; 1984. [Tese de Doutorado em Saúde Materno-Infantil - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo].

Alvarenga, A T. A Saúde Pública como campo de investigação interdisciplinar e a questão metodológica. **Saúde e Sociedade**. 1994; volume 3, número 2: 22-41.

Antler, J. Feminism as life-process: The life and career of Lucy Sprague Mitchell. **Feminist Studies**. 1981: 7; 134-157.

Ariès, P. **Centuries of Childhood: A social history of family life**. Trans. R. Baldick. London: Cape; 1962.

Ariès, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª Edição. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A.; 1981.

Atkinson R. **The Life Story Interview**. London: SAGE University Papers Series; 1998. [Qualitative Research Methods].

Baltes P B, Reese H W, Nesselroade J R (Eds). **Life-span developmental psychology: Introduction to research methods**. Monterey, CA: Brooks/Cole; 1977.

Baltes P B, Willis S L. Life-span Developmental Psychology, Cognitive Functioning and Social Policy. In: Riley, M W (Ed). **Aging from Birth to Death**. Boulder, CO: Westview Press; 1979. p. 15-46. [AAAS Select Symposium no. 30, vol. 1: "Interdisciplinary Perspectives"].

Baltes P B, Cornelius S W, Nesselroade J R. Cohort effects in developmental psychology. In: Nesselroade J R, Baltes P B (Eds). **Longitudinal research in the study of behavior and development**. New York: Academic Press; 1980a. p. 61-87.

Baltes P B, Reese H W, Lipsitt L P. Life-span developmental psychology. **Annual Review of Psychology**. 1980b; 31:65-110.

Baltes P B, Baltes M M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation.

In: Baltes P B, Baltes M M (Eds). **Successful aging: Perspectives from behavioral sciences**. Cambridge: Cambridge University Press; 1990.

Baltes P B, Smith J, Staudinger U M, Sowarka D. Wisdom: One facet of successful aging? In: Perlmutter, M (Ed). **Late-life potencial**. Washington: Gerontologic Society of America; 1990. p. 63-81.

Baltes, P B. Prefácio. In: Neri, A L (Org). **Psicologia do Envelhecimento**. Campinas: Papirus; 1995. p. 9-12. [Coleção Viva idade].

Bardin, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70; 1979.

Barros, M.M.L. Testemunho de Vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. volume 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1981. p.11-70.

Bassit, A Z. **A Construção/Transformação da Identidade de Médico Liberal e Autônomo**. São Paulo; 1992. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

Bateson, M C. **Composing a Life**. New York: A PLUME BOOK; 1990.

Brasil. Decreto número 1.948 de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei número 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõem sobre a Política Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário**

Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 5 de janeiro de 1994. p. 1.

Beck, U. **Risk Society: Towards a New Modernity.** Translated by Mark Ritter. London: SAGE; 1993. [Theory, Culture & Society Series].

Bennett S K, Elder G H Jr. Women's work in the family economy: A study of depression hardship in women's lives. **Journal of Family History.** 1979; 4: 153-176.

Bergeman, C S. **Aging: genetic and environmental influences.** USA: SAGE; 1997. [Individual Differences and Development Series; vol. 9].

Berger P, Luckmann T. **Construction of Reality.** New York: Doubleday & C; 1967.

Berquó, E. Pirâmide da Solidão. In: **Anais do Quinto Encontro Nacional de Estudos Populacionais.** Águas de São Pedro: ABEP; 1986.

Berquó, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: **Anais do I Seminário Internacional "Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século".** Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria da Assistência Social; 1996. p.16-34.

Bond J, Briggs R, Coleman P. The Study of Ageing. In: Bond J, Coleman P, Peace S (Edited by). **Ageing in Society: an**

introduction to Social Gerontology. Second Edition. London: SAGE; 1994. p. 19-52.

Bourdieu, P. **Ésquisse d'une théorie de la pratique.** Genève: Librairie Droz; 1972.

Bourdieu, P. Condições de Classe e Posição de Classe. In: **Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Editora Perspectiva; 1974.

Bourdieu, P. A juventude é uma palavra. In: **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero; 1983.

Bourdieu, P. **Sociology in Question.** Translated by Richard Nice. London: SAGE; 1993. [Theory, Culture & Society Book Series].

Bosi, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** 1ª Reimpressão. São Paulo: T. A. Queiroz; 1983.

Brim, O G Jr. Socialization Through the Life Cycle. In: Brim O G Jr, Wheeler S. **Socialization after Childhood: two essays.** New York: Wiley; 1966. p. 1-49.

Bühler, C. The curve of life as studied in biographies. **The Journal of Applied Psychology.** 1935; 19(4): 405-409

Bühler, C. The developmental structure of goal setting in group and individual studies. In: Bühler C, Massarik F (Eds). **The Course of Human Life.** New York: Springer; 1968. p. 27-54.

Bytheway, B. **Ageism.** Great Britain: Open University Press; 1995.

Campos, M C S de S. Women in São Paulo in The Family and in The Work Market: Behavior and Representations. In: Kalekin-Fishman, Deborah (Eds). **Designs for Alienation.** Sophi, Finland: University of Jyvaskyla; 1998.

Castells, M. **The Rise of the Network Society: The information age: economy, society and culture.** Volume 1. Oxford: Blackwell Publishers; 1996.

Cavanaugh, J C. Introduction to Adult Development and Aging. In: **Adult Development and Aging.** Second Edition. Pacific Grove, California: Brooks/Cole Publishing Company; 1993. p. 5-33.

Chataignier G, Reis L M A. **Nova Idade - 50 anos é o máximo.** Rio de Janeiro: Rocco; 1996.

Clausen, J A. The Life Course of Individuals. In: Riley M W, Johnson M, Foner A. **Aging and Society III: A Sociology of Age Stratification.** New York: Russell SAGE Foundation; 1972. p. 457-515.

Coleman, J S. **Longitudinal data analysis.** New York: Basic Books; 1981.

Coleman P, Bond J, Peace S. Ageing in the twentieth century. In: Bond J, Coleman P, Peace S. (Edited by). **Ageing in Society: an introduction to Social Gerontology.** Second Edition. London: SAGE; 1994. p. 1-18.

Costa P T Jr, McCrae R R. Still stable after all these years: Personality as a key to some issues in adulthood and old age. In Baltes P B, Brim O G Jr (Eds). **Life-span development and behavior**. Volume 3. New York: Academic Press; 1980.

Debert, G.G. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. In: Debert, G G (organizadora). **Antropologia e Velhice**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH/UNICAMP; 1994a. p. 7-30. [Textos Didáticos, número 13].

Debert G G, Simões J A. A aposentadoria e a invenção da "Terceira Idade". In: Debert, G G (organizadora). **Antropologia e a Velhice**. Campinas: IFCH/UNICAMP; 1994b. p. 31-48. [Textos Didáticos, número 13].

Debert, G G. As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. In: **Anais do I Seminário internacional "Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século**. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria da Assistência Social; 1996. p. 35-45.

Denzin, N K. **The Research Act**. Chicago: Aldine Publishing Co; 1970.

Denzin, N K. **Interpretive biography**. Newbury Park, CA: SAGE; 1989. [Qualitative Research Methods no. 17].

Deps, V L. **A transição à aposentadoria na percepção de professores recém aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo**. Campinas: UNICAMP; 1994. [Tese de doutorado em Educação, UNICAMP].

Derntl, A M. As Muitas Autonomias e o Autocuidado. **Revista de Gerontologia**. 1998; 6(4): 197-199.

Duchiade M P. População Brasileira: um retrato em movimento. In: Minayo, M C S (organizadora). **Os Muitos Brasis - saúde e população na década de 80**. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: ABRASCO; 1995. p. 14-56.

Elder, G H Jr. **Children of the Great Depression: Social Change in Life Experience**. Chicago: University of Chicago Press; 1974.

Elias, N. **The Civilizing Process: The History of Manners**. Oxford: Blackwell; 1978.

Erikson, E H. **Childhood and Society**. New york: Norton; 1950

Erikson, E H. **Young man Luther: A study in psychoanalysis and history**. New York: Norton; 1958.

Erikson, E H. **Identity: youth and crisis**. New York: Norton; 1968.

Erikson, E H. **Gandhi's truth: On the origins of militant nonviolence**. New York: Norton; 1969.

Erikson, E H. **Life history and the historical moment**. New York: Norton; 1975.

Erikson, E H. Reflections on Dr Borg's life cycle. **Daedalus**. 1976; 105: 1-28.

Featherman D L, Sørensen A. Societal transformation in Norway and change in the life course transition into adulthood. **Acta Sociologica**. 1983; 26: 105-126.

Featherman D L, Lerner R W. Ontogenesis and sociogenesis: Problematics for theory and research about development and socialization across the lifespan. **American Sociological Review**. 1985; 50: 659-676.

Featherstone, M. **Re-Charting the Life Course**. [Public lecture presented to São Paulo Professionals, sponsored by the São Paulo Convention Bureau and the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1991 april 10; São Paulo, Brasil].

Featherstone, M. The Life Course: Body, Culture and Imagery in the Ageing Process. In: Wada, S (Ed). **Studies on the Social and Cultural Backgroud of the Image of Ageing**. Tokyo: Waseda University Press; 1992.

Featherstone, M. **Reorientando o Curso da Vida**. Tradução de Andrea Bassit e Sergio Mendes. [Palestra apresentada durante a "I Conferência sobre o Atendimento à Terceira Idade", promovida pela Secretaria Municipal da Família e Bem Estar Social, Prefeitura do Município de São Paulo; 1993 março 29; São Paulo, Brasil].

Featherstone, M. **Youth, Adolescence and the transition into Adult Life**. [Paper prepared for the "Pré-Conferência Internacional Youth 2000, Adolescência: Espaços e Formas", promovida pela Faculdade de Saúde Pública, da Universidade de

São Paulo, Centre for the Study of Adult Life C-SAL, School of Human Studies, University of Teesside, Middlesbrough, Inglaterra; 1994a março 14; São Paulo, Brasil].

Featherstone, M. O Curso da Vida: Corpo, Cultura e Imagens do Processo de Envelhecimento. Tradução de Deborah Stucchi. In: Debert, G G (organizadora). **Antropologia e Velhice**. Campinas: IFCH/UNICAMP; 1994b. p. 49-71. [Textos Didáticos, número 13].

Featherstone M, Hepworth M. The Mask of Ageing and the Postmodern Life Course. In: Featherstone M, Hepworth M, Turner B S (Edited by). **The Body: Social Process and Cultural Theory**. London: SAGE; 1995. [in association with Theory, Culture & Society].

Featherstone, M. **O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-Modernismo e Identidade**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel: SESC; 1997. [Coleção Megalópolis].

Featherstone M, Hepworth M. Ageing, the lifecourse and the sociology of embodiment. In: Scambler G, Higgs P (Edited by). **Modernity, Medicine and Health - Medical Sociology Towards 2000**. London: Routledge; 1998. p. 147-175.

Freud, S. Leonardo da Vinci and a memory of his childhood. In: Strachey J (Ed and Trans). **The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud**. Volume 11. London: Hogarth; 1957. p. 59-137. [Original work published in 1910].

Fundação SEADE. **O Idoso na Grande São Paulo**. São Paulo: SEADE; 1990. [Coleção Realidade Paulista].

Gergen, M M. Narrative structures in social explanation. In: Antaki, C (Eds). **Analysing everyday explanation. A casebook of methods**. London: SAGE; 1988.

Giddens, A. The Trajectory of the Self. In: **Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age**. Oxford: Polity Press; 1991. p. 70-108.

Giele, J Z. Cohort variation in life patterns of educated women, 1911-1960. **Western Sociological Review**. 1982; 13(1): 1-24.

Giele, J Z. Gender and sex roles. In: Smelser, N J (Ed). **The handbook of Sociology**. Newbury Park, CA: SAGE; 1988. p. 291-323.

Giele J Z, Elder G H Jr. The Life Course Mode of Inquiry. In: Giele J Z, Elder G H Jr (Editors). **Methods of Life Course Research: qualitative and quantitative approaches**. USA: SAGE; 1998a. p. 1-4.

Giele J Z, Elder G H Jr. Life Course Research: Development of a Field. In: Giele J Z, Elder G H Jr (Editors). **Methods of Life Course Research: qualitative and quantitative approaches**. USA: SAGE; 1998b. p. 5-27.

Giele, J Z. Innovation in the Typical Life Course. In: GIELE J Z, Elder G H Jr (Editors). **Methods of Life Course Research: qualitative and quantitative approaches**. USA: SAGE; 1998. p. 231-263.

Gil, A C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4^a Edição. São Paulo: Atlas; 1995.

Gilligan, C. **In a different voice: Psychological theory and women's development**. Cambridge, MA: Harvard University Press; 1982.

Guimarães, M C T V. Velhice: perda ou ganho. **Arquivos de Geriatria e Gerontologia**. 1998; 2 (2): 52-59.

Guimarães, R M. O Processo do Envelhecimento como Campo de Investigação. In: **Anais do I Seminário Internacional "Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século"**. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria da Assistência Social; 1996. p. 71-76.

Gullette, M M. **Declining to Decline: Cultural Combat and the politics of the Midlife**. USA: University Press of Virginia; 1997.

Hagestad, G O. Social perspective on the life course. In: Binstock R, George L (orgs). **Handbook of aging and the social sciences**. 3rd Edition. New York: Academic Press; 1990. p. 151-168.

Haldemann, V. Older Immigrant Women in Montreal. In: Hummel C, Lalive d'Epinay Chr (Eds). **Images of Aging in Western Societies**. Genève: Centre for Interdisciplinary Gerontology - Université de Genève; 1995. p. 157-165. [Proceedings of the 2nd "Images of Aging"Conference - Sierre, Switzerland; july 1993].

Hall, S G. **Adolescence**. 2 Volumes. New York: Appleton; 1904.

Hall. S G. **Senescence: the Last Half of Life**. New York: Appleton; 1922.

Hama, L. Brasil muda a sua cara e envelhece rapidamente. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 1998 maio 2; Caderno especial: Folha Trainee. p. 3.

Hareven, T K. **Family time and industrial time: The relationship between family and work in a New England industrial community**. Cambridge, UK: Cambridge University Press; 1982. [Interdisciplinary Perspectives on Modern History].

Hareven, T K. The Discovery of Old Age and the Social Construction of the Life Course. In: Hummel C, Lalive d'Epinay Chr (Eds). **Images of Aging in Western Societies**. Genève: Centre for Interdisciplinary Gerontology - Université de Genève; 1995a. p. 13-38. [Proceedings of the 2nd "Images of Aging" Conference - Sierre, Switzerland; july 1993].

Hareven, T K. Changing Images of Aging and the Social Construction of the Life Course. In: Featherstone M, Wernick A (Eds). **Images of Aging: Cultural Representations of Later Life**. London: Routledge; 1995b. p. 119-134. [Chiefly papers presented at "Images of Aging" 1st Conference, Trent University, Peterborough, Canada, 1992].

Hill, R. **Family development in three generations: A longitudinal study of changing family patterns of planning and achievement.** Cambridge, MA: Schenkman; 1970. [with Foote, N.].

Hospers, J. **Introducción al análisis filosófico.** Madrid: Alianza Editorial; 1976.

Jamieson A, Harper S, Victor C (Eds). **Critical Approaches to Ageing and Later Life.** Buckingham, Philadelphia: Open University Press; 1997.

Jong, E. **Fear of Fifty.** New York: Harper Paperbacks, Harper Collins Publishers; 1995.

Jöreskog K G, Sörbom D. **Advances in factor analysis and structural equation models.** Cambridge, MA: Abt Books; 1979.

Jung, C. The stages of life. In: Campbell J (Ed). **The portable Jung.** New York: Viking; 1971. p. 3-22.

Kendall P L, Lazarsfeld P F. Problems of survey analysis. In: Merton R K, Lazarsfeld P F (Eds). **Studies in the scope and method of "The American Soldier".** Glencoe, IL: Free Press; 1950. P. 33-196. [Perspectives in Social Inquiry].

Kertzer D L, Keith J. **Age and anthropological theory.** London: Cornell University Press; 1984.

Kenton, L. **Passage to Power: Natural Menopause Revolution.** London: Vermilion; 1996.

Kimmel, D C. Adulthood: Developmental Theory and Research. In: **Adulthood and Aging: an interdisciplinary, developmental view**. Third Edition. New York: Jonh Wiley & Sons; 1990. p. 2-41.

Kohlberg, L. Stage and sequence: The cognitive-developmental approach to socialization. In: Goslin, D A (Ed). **Handbook of Socialization theory and research**. Chicago: Rand McNally; 1969. p. 347-480. [Rand McNally Sociology Series].

Kuhn, T S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva; 1996.

Lalive d'Epinay Chr. Images of Aging in Autobiographical Narratives of Elderly. In: Hummel C, Lalive d'Epinay Chr (Eds). **Images of Aging in Western Societies**. Genève: centre for Interdisciplinary Gerontology - Université de Genève; 1995. p. 141-155. [Proceedings of the 2nd "Images of Aging"Conference - Sierre, Switzerland; july 1993].

Laslett, P. The comparative history of household and family. In: Gordon, M (Ed). **The American family in social-historical perspective**. New York: St. Martin's; 1972. p. 19-33.

Laurell, A C. A Saúde-Doença como Processo Social. In Nunes, E D (org). **Medicina Social: aspectos históricos e teóricos**. São Paulo: Global; 1983, p. 133-158.

Lemos, R. **Quarenta: a idade da loba**. 9ª Edição. São Paulo: Editora Globo S. A; 1995.

Lerner, R W. **Developmental psychology: Historical and philosophical perspectives**. Hillsdale: Earlbaum; 1983.

Levinson D J, Darrow C N, Klein E B, Levinson M H, McKee B. Periods in the adult development of men: Ages 18 to 45. **Counseling Psychologist**. 1976; 6: 21-25.

Levinson, D J. **The seasons of a man's life**. New York: Ballantine Books; 1978. [with Charlotte N. Darrow, Edward B. Klein, Maria H. Levinson, Braxton McKee].

Levinson, D J. **The seasons of a woman's life**. New York: Ballantine Books; 1997. [in collaboration with Judy D. Levinson].

Lorenzetto, M A. **As Senhoras do Tempo**. São Paulo: Texto Novo; 1998.

Mattos, F M. **Velha é a Vovozinha - Identidade feminina na velhice**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPGAS; 1990. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

Meihy, J C S B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola; 1996.

Merton, R K. The bearing of empirical research upon the development of social theory. **American Sociological Review**. 1948; 13: 505-515.

Merton, R K. Remarks on theoretical pluralism. In: Blau P M, Merton R K (Eds). **Continuities in Structural Inquiry**. Beverly Hills, CA: SAGE; 1981. p. i-vii.

Minayo, M C de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 3ª Edição. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: ABRASCO; 1994.

Minayo M C de S (Organizadora), Deslandes S F, Neto O C, Gomes R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 9ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes; 1998.

McMorrow, F. **Midolence: the Dangerous Years**. New York: Quadrangle; 1974.

Neri, A L. Psicologia do Envelhecimento: Uma área emergente. In: Neri, A L (org). **Psicologia do Envelhecimento**. Campinas: Papirus; 1995. p. 13-40.

Neri, A L. **Qualidade de Vida na Velhice e Atendimento Domiciliário**. Campinas: UNICAMP; 1999a. Texto no prelo. [Cópia de Circulação restrita ao Curso de Pós Graduação em gerontologia da UNICAMP].

Neri, A L. **O Fruto Dá Sementes: Processos de Amadurecimento e Envelhecimento**. Campinas: UNICAMP; 1999b. [Texto em fase de elaboração, circulação restrita].

Neugarten B L, Hagestad G O. Age and the life course. In: Binstock R H, Shanas E (Eds). **Handbook of aging and the social sciences**. New York: Van Nostrand Reinhold; 1976. p. 35-55.

Öberg P, Ruth J-E. Old Age as reflected in the Life Stories of Elderly Finns. In: Hummel C, Lalive d'Epinay Chr (Eds). **Images od Aging in Western Societies**. Genève: Centre for Interdisciplinary Gerontology - Université de Genève; 1995. p. 120-139. [proceedings of the 2nd "Images of Aging"Conference - Sierre, Switzerland; july 1993].

Organização Mundial da Saúde. **I Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde**. Canada: Ottawa; 1986.

O'Rand, A M. The Craft of Life Course Studies. In: Giele J Z, Elder G H Jr. **Methods of Life Course Research: qualitative and quantitative approaches**. USA: SAGE; 1998. p. 52-74.

Pereira, D M (organizadora). **Idoso: encargo ou patrimônio? O Envelhecer em São Paulo**. São Paulo: Corpo Municipal de Voluntários, Prefeitura do Município de São Paulo; 1989.

Pereira M L da C, Pimentel R M C L de B, Fontes M C de O. **Mulher 40 graus à Sombra - reflexões sobre a vida a partir dos 40 anos**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva; 1994.

Polkinghorne, D E. Narrative and Self-Concept. **Journal of narrative and Life History**. 1991; 1(2-3): 135-153.

Queiroz, M I P de. Relatos Orais: do "Indizível" ao "Dizível". In: Von Simson, O de M (org). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; 1988.

Ramos L R, Veras R P, Kalache A. Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira. **Revista de Saúde Pública**. 1987; 21(3): 211-224.

Ramos L R, Rosa, T E da C, Oliveira Z M, Medina M C G, Santos F R G. Perfil do Idos em área metropolitana na região sudeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**. 1993; 27(2): 87-94.

Riegel, K F. The dialectic of human development. **American Psychologist**. 1976; 31: 689-700.

Riley, M W. Social Gerontology and the Age Stratification of Society. **The Gerontologist**. 1971; 11(1): 79-88.

Riley, M W. Aging, Social Change, and the power of ideas. **Daedalus**. 1978 (Fall); 107: 39-52.

Riley, M W. Introduction: Life-Course Perspectives. In: Riley, M W (Ed). **Aging from birth to death**. Boulder, CO: Westview Press; 1979. p. 3-13. [AAAS Select Symposium no. 30, vol. 1: "Interdisciplinary Perspectives"].

Riley, M W. A Life Course approach: autobiographical notes. In: Giele J Z, Elder G H Jr (Editors). **Methods of Life Course Research: qualitative and quantitative approaches**. USA: SAGE; 1998. p. 28-51.

Rodgers, W L. Estimable functions of age, period, and cohort effects. **American Sociological Review**. 1982; 47: 774-787.

Rousseau, J-J. **Émile**. Translated by Barbara Foxley. London: Everyman; 1997. [First published in Everyman in 1911].

Rubinstein, R L. Stories told: In-depth interviewing and the structure of its insights. In: Rowles G, reinharz S (Eds). **Qualitative Gerontology**. New York: Springer Publ. Co.; 1988.

SanGiovanni, L. **Ex-nuns: A study of emergent role passages**. Norwood, NJ: Ablex; 1978. [Modern Sociology].

Sarbin, T R. The narrative as root metaphor for psychology. In: Sarbin, T R (Ed). **Narrative psychology: The storied nature of human conduct**. New York: Praeger; 1986. p. 3-21.

Sennett, R. **The Fall of Public Man**. Cambridge: Cambridge University Press; 1976.

Sennett, R. **O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade**. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras; 1988.

Scott J, Alwin D. retrospective versus Prospective Measurement of Life Histories in longitudinal Research. In: Giele j Z, Elder G H Jr (Editors). **Methods of Life Course Research: qualitative and quantitative approaches**. USA: SAGE; 1998. p. 98-127.

Sheehy, G. **Passages: Predictable Crises of Adult Life**. London: Corgi; 1976.

Sheehy, G. **Passagens: Crises previsíveis da Vida Adulta.** 13ª Edição. Tradução de Ronaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A; 1989.

Sheehy, G. **New passages: Mapping Your Life Across Time.** Great Britain: HarperCollins Publishers; 1996.

Shotter, J. Becoming Someone: identity and belonging. In: Coupland N, Nussbaum J F (Eds). **Discourse and lifespan identity.** USA: SAGE; 1993. p. 5-27. [Language and Language Behaviors, vol. 4].

Thorne, B. **Gender play: girls and boys in school.** New Brunswick, NJ: Rutgers University Press; 1994.

Tilly, C. **History and sociological imagining.** New York: New School for Social Research; 1992. p. 1. [Working Paper Series no. 134].

Uhlenberg, P R. A study of cohort life cycles: Cohorts of native-born Massachusetts women, 1830-1920. **Population Studies.** 1969; 23: 407-420.

Veras, R P. **País Jovem com Cabelos Brancos: a saúde do idoso no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, Universidade do estado do Rio de Janeiro; 1994.

Veras, R P. A população idosa no Brasil: considerações acerca do uso de indicadores de saúde. In: Minayo, M C S (organizadora). **Os Muitos Brasis - saúde e população na década de 80.** São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: ABRASCO; 1995a. p. 320-337.

Veras R P, Camargo Jr K R de. Idosos e Universidade: parceria para a qualidade de vida. In: Veras, R P (organizador). **Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de janeiro: Relume-Dumará, UnATI/UERJ; 1995b. p. 11-27.

Waring, J M. Social Replenishment and Social Change: The problem of disordered cohort flow. In: Foner, A (Ed). **American Behavioral Scientist**. 1975; 19(2): 237-256.

Wartofsky, M W. **Introducción a la filosofía de la ciencia**. Madrid: Alianza Universidad; Segunda Edición, 1976.

Woodward K. **Aging and its Discontentes: Freud and Other Fictions**. USA: Indiana University Press; 1991.

Wrigley, E A. **Population and history**. New York: McGraw-Hill; 1969. [World University Library].

**ANEXO 1: OS DEPOIMENTOS DE MARCIA,
ANA E GEORGINA**

1. O DEPOIMENTO DE MARCIA

Marcia: Quando eu tinha 20 anos era tudo bom. Depois dos 20 anos eu fiquei sem o meu pai porque mãe eu não conheci, eu tinha 2 anos e 9 meses quando ela morreu.

Do que a sua mãe morreu?

Marcia: Minha mãe morreu de parto. Depois dos 20 anos para cima é que da para entender toda a vida. Meu pai morreu quando eu tinha 27 anos, e fiquei sozinha na vida com meu irmão no interior do Ceará. Eu fiquei com esse irmão durante 5 anos porque ele solteiro junto comigo, quando ele casou eu vim viver a minha vida aqui em São Paulo, com meus outros irmãos que estavam aqui, eu sendo solteira. Eu levei a minha vida trabalhando como doméstica, e morei 12 anos com uma família japonesa, por sinal me dei muito bem lá, foi onde eu tive tudo. Hoje eu tenho uma casa, agradeço muito a esta senhora que foi muito legal comigo, inclusive ela era mais nova que eu 10 anos. Quando eu estava com a minha casa arrumada, comprei, ajeitei, estava tudo com os meus pertences de pobre, encontrei um viúvo com 5 filhos.

Como é que foi esse encontro D. Marcia?

Marcia: Encontrei este senhor em frente a minha casa. Em frente a minha casa tem um ponto de ônibus e uma padaria e abriram um açougue e ele foi trabalhar lá.

Quantos anos a Sra. tinha naquela época?

Marcia: Eu tinha 50 anos, eu ia fazer 50 no dia 30 de março, e aconteceu de eu conhecer ele em junho. Nós começamos a nos encontrar, ele ficou logo muito alucinado por mim, e eu não tanto por ele, não sei o que me aconteceu eu fiquei com muita dó dos filhos dele. Porque como eu fui criada sem mãe, eu senti naquelas crianças, por exemplo 3 crianças pequenas de 11 a 0 anos, como eu vi todas aquelas crianças quase uns mendiguinhos eu senti em mim o que tinha passado, porque não tive mãe. Eu sabia que ele era um alcoólatra, mas eu via aquelas crianças na minha frente, por aquelas crianças começou um romance e eu me casei com ele.

Quantos anos ele tinha?

Marcia: Na época eu já...., me casei em dezembro eu ia fazer 50 anos em março, casei em dezembro. E ele 45 anos, sendo mais novo que eu 5 anos. Como ele entrou em minha casa com toda a família, eu fui agüentando, porque eu pensei assim; já que eu casei eu não posso separar desses homem porque as crianças ficaram muito ligada a mim, elas me consideravam como mãe, me chamam de mãe. Eu criei essas 3 crianças, tinha uma mocinha de 15 anos, quando ela estava na minha casa teve uma filha, foi mãe solteira, aí ela não assumiu a criança e deixou comigo, com 10 meses de vida deixou comigo, hoje ela tem 16 anos. Há 5 anos atrás meu marido faleceu, eu criei os filhos dele todos bonitinhos, como eu podia, coloquei para estudar, para trabalhar, assumi toda a responsabilidade. Eu assinava como responsável pelo trabalho, pela escola, enfim tudo era eu, ele não estava nem aí. Ele ainda era vivo quando os filhos casaram, há 5 anos atrás ele faleceu e hoje eu estou com a

neta dele. Depois eu fiquei muito solitária com tudo isso que ele era, alcoólatra, sem responsabilidade, sem nada, eu não quis fazer uma coisa feia com o casamento, que era largar, fui assumindo até o dia em que Deus permitiu. Daí eu fiquei muito chateada, muito solitária, eu entrei quase em um desespero, não sei se era amor ou pena do que ele tinha passado, se era saudades, não sei o que é que era, sei que sofri demais, daí encontrei esse lugar. Chegou um folheto lá em casa que estava precisando de gente da 3ª idade aqui, aí eu vim há 4 anos atrás, eu encontrei aqui alegria, paz, já foi se desfazendo aquela angústia, e aquela depressão, e aquela loucura, fui me adaptando a todo mundo, gostando de todo mundo, fazendo meus trabalhinhos como eu posso e devo. Esta aí é a minha história.

Do que faleceu o seu marido?

Marcia: Faleceu de cirrose.

A Sra. tem algum problema de saúde, está em tratamento, alguma dificuldade?

Marcia: Agora não, eu fui operada do útero, em 27 de janeiro eu fiz uma operação do útero, e agora aconteceu que eu quebrei meu braço.

E como é que foi entrar na menopausa para a Sra.?

Marcia: Ah! Dona Ana pelo amor de Deus, eu sofro tudo na minha vida, tudo o que tem e que não tem direito, eu estou aqui mas estou sufocada de calor lá nas pernas, vou em médico e tudo e

conto a minha estória, eu conto toda a minha estória. Eu casei de idade mas não era mulher leviana.

A Sra. era virgem?

Marcia: E, o primeiro homem foi meu marido, e ai eles falaram que tudo isso se trancou. E isso que os médicos falam. Olha até parteira, das minhas patroas elas me mandavam, e eram parteira de hospital, para ver o que era isso que eu sentia muito calor. Ai eles diziam casa, é casar, pode não sarar mas você melhora, porque não tem remédio para você. Eles sempre falavam assim, as doutoras, as enfermeiras, as próprias parteiras. Eu não podia fazer ginecologista, nem nada. Os médicos que eu trabalhei em uma clínica como doméstica, mas eu trabalhei na clínica por 9 meses e toda a semana passava pelo médico que era obrigação deles lá, e eu falava para eles todos, mas D. Marcia é porque a senhora não é casada não tem contato com homem, não teve filho, como se diz a senhora não mexeu com o organismo, que eu não sou estudada não sei falar dessas coisas nem nada. Eles falavam é só isso, porque a mulher foi feita para o homem, o homem para a mulher, a senhora tem natureza para ser mãe de verdade, é a senhora esta segurando para que. E ficava naquilo, sabe. Até que eles mandavam eu procurar um homem...

A Sra. ficou chateada, envergonhada com eles?

Marcia: Demais. Eu chorei até quando o médico falou, vá só porque você é solteirona tem sua família. A minha família era rígida, de um temperamento forte, foi assim que nós fomos criadas. Mas quando eu cheguei em casa eu chorei de desgosto de vergonha. Ai eu fui nesta doutora e ela disse: eu não vou

passar uma gota de remédio para você, e nem posso te examinar de jeito nenhum. Elas não acreditavam que eu era virgem, eu mesmo para a cama para ser examinada para elas acreditarem. Elas diziam, meu Deus para que isso a terra vai comer. Mas a minha educação foi assim, como eu era a solteirona da família, tudo casada e eu solteira, eu dizia eu não vou ser mulher da vida, e se eu fizesse isso lá fora eu me sentiria como uma mulher da vida...

A experiência que a Sra. teve com o seu marido foi boa? Sua vida sexual foi boa?

Marcia: Assim que eu conheci o meu marido, já que eu tinha que procurar uma pessoa lá fora, e eu gosto muito dos filhos deles, ai eu fui em um médico primeiro tomar todo o conhecimento com um médico.....

De como era?

Marcia: Eu tinha medo, né. Não ele falou é assim, assim, assim. Ai foi bom, neste sentido foi muito ótimo porque acabou tudo o que eu tinha, só o calor.

Naquela época a Sra. não tinha menstruação?. Quando é que parou a menstruação da Sra.?

Marcia: 44 anos. Ai eu ia lá nos médicos e falava: não melhorou. Eles melhorou. Já tinha acabado a menstruação. Melhorei 100%, ai fizeram ginecologista.

E a Sra. tinha prazer nas relações sexuais com o seu marido, a Sra. gostava?

Marcia: Gostava, e me senti realizada, entendeu. Se eu falar para a Sra. que até desceu. Já fazia 5 anos, eu fiquei apavorada e aí o médico, e ele falou: acontece que você era virgem, nunca teve relação, aconteceu e tal...

E quando foi que a Sra. começou a perceber que estava envelhecendo, ficando de mais idade?

Marcia: Agora, enquanto eu tive ele eu achava que estava nova entendeu. Achava que era nova, cheia de vida, comecei a envelhecer de 5 anos para cá, que estou sozinha, me sentindo sozinha, amargurada, que a gente se sente, sente a falta do marido, sente a falta do prazer, isso aí..., então a gente começa, agora eu estou ficando velha....

E se a Sra. fosse dar uma definição do que é envelhecer, o que a Sra. falaria. Envelhecer o que é que é ?

Marcia: Para mim envelhecer só é doença.

Mas a Sra. não esta doente?

Marcia: Não, graças a Deus. Não existe envelhecimento, existe doença. Teve saúde, não teve doença, principalmente doenças graves, a pessoa não é velho. Velho não existe, existe doença. Tem pessoas que é velhinho de bengala e se sente feliz, porque é ????

E tem alguma idade neste período que tenha marcado muito a vida da Sra., tirando o casamento que a Sra. já me contou. Tem outra idade, outro fato que a Sra. acha importante?

Marcia: Que eu me senti....

Que foi importante para a Sra.?

Marcia: Não eu acho que aí não foi importante, porque eu só tinha tido decepções. Por que eu.....

Teve alguma observação em relação ao corpo da Sra. , que a Sra. olhou o corpo e falou: eu estou ficando velha, ou algum episódio?

Marcia: Antes de eu casar, eu falava será que não vou casar estou ficando velha

Ai quando casou ficou boa?

Marcia: Quando casei fiquei nova.....

Tem mais alguma coisa que a Sra. queria deixar registrado, algum conselho, alguma orientação?

Marcia: O conselho que eu dou não é um conselho não. A única coisa que dou é que eu gostei muito da entrevista da Sra., e foi um prazer ter lhe conhecido.

Se eu precisar posso voltar e perguntar outras coisa para a Sra.?

Marcia: Claro

Obrigada

2. O DEPOIMENTO DE ANA

Ana: Aos 20 anos, porque eu sou nascida no interior onde me criei até aos 14 anos e depois eu vim para São Paulo para trabalhar. Aos 20 anos eu me encontrava aqui. Vim para trabalhar de doméstica e trabalhei bastante, só que eu tinha dificuldade para tudo, porque eu era semi analfabeta e sabia ler muito pouco. Eu tinha uma ambição que era ganhar mais dinheiro para poder ajudar mais a minha família porque eram super pobres. Então eu tinha que saber fazer para ganhar. Meus dois primeiros empregos eu era ou cozinheira ou baba, trabalhei como cozinheira muito tempo e depois passei a ser baba, e trabalhei 20 anos em uma casa. Sai daquela casa, e eu comecei a pensar que a idade ia passando e eu não casava, eu comecei a ficar assustada porque não pagava esses deveres, as domésticas daquele tempo não tinha esses benefícios que tem hoje em dia então, eu resolvi entrar na escola para me alfabetizar. Fiz o primário, o ginásio eu estava terminando em 1976. E ai apareceu concurso para trabalhar fora e eu precisava pagar a aposentadoria, porque meu maior medo era, porque como eu fiquei órfã, com 5 anos eu perdi minha mãe e com 7 anos perdi o pai, então meu maior medo era ficar velha e as patroas me colocarem em um asilo e eu não ter para aonde ir. Ai eu percebi que para isso não acontecer eu tinha que me preparar. Fiz o ginásio, prestei concurso público, entrei no

serviço público, eu fiquei contente, fiquei feliz, e quanto mais eu fazia mais eu queria fazer. Eu entrei como servente, fui me preparando, fiz datilografia, daí apareceu a informática eu fiz também, fui promovida de servente que eu entrei naquele serviço e depois eu passei a ser auxiliar de secretária, depois a técnica administrativa e com isso me aposentei. Eu sobre velhice que a senhora quer saber, eu não tenho do que me queixar não por que conforme a minha idade ia chegando eu ia melhorando no serviço, eu ia aprendendo, progredindo, ganhando conhecimento, conheci todo mundo. Trabalhei em lugares muito bons, conheci professores muito bons, e eles percebendo que eu queria aprender, um me dava uma apostila outros me davam um ensino, e com isso eu cheguei aonde eu estou. Hoje em dia eu já sou aposentada faz dois anos, mas eu sou feliz graças a Deus.

E a Sra. participa das atividades aqui?

Ana: Sim, eu venho na segunda e terça, segunda é costura e terça é tricô, agora segunda, terça e quinta a gente faz física e todas as sextas que tem uma reunião para todo mundo.

Porque que a senhora não se casou? A Sra. não se casou de papel passado, mas teve algum envolvimento?

Ana: Não. Por que eu reparava muito bem, como até hoje em dia é, naquele tempo a gente via bem, quem tinha mãe e pai tinha mais facilidade de casar, eu não tinha mãe nem pai, eu era órfã.

Porque tinha mais facilidade de casar?

Ana: Por que a família do moço olhava qualquer coisa, até mesmo se tivesse um sítio, uma casinha melhor ainda. Veja bem, eu órfã, morando com a madrinha, analfabeta, não tinha chance mesmo, mas eu não me incomodei tanto com isso, pois o que eu queria mesmo eu consegui que é isso que eu te falei agora: estudar, trabalhar e aprender alguma coisa, naquele tempo as professoras de primário usavam uniforme com saia azul marinho e blusa branca e eu ficava com aquela vontade de um dia entrar na escola. Então eu escutava falar em ginásio, e eu pensava eu vou fazer o ginásio, eu vou fazer o ginásio, a minha madrinha dizia: você não sabe ler como é que você vai fazer , e eu dizia eu vou aprender, e olha foi tão bom, aprendi fiz o tal ginásio, foi muito bom, eu me senti muito feliz.

A Sra. não teve nenhuma paixão, nem um rapaz que a Sra. gostou?

Ana: Tive, mas é por causa disso eu fiquei decepcionada, fiquei muito traumatizada quando eu perdi a minha mãe, então até os 14, 15 anos eu achava que eu não iria me casar por que senão eu ia casar, ter filhos, morria e meus filhos ficavam aí, foi dura a minha vida bem dura mesmo. Depois dos 14 anos em diante eu comecei a arrumar namorados, mas eu trabalhava na casa de uma senhora de babá e quando eu entrei foi combinado que eu só saia de 15 em 15 dias. Então quando eu arrumava um namorado no primeiro encontro tudo bem, no segundo mais ou menos, no terceiro encontro já não dava. Eu fiquei uns 8 anos sem nunca sair de casa aos sábados, então ele dizia sábado eu venho falar com você, mas eu dizia sábado eu não posso sair, mais tinha quem podia, foi por causa disso, depois o tempo foi

passando, passando e eu enfiei em minha cabeça que o melhor mesmo era eu ir me preparar para a minha vida e deixar o casamento de lado.

A Sra. não sente falta de um relacionamento, de ter contato, a Sra. não sente falta?

Ana: Acontece que não dá nem para sentir, por que como eu fui melhorando, depois eu comecei a freqüentar um grupo de terceira idade e a gente passeia muito, tem bailes, tem festas, e eu sou sócia da CMI, eles promovem passeios, congresso, no ano passado teve o congresso luso-brasileiro, por essa época de maio do ano passado nós estávamos nos preparando para ir para a Europa. Eu já fui para a França, Itália, Espanha, Portugal onde foi nosso Congresso, já fui para a Argentina, vários lugares do nosso Brasil, por causa desse Congresso. Dia 27 de abril nós fomos para a Bahia em um Congresso e dia 4 nós voltamos, então não dá tempo, agora não quero mais, mas de repente posso arrumar um contato com qualquer homem, no começo tudo bem mais depois ele vai querer tolher a minha liberdade que é tão boa, tão sadia, não quero não.

Como é que chama essa associação que a Sra. falou?

Ana: CMI.

A Sra. sabe o que significa a sigla?

Ana: Agora esqueci.

Não faz mal depois a Sra. me dá. A Sra. se incomodaria se eu fizesse uma pergunta pessoal?

Ana: Não, pode fazer.

A Sra. nunca teve relacionamento sexual, não sente falta?

Ana: Não, olha eu não sei se eu senti falta, por que no interior se a senhora encontrasse uma moça de 15, 16 anos conversando com um rapaz sozinha durante o dia já servia de comentário, aquela infeliz ou ela se casava com ele ou ela era expulsa do lugar e já entrava na prostituição. Por causa disso a gente ficou meio atravancada, não senti.

Como é que foi a menopausa para a Sra., que idade a Sra. tinha?

Ana: Eu estava com 45 anos, mas não sabia que era o começo e foi até os 48, no começo faltava um mês, depois vinha dois meses seguidos depois faltava o outro. Eu até dava graças a Deus quando faltava por que a minha menstruação era com muita cólica, quando eu resolvi ir ao médico mesmo foi que ela me explicou que era a menopausa aí ela me acompanhou. Eu tinha uma dor de cabeça muito forte tudo isso desapareceu com tratamento, né.

Se a Sra. fosse definir envelhecimento, envelhecer é apreender, melhorar, como é que a Sra. definiria, para deixar registrado. O que a Sra. acha que é envelhecer?

Ana: Envelhecer eu acho que é aprender, e depois passar para a pessoa aquele conhecimento que a gente teve, mas para ser uma

peessoa feliz tem que ter no mínimo saúde que é para gente segurar muito bem a luta, por que não e fácil, por que com saúde mesmo que falte uma roupa, um parceiro, mas não digo alimentação, por que se falta a alimentação até a saúde é baixa. Mas com saúde a gente tem ânimo, é feliz, quer aprender, quer ensinar, quer que a pessoa veja na gente alguma troca, eu sinto assim. Eu moro só mas eu não sou sozinha, qualquer lugar que eu vou está sempre cheio de gente que me quer bem, eu tenho uma amizade aqui em São Paulo de uma colega que nós viemos do interior desde 1946, ela se casou, tem filhos, tem netos, e eu freqüento muito a casa dela, então os filhos dela e os netos eu tenho como se fosse parente, não é parente de sangue, mas é como se fosse.

E se fosse para a Sra. dar um conselho o que falaria?

Ana: Primeira coisa, para quem quer que seja, tanto para adolescente, adulto, primeira coisa que a gente tem que ser é ser honesto, persistente, se a gente acha que pode fazer alguma coisa nem que demore vamos batalhar para aquele fim, eu acho que sem saúde e sem honestidade não tem progresso.

Se eu precisar acrescentar alguma informação com a Sra. D. Ana, eu posso voltar a falar com a Sra.

Ana: Tranqüilamente.

Eu agradeço muito a participação da Sra., obrigada.

3. O DEPOIMENTO DE GEORGINA

A Sra. Pode me contar a sua vida dos 20 anos de idade até agora? Aonde a Sra. Nasceu, etc ?

Georgina: Eu nasci em Minas Gerais.

Veio para cá com quantos anos?

Georgina: Eu vim para São Paulo, com 27 anos.

Já estava casada naquela época?

Georgina: Já estava casada.

Com quantos anos a Sra. casou?

Georgina: Eu casei com 21 anos.

O que aconteceu na sua vida que a Sra. acha que foi importante, evento importante. Como é que foi a vida da Sra., como a Sra. quiser me contar

Georgina: Importante desta época para cá muita coisa não.

Por que não?

Georgina: A gente veio para São Paulo porque aconteceu uns problemas lá, então o meu marido ficou triste e não quis ficar mais lá em Minas. Então ele falou: você quer ir para São Paulo? Eu respondi que não queria sair daqui porque a gente tem criança ainda de menor, eu tinha uma filha com 11 anos,

outra com 5 e uma de 1 ano. Então eu fiquei pensando da gente chegar aqui em uma situação não muito boa. Então ele falou que aonde ele fosse ele me levaria, porque tinha morrido uma irmã longe do marido, e ele pensava, então ele falou: não deixou você de jeito nenhum, eu falei: então vamos. Eu tinha uma irmã aqui em São Paulo, eu escrevi para ela e pedi que arrumasse uma casinha aqui para mim, eu falei casinha, mas não sabia como era a casinha aqui de nós em São Paulo. Ela ficou muito feliz, e respondeu a carta, e falou para mim que iria arrumar a casa, que ela gostaria que nós viéssemos mesmo. Então ela alugou uma casa, e escreveu para mim, que só faltava eu arrumar o dia de vir para São Paulo, aí foi a minha tristeza. Eu não sabia se vinha ou ficava, e o meu marido dizia que não deixava a gente lá. Ele perdeu o prazer de ficar naquela cidade, para ele como era pedreiro faltava muito serviço, a cidade muito pequena não dava para todo mundo. Nós conversamos com o meu pai, e ele tinha que ir na minha casa todo o dia de manhã e a tarde para ver minhas crianças, eu pensei nele coitado, já estava com um pouco mais de 60 anos, e eu não tinha coragem de falar para o meu pai que a gente ia mudar, e meu marido já resolvendo tudo. Um dia meu pai chegou e eu falei: pai eu tenho que falar uma coisa para o Sr., que esta me incomodando muito, eu vou mudar para São Paulo, meu marido vai e ele falou que não deixa a gente. O meu pai não deu nem resposta, ele ficou muito chateado, depois de um tempo eu falou: eu vou sentir muito a falta das crianças. Quando meu marido chegou do serviço eu disse que já havido falado com o meu pai, então esta resolvido nós vamos mesmo. Telefone para sua irmã e diga o dia que nós vamos sair daqui para chegar em São Paulo. Marquei o dia 16 de dezembro para você sair daí, pois chegará no dia 17 de dezembro que cairá em um Domingo, eu estarei na rodoviária esperando vocês. Nós conversamos com os

amigos que tínhamos na cidade e deixamos nossas coisas com eles, para não vender a troco de banana. Eu morava em um mini sítio, tinha fartura de tudo lá. Quando cheguei aqui na rodoviária cedo, parecia um fim de mundo. Quando a minha irmã nos avistou na rodoviária, eu chegou rindo, porque a casa que ela havia alugado ela tinha dispensado, e o lugar que ela morava era muito apertado e dava só para ela, ela mora no Cupecê. E ela falava: quando você chegar lá, você terá uma surpresa, e só ficava rindo. Nós viemos só com as roupas porque não dava para trazer nada, pois não tínhamos como pagar a mudança. Então foi quando ela disse: vamos tomar uma café e depois a gente sai para lugar um cômodo. Ai eu fiquei assustada, porque lá a gente morava em uma casa que tinha 5 cômodos e todo o dia eu reclamava para meu marido, porque achava que a casa era pequena, ele dizia: você precisa ir em uma casa grande para saber o que é uma casa pequena. O lugar era tão pequeno onde morava que só cabia a cama, mesa, e o fogareiro dela, se eu pudesse voltar naquela hora eu teria ido. Depois do almoço, sai eu e minha irmã para alugar a casa, quando víamos as casas com placas para alugar, perguntávamos o preço, mas só queriam alugar para casal sem filhos, isso aconteceu várias vezes, e até as 5 horas da tarde nós não encontramos.

E a Sra. conseguiu a casa?

Georgina: Então alugamos um cômodo, aonde a dona da casa dizia que só iria alugar devido ao meu abatimento, pois tinha viajado a noite toda, porém ela dizia que a filha dela não era flor que se cheira. Nós mudamos, e só levou 15 dias para a filha dela começar, ela aprontava coisas barbaras para cima da gente, eu sofri demais. A minha tia descobriu nosso endereço e

foi nós visitar, a mulher tinha alugado a sala dela para a gente, então a gente conversando ali do outro cômodo se ouvia tudo. Minha tia perguntou como eu estava, e eu falava que estava tudo bem, mais fazia sinal que eu não estava agüentando mais, e ela não entendia nada. Quando ela foi embora eu fui acompanhá-la e no caminho eu contei para ela o que estava acontecendo, então minha tia falou que o filho dela tinha uma casa que estava fechada e iria ver com ele se alugaria para a gente, então nos mudamos para lá.

O que a menina aprontava?

Georgina: Ela batia nas crianças e eu não sabia, porque logo que cheguei eu comecei a trabalhar, mas não tinha sossego, porque tinha um poço lá e eu ficava preocupada dela jogar a criança no poço, porque ela era ruim. Um dia minha filha chegou todo cheia de sangue, porque a menina tinha arranhado ela toda, e a mãe da menina falava: eu não falei para a Sra., por isso que eu não podia alugar a casa para a Sra. E eu não podia reclamar da menina para a mulher porque avisada eu fui. A vizinha falava vai a polícia, mas eu nunca gostei de baixaria, foi indo a menina melhorou. No dia que nos fomos mudar deste lugar, eu agradei a dona da casa. Para esse lugar que eu fui nós fomos muito feliz, até para depois arrumar uma casa com quarto, banheiro, para eu poder ficar mais tranqüila quando você trabalhar.

E a Sra. trabalhava no que?

Georgina: Eu trabalhava de diarista. Nós saímos lá do meu primo, e nós alugamos uma casa de quarto, cozinha e banheiro, ai eu já podia trabalhar mais tranqüila, tinha umas patroas

muito boas, eu trabalhava a semana toda, tinha vez que até de sábado quando me chamavam eu ia, porque eu queria ganhar mais, porque eu e meu marido trabalhando, a gente podia comprar esse terreno que eu tenho aqui nesta avenida. Fomos trabalhando, trabalhando, economizando, para a gente juntar o dinheiro. Quando eu estou com o dinheiro quase junto para comprar o terreno, eu tinha uma irmã que estava lá em Minas e o marido dela estava aqui em São Paulo, ele vai lá passear e minha irmã resolve de vir cá para casa. Ficou eu com 4 filhos e o marido, e a minha irmã chegou com mais 4 e ficou na minha casa. Eu tinha que trabalhar, minha irmã nem na rua em que nós morávamos ela saía, ela tinha medo, e eu não podia falar nada, porque ela já estava por aqui, até ela conseguir juntar dinheiro para fazer um cômodo e se separar de nós. Eu e meu marido saímos para procurar um terreno para comprar, até que chegamos neste aqui, meu marido falou para o dono que íamos pensar mais e voltariamos de noite, o dono disse que queria 1.000 de entrada, mas que como ele era de minha terra, ele deixava por 500. Daí nos demos entrada no terreno isso aconteceu em 1971, aí a gente ficou pagando o terreno e pagando o aluguel, depois de muita luta nos conseguimos terminar de pagar o terreno, o meu marido como era pedreiro nós compramos o material e ele ergueu um quarto e cozinha para a gente poder mudar, depois foi aumentando.

Depois que a Sra. conseguiu sua casa...?

Georgina: Depois que conseguiu arrumar a minha casa foi só alegria. Meu marido era uma pessoa muito boa, a gente combinava muito bem, tudo que ia fazer me consultava e eu consultava a ele.

Faz tempo que ele faleceu?

Georgina: Faleceu vai fazer 3 anos.

Do que ele faleceu?

Georgina: Faleceu de derrame cerebral. Teve derrame em 1995, quando foi da 2º vez deu derrame cerebral, não teve mais jeito, ficou internado 3 dias e veio a falecer.

Ele foi o seu primeiro namorado?

Georgina: Foi. Porque quando a minha mãe faleceu, minha mãe tinha muito filhos eram 7, a mais velha morreu, e a minha mãe me chamou e falou assim: olha eu conheço uma mulher lá na praça que é uma das que eu trabalho para ela, e ela esta precisando de uma menina para ser babá das crianças dela, você podia ir ficar com ela porque assim já era um dinheiro que entrava para ajudar em casa. Então eu fui trabalhar, quando a minha mãe adoeceu, ela morreu de parto...

Quantos filhos a sua mãe teve?

Georgina: Ela teve 9, mas vivo tinha 7. Ela estava de 8 meses, sabe aquela doença a varíola, estava todo mundo com essa doença, e como ela estava grávida de 8 meses a dela não saiu, dizem que fica por dentro, ela veio a falecer por causa disso. Então no dia em que ela faleceu, eu fui visitar ela que estava na casa de uma amiga, então ela me disse: olha, filha, eu estou aqui doente, mas você não precisa se preocupar. A mulher que eu trabalhava na casa dela, foi visitar minha mãe e depois me contou o que minha mãe havido falado com ela, que

era para ela me olhar, cuidar de mim, pois eu já estava trabalhando nesta casa a três anos. Essa mulher foi muito boa para mim, hoje ela esta com 85 anos, foi ela quem fez meu casamento.

Aonde a Sra. encontrou o seu marido?

Georgina: Quando eu conheci o meu marido, foi muito engraçado, eu não fazia nada escondido, mas de vez em quando essa Sra. saia da casa dela e vinha até a esquina que era uma praça, eu saia com as minhas amigas e ficava por ali passeando, então conheci ele ali, eu já tinha conhecido ele antes; só que no tempo da minha mãe, por isso eu acho que tudo é destino da gente. Um Domingo à tarde eu fui visitar a minha mãe e ela estava passando roupa, eu cheguei na janela e passaram três moços, eu não gostava nem que falassem em namorado por que eu era nova, nesse dia eu estava a fim de brincar com a minha mãe, então eu falei: mãe chega aqui na janela um pouco. A senhora está vendo aqueles três moços que estão passando ali, eu não sabia. Ela falou: estou, e eu falei eu vou casar com um deles, você acredita que o meu marido era um daqueles, por que depois ele ganhou uma criança para ser padrinho e eu uma criança para ser madrinha, e foi nesse dia que nós conversamos, mas mesmo assim ainda levou muito tempo por que nós não conversávamos nem nada, eu era menina, não pensava nisso. A minha mãe falou: Se for trabalhador e honesto você pode casar com um deles, não sei se ela conhecia ele, só sei que ela falou. Então quando essa mulher que eu morava com ela ficou sabendo que eu comecei de namorico com aquele rapaz, ela falou: olha aqui, tem que ver que rapaz e esse que a gente não sabe, a gente tem que saber se e trabalhador, honesto. Então um dia ela falou assim: hoje eu vou lá e conhecer esse seu

namorado, e ela foi na praça. Como ela tinha um menino que tinha 3 anos, muitas vezes eu levava ele comigo, pois ele até de mãe me chamava, então ficava eu, ele e meu marido conversando na praça. Então par ela foi uma surpresa, porque ela o conhecia desde criança, porque ele muitas vezes trabalhou para ela de fazer "mandado". O marido dela tinha venda, e muitas vezes ele ficava lá, e ia ao mercado, ao açougue para ele, então ela deixou eu namorar e só me recomendava para ter muito cuidado.

A Sra. tinha alguma orientação do que ia acontecer sobre o comportamento sexual?

Georgina: Não, ninguém me falou nada. Naquele tempo elas não conversavam sobre essas coisas com a gente. Minha mãe nunca conversou.

Como é que a Sra. ficou sabendo sobre a prática?

Georgina: Eu não sabia nada. Quando eu casei, eu não sabia nem como a gente ganhava o filho.

E foi boa a experiência?

Georgina: Foi, foi boa.

E o casamento foi bom?

Georgina: Meu marido era uma pessoa que tinha muita compreensão, sempre teve muita paciência comigo, e ainda brincava comigo dizendo: olha eu te tirei lá da casa da

mulher, mas agora eu sou o seu pai e sua mãe, porque eu sou mais velho, era mais velho que eu 7 anos.

A Sra. teve oportunidade de estudar?

Georgina: Isso eu não tive. Estudei muito pouco, eu leio muito. O meu pai me punha na escola, mas dizia que mulher não precisa estudar, depois cresce fica moça casa e não precisa estudar. O meu pai e minha mãe não sabiam ler, e ele dizia: eu me virei muito bem então vocês também vão ter que se virar. Era assim, então eu estudei bem pouco.

O que a Sra. acha de envelhecer? A Sra. lembra quando começou a perceber que estava envelhecendo?

Georgina: Eu não me preocupo com o envelhecimento. Eu acho que a gente envelhece, tem gente que se preocupa com a velhice. Eu não me preocupo, eu só tenho que agradecer a Deus, eu tenho 64 anos e já passei tanta experiência na vida, e todo o dia quando vou dormir eu agradeço o meu Pai por isso. Eu sou uma pessoa muito feliz, eu tenho aquilo que eu mereci de Deus.

O que é envelhecer para a Sra.?

Georgina: Eu acho que nem estou velha, eu esqueço de pensar que estou velha.

E quando a Sra. entrou na menopausa, a Sra. fez algum tratamento?

Georgina: Eu fiquei com mais experiência, fiquei mais velha, mas não me preocupei com isso não. A gente não deve se preocupar com a velhice.

Por que a Sra. acha que não deve se preocupar com a velhice?

Georgina: Eu pelo menos fui uma pessoa que toda a vida tive muita saúde, hoje os meus filhos não precisam estar dizendo, vai no médico. Eu acho que só de ter saúde nesta vida toda, isso é uma dádiva de Deus.

E se a Sra. fosse definir o que é envelhecer, como a Sra. definiria?

Georgina: Eu nem sei.

Quando a Sra. entrou na menopausa, a Sra. foi a algum médico, fez tratamento, como a Sra. se sentia?

Georgina: Eu só sentia calor, depois o médico disse que isso ia assim e depois acabava. Então eu fiz tratamento uns tempos e depois parei, e o calor passou também, mas foi uns 12 anos de calor.

A Sra. mora sozinha?

Georgina: Eu moro na minha casa sozinha. Mas tem a minha filha que mora lá no quintal.

E a Sra. Lembra, sem ser esse período da Sra., de um outro acontecimento que tenha marcado a Sra.?

Georgina: Não tem nada que eu lembro.

Teria mais alguma coisa que a Sra. gostaria de deixar registrado?

Georgina: Acho que eu já falei tudo. Porque se eu for contar a minha vida toda para você 2 ou 3 dias era pouco.

Mas nestes 2 ou 3 dias que a Sra. não vai me contar, tem alguma coisa que a Sra. lembra sempre, que preocupa a Sra.?

Georgina: Não me preocupo com nada, não. Eu sei que um dia eu vou morrer, única coisa que eu me preocupo e de adoecer e ficar em uma cama para dar trabalho para os outros.

Se eu precisar voltar para algum esclarecimento, a Sra. se incomoda de voltar a conversar comigo de novo.

Georgina: Não.

Então, muito obrigada.